

O BRASIL AGRÍCOLA

OUTUBRO/2001 - Nº 634 - ANO 57 - R\$ 6,00 - www.agranja.com

agranja

desde
1945

Vamos
produzir

100
milhões de toneladas ?!


EDITORA
CENTAURUS



SOLUÇÕES AVANÇADAS,



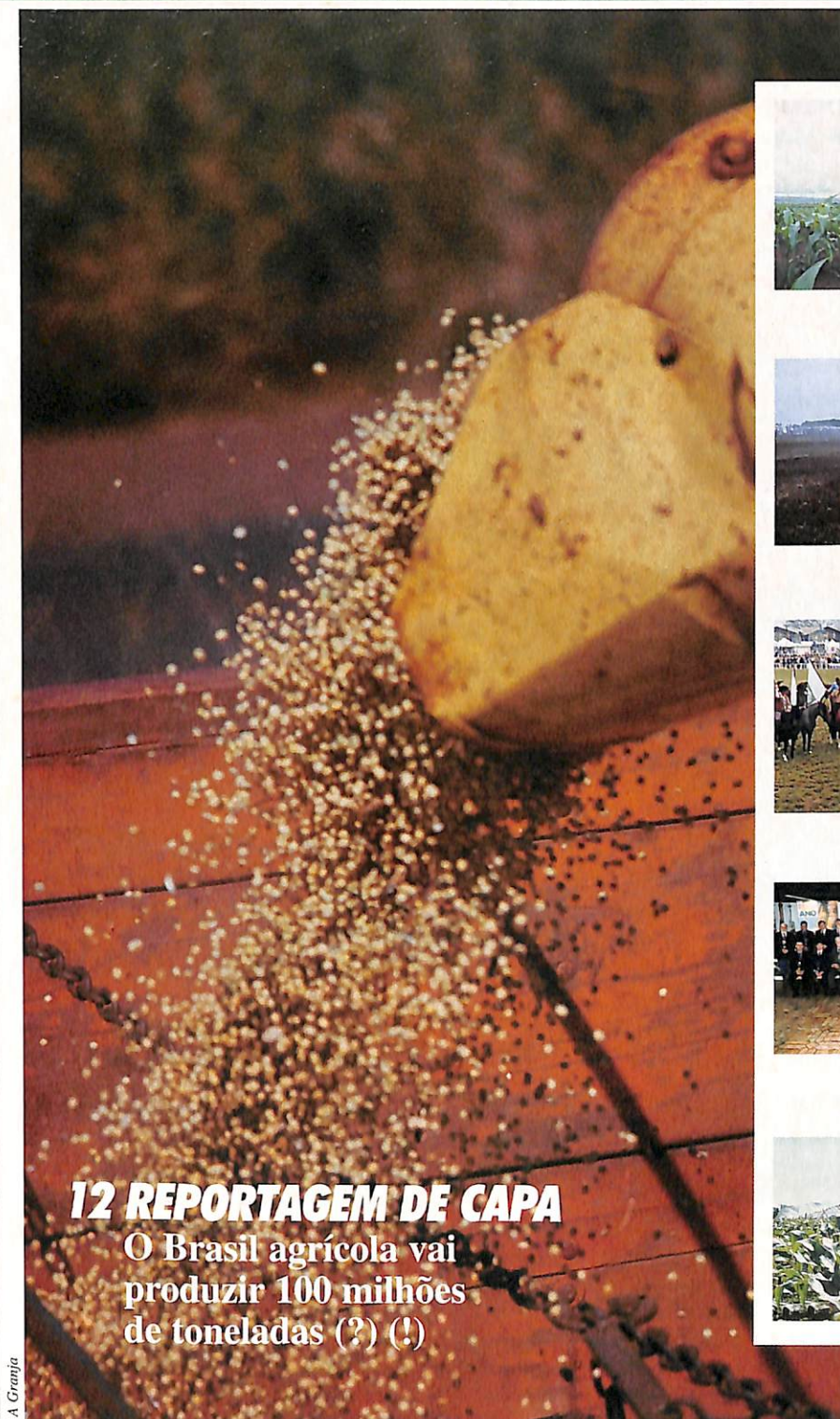
SOLUÇÕES MADE IN BRASIL.

No ano 2001, a Case IH está investindo para transformar o Brasil, a exemplo dos Estados Unidos, em um grande centro de pesquisa e desenvolvimento de novas máquinas da marca. Os primeiros resultados desta nova fase já estão batendo recordes de produtividade nas fazendas do país. As plantadeiras de alta precisão ASM, série 1200 e as colhedoras de cana A7000, desenvolvidas e fabricadas no Brasil com a utilização da mais alta tecnologia mundial, são uma excelente prova disso.

Mas isso é só o começo, brevemente vamos colocar novos produtos made in Brasil à disposição do produtor. Além disso, a Case IH também está investindo na capacitação técnica do seu pessoal e da sua rede de concessionários, para garantir as soluções mais avançadas em máquinas e serviços de suporte aos clientes. Case IH. A marca de quem faz o presente e o futuro da agricultura brasileira.

CASE IH

Soluções avançadas, soluções Case IH.



12 REPORTAGEM DE CAPA

O Brasil agrícola vai produzir 100 milhões de toneladas (?) (!)

A Granja



A Granja

20 SAFRA 2001/2002

Novos horizontes na produtividade



A Granja

24 CORREÇÃO DO SOLO

Fertilizante, o parceiro ideal para um maior rendimento



Leonardo Cabral

28 EXPOINTER 2001

Feira supera as expectativas iniciais



Leonardo Cabral

36 DESTAQUES 2001

A Granja do Ano – Uma homenagem aos pesos-pesados do agribusiness



A Granja

46 IRRIGAÇÃO

Seminário discute as vantagens do sistema por aspersão

SEÇÕES

- 4 Depoimento
- 7 Aconteceu
- 8 Aqui Está a Solução
- 10 Cartas, Fax, E-mails
- 11 Eduardo Almeida Reis

- 44 Pastagens
- 52 Revista Chacra
- 53 Tudo Sobre Silo na Fazenda
- 54 Agricultura & Meio Ambiente
- 55 Plantio Direto

- 58 Agribusiness
- 62 Flash
- 64 Biotecnologia
- 65 Novidades no Mercado
- 66 Ponto de Vista



Antonio Vilmar da Rosa

Os problemas da lavoura, cada vez mais crescentes, acabaram impulsionando o advogado e arroteiro **Artur Oscar Loureiro de Albuquerque** para o envolvimento e a atuação em associações de classe. Esse gaúcho natural de Bagé, criado nos arrozais – como ele mesmo gosta de contar, está à frente da Associação Brasileira da Cadeia Produtiva do Arroz (ABRARROZ), em mandato que se estende até 2005. "Há 40 anos minha família é produtora de arroz. Fomos os primeiros a plantar em Lavras do Sul e os primeiros a plantar arroz em Bagé", recorda ele. O arroteiro também está no comando da Federação das Associações de Arroteiros do Rio Grande do Sul (FEDERARROZ)

A Granja — Inicialmente, qual a estrutura atual da ABRARROZ e sua função?

Artur Oscar Loureiro de Albuquerque — A ABRARROZ é a primeira entidade do Brasil que reúne verticalmente uma cadeia produtiva. A estrutura política da cadeia produtiva de arroz permitiu que nossa organização se expandisse nacionalmente. Na verdade, essa união era uma aspiração antiga da cadeia produtiva. Nós simplesmente tomamos a iniciativa de reunir as lideranças e finalmente dar corpo à entidade. É lógico e compreensível que a entidade que possui menos de cinco meses não possua uma estrutura física apreciável. Nossa sede é em Brasília, mas ainda não nos estabelecemos de forma definitiva. Funcionamos provisoriamente no gabinete do Sr. Jonas Pinheiro, com previsão de que ainda este mês teremos sede e página na Internet. Mesmo para nós, que lutamos para a

criação da entidade, a evolução impressiona. Hoje já temos representatividade nos maiores estados produtores e praticamente em todo o Brasil. A respeitabilidade da associação é uma realidade. O governo federal – especialmente o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) – não toma nenhuma atitude a respeito de arroz sem ouvir a ABRARROZ. Mensalmente nos reunimos em Brasília para decidir os rumos da cadeia produtiva a curto, médio e longo prazos. Nós defendemos a cadeia produtiva do arroz desde o produtor de sementes, passando pelo produtor de cereal, pelo pesquisador, pelo industrial e pelo comerciante do cereal. Para que se tenha uma idéia de sua atuação, todos os leilões de estoques públicos passaram pela vênua da ABRARROZ. E agora estamos iniciando tratativas com o Mapa para uma campanha nacional de aumento de consumo de arroz. Com o Ministério da Indústria e Comércio firmamos um convênio para sedimentar a cultura da exportação na cadeia produtiva e, em conjunto com o Ministério das Relações Internacionais, providenciamos visitas a potenciais clientes de nosso arroz, espalhados pelo mundo.

P — Quem está ligado à ABRARROZ?

R — A ABRARROZ reúne sindicatos, associações e federações ligadas à cadeia produtiva. Hoje temos produtores do Mato Grosso, do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Temos industriais e cooperativas do Mato Grosso, Goiás, Mato Grosso do Sul, Tocantins, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Santa Catarina. Isso, sem falar em pesquisadores de todo o Brasil. Além do mais, temos contatos em todos os 27 estados produtores de arroz no Brasil.

P — Qual o diferencial da entidade?

R — Seu grande diferencial e sua grande força é a união! Os interlocutores da cadeia produtiva de arroz – como, por exemplo, os mais diversos agentes governamentais – detectavam uma grande discordância entre os atores da cadeia produtiva e isso nos enfraquecia. Com a ABRARROZ as diferenças são suplantadas internamente e saímos com uma posição única e consensual.

As divergências, quando ocorrem, são tratadas no plano interno. Publicamente, adotamos uma posição que venha a ajudar a todos. Nossos agrupamentos de interlocutores e suas estratégias nas negociações foram radicalmente alterados, com benefícios incomensuráveis para a cadeia produtiva. A ABRARROZ é um exercício permanente de democracia!

P — A exportação é um esforço importante, para o qual a associação e o governo federal têm se voltado?

R — É necessário, de uma parte, que aumentemos nosso teto mercadológico. De outra banda, é fundamental que resolvamos os problemas impostos pelo Mercosul para o setor. Quando em 1990 foi criado o Mercosul, nós, Brasil, éramos importadores de 1 a 2 milhões de toneladas/ano. Hoje somos auto-suficientes. Com aquela realidade, o arroz da Argentina e do Uruguai foram praticamente nacionalizados. Hoje são um excedente grave no comércio intrabloco. O Uruguai, por exemplo, possui 63 clientes internacionais e, até o advento do Mercosul, exportava para terceiros países quase que a totalidade de seu arroz. Assim, precisamos aproveitar o *know-how* internacional do Uruguai, aproveitando a potencialidade comercial do Brasil. Como clientes potenciais, apenas para enumerar, temos toda a América Latina e o Oriente Próximo, até mesmo alguns países da Ásia. Já podemos citar como um avanço a ex-

P — Que vantagem o mercado internacional oferece para a cadeia produtiva do arroz brasileiro?

R — Como se disse, é o aumento do mercado. Potencialidade e qualidade nós já temos. Precisamos conquistar mercados para agregar valor à cadeia produtiva.

P — Como podemos garantir espaço em importantes mercados internacionais? Teremos de produzir variedades para públicos específicos, como o japonês?

R — Atualmente, o Japão não está importando arroz do ocidente. Mas temos capacidade técnica e qualitativa para produzir qualquer tipo de arroz que o mercado exija. No Rio Grande do Sul, por exemplo, já se produz arroz para a colônia asiática de São Paulo e do Paraná. O que mandará é o mercado. Quanto ao espaço internacional, dependeremos de um aprimoramento em nossa cultura exportadora. E repito: não apenas a cadeia produtiva, mas o governo terá de adequar-se aos novos tempos. Por exemplo, é inaceitável que a Conab coloque arroz de safras antigas para exportação. O mercado é exigente. Na maioria das vezes, o arroz para exportação necessita ter ótima qualidade. Ademais, é fundamental que exercitemos o desconto de impostos, como estamos fazendo agora nos leilões para exportação. Tenho certeza que a qualidade do nosso produto pode garantir espaços internacionais.

Já temos representatividade nos maiores estados produtores e praticamente em todo o Brasil

portação de 30 mil toneladas de arroz do Rio Grande do Sul para o Irã, negociada por uma comitiva gaúcha. Negócio que poderá ser ampliado para 90 mil toneladas. Precisamos (a cadeia produtiva e o Governo) aprofundar a cultura de exportação. Sendo, o mercado internacional, cerca de 25 milhões de toneladas, nossa pretensão de exportar de 1 a 2 milhões de toneladas visa menos de dez por cento do mercado. Nada absurdo, portanto. Nada estapafúrdio. Precisamos é trabalhar para chegarmos lá. E, assim, dar condições para que vendamos mais arroz, com mais valor agregado para a cadeia produtiva.

P — E no mercado interno, como está a relação produção-consumo? Qual o consumo brasileiro de arroz?

R — Produzimos, em média, 11 milhões de toneladas e consumimos 11,5 milhões de toneladas. Essa diferença é necessária e pode, inclusive, ser um pouco para absorção do arroz do Mercosul. O brasileiro consome cerca de 73 kg/ano por habitante, mas já chegou a consumir 75 kg. Ainda assim, consumimos muito mais do que os 7 kg per capita dos argentinos e os 13 kg dos uruguaios. Precisamos aumentar o consumo, recuperando a média histórica e evoluindo com o crescimento vegetati-

vo da população. O arroz é riquíssimo, no sentido protéico e baratíssimo na comparação com seus sucedâneos (massa, pão e batata). Não há por que não consumirmos mais.

P — E de que forma vamos alterar o quadro? Aumentando o consumo?

R — Está cientificamente comprovado que os *fast food* alimentam mal e causam obesidade. O arroz é rico em proteínas, enche o prato e acompanha qualquer comida. O brasileiro gosta de arroz. Precisamos de uma campanha, como a que estamos tentando junto às autoridades, para provocar o brasileiro a consumir de forma mais constante esse cereal de 10 mil anos de idade e

sumidor, desde que os supermercados tivessem consciência da importância do produto (para eles e para a população).

P — A saída é o aumento de produtividade? Isso é possível?

R — O arroz de terras altas saltou de cerca de mil quilos por hectare para algo em torno de 3 mil quilos por hectare. O arroz irrigado ano a ano bate os recordes de produtividade, seja em Santa Catarina, seja no Rio Grande do Sul. Todas as sementes disponíveis têm um potencial maior a ser explorado. Está faltando a pesquisa levar seu conhecimento ao produtor. E as entidades, especialmente a ABRARROZ, estão disponíveis para ajudar a fazer com que isso ocorra.

Temos capacidade técnica e qualitativa para produzir qualquer tipo de arroz que o mercado exija

consumido por 40% da população da Terra. A agregação de valor ao arroz, como o arroz pré-pronto ou enriquecido, desautoriza a equação de que quem se alimenta do arroz é o pobre. Ainda que o pobre o consuma, os ricos — como o americano e o europeu — o consomem de igual forma. Trata-se de uma questão de *marketing* que pretendemos enfrentar.

P — Como o senhor analisa o atual momento da orizicultura?

R — Só tendo um produto de tamanho apelo popular para não soçobrar às mais diversas crises que a orizicultura enfrentou. O produtor está endividado, a indústria perdeu rentabilidade e o comerciante é soterrado pela ganância do varejo, especialmente em relação à caracterização dos supermercados. Apesar desse panorama, que se afigura trágico, temos qualidade de primeiro mundo, investimento instalado e um mercado firme. O preço do arroz, na última safra, teve uma valorização, onde todos os componentes do setor tiveram rentabilidade. A situação não é melhor porque o varejo insiste em permanecer com uma margem bruta de cerca de 40%! É hora de os supermercados terem consciência social e se adequarem às margens do setor, que andam em torno de 10%. Mesmo que o arroz chegue a R\$ 20,00 para o produtor, não haveria necessidade de repasse para o con-

P — Já é possível fazer uma projeção da safra do ano que vem?

R — Por certo que sim. Produzimos na safra 2000/2001 cerca de 10,3 milhões de toneladas. Na safra 1999/2000 produzimos pouco mais de 11 milhões de toneladas. A safra 2001/2002 deve ficar entre esses dois números. Não haverá, portanto, um incremento significativo. E isso é fundamental! Não adianta produzirmos mais do que consumimos. Essa projeção tem base no alto preço internacional da soja, na impossibilidade de usar arroz como renovação de pastagem pelo Plano Agrícola e no aumento do custo de produção, que irá girar entre 15% e 20%, graças ao aumento do dólar.

P — O Mercosul ainda é inimigo?

R — Eu preferiria dizer que o Mercosul é a razão de nossos excedentes. Portanto, um problema ainda não equacionado de forma definitiva. Nossos vizinhos têm que entender — e parece que estão entendendo — que o problema não é do Brasil. O problema maior é deles, que não possuem mercado interno e estão envolvidos em uma crise maior do que a nossa em sua lavoura e suas indústrias.

P — Como o senhor analisa o avanço do arroz do sequeiro? O arroz irrigado é imbatível?

R — O arroz de terras altas dá uma amostra da capacidade técnica e de superação do Brasil. Em poucos anos sua evolução foi inacreditável, graças aos técnicos e aos produtores. Eu não sou engenheiro agrônomo, no entanto, todos sabem que a estabilidade de grãos é outorgada pela lâmina de água no arroz. Assim, o arroz de terras altas jamais terá a qualidade e a translucidez do arroz irrigado. No entanto, ele veio para ficar! Tem nichos mercadológicos determinados e pode pretender algumas fatias específicas do mercado internacional.

P — A qualidade do arroz de sequeiro é similar à do arroz irrigado?

R — Não. O arroz irrigado tem maior qualidade, sem nenhum demérito ao arroz de terras altas.

P — Como vai a pesquisa nacional?

R — O arroz de terras altas é enfático em demonstrar a qualidade e a criatividade de nossa pesquisa. Em Santa Catarina, a tecnologia do pré-germinado é impressionante. O IRGA é um baluarte da pesquisa de arroz no mundo. Pena que ultimamente houve uma abordagem ideológica nessa pesquisa. O Brasil está muito bem de pesquisa, e não sou eu que digo! São os resultados e o próprio Fundo Latino-Americano de Arroz de Riego (Flar), com o qual a ABRARROZ está estreitando relações.

P — E a dívida agrícola?

R — Nós, arrozeiros, representamos cerca de 8% da dívida da agricultura. No entanto, individualmente, estamos muito endividados em razão dos investimentos que fizemos na lavoura. Quer parecer que este ano poder-se-á encaminhar uma solução para endividamento. Temos rubrica no orçamento da União e temos políticos do quilate de um Jonas Pinheiro, de um Luiz Carlos Heinz, de um Augusto Nardes, de um Ronaldo Caiado e de um Pratini de Moraes, que saberão levar as negociações a bom termo. A população urbana deve entender que todas as discrepâncias dos planos econômicos já foram devolvidos à sociedade. Exceto para a agricultura, onde a agiotagem oficial engrossou nossas contas em quase 100%. Outubro será um mês decisivo e para isso estaremos preparados. ■

Desde 1945 nossa tradição é mudar

Prezado leitor, você tem em mãos agora a revista **A Granja** de cara nova. Repaginada, revitalizada, mais moderna e inteiramente impressa em papel couchê. Um presente para quem nos acompanha há tantos anos. Afinal, **A Granja** é uma revista já na 3ª geração, fato inédito no segmento de revistas no Brasil.

Na verdade, **A Granja** fez uma plástica para melhorar o visual. A consistência do conteúdo, no entanto, continua rigorosamente a mesma, obedecendo à filosofia de sempre: trazer a cada exemplar, edição por edição, a informação certa, atualizada, oportuna. Aliás, mais do que a informação, o conhecimento. O conhecimento técnico do que existe de mais avançado, mais realista, mais prático, mais adequado e mais conveniente para ser aplicado na terra.

Como produzir alimentos de maior qualidade e da maneira mais rentável, para o produtor rural, constitui a meta repetida mês a mês pela equipe de **A Granja**.

Graças a esse trabalho permanente e renovado, **A Granja** tem carisma. O carisma das coisas bem feitas, conquistadas dia a dia. Credibilidade, que dá respaldo ao carisma, não se impõe. Conquistase.

Uma conquista passo a passo, há 56 anos sem interrupção. Em função dessa posição, **A Granja** obtém reconhecimento, confiabilidade junto ao público alvo: a maioria dos assinantes garante sua revista com prazo antecipado de três anos, algo absolutamente sem paralelo no setor internacional e brasileiro da edição de revistas.

Por tudo isso, **A Granja** posiciona-se como a revista do Brasil Agrícola e **AG Leilões** como a revista da genética pecuária.

O terrorismo internacional

Rios caudalosos de comentários em jornal, rádio e televisão descrevem o fato. Tira-se leite de vaca morta, igual a cronistas de futebol. Evidentemente que, entre a imensa maioria de abobrinhas, há também alguns e poucos comentários de

quem realmente conhece o assunto.

Assim, quem nos lê, permita-nos com a devida condescendência, meter de leve a colher torta na pauta do momento.

Guerra, amigos, significa fome. O pior da guerra não é lançar bombas. O pior é estabelecer a logística da alimentação.

Ora, com racionalismo e uma boa dose de frieza egoísta, pode-se fácil e simplesmente chegar a uma rápida conclusão: ironicamente para o agribusiness, o terrorismo acaba de prestar um bom serviço, uma mão na roda. O mundo mais do que nunca precisa comer e já começa a estocar alimentos. Passado o susto inicial, todos vão perceber o óbvio: a hora é de plantar, criar gado, suínos e frangos.

Na vida, as coisas são extremamente dinâmicas e imprevisíveis. Quem previu o ataque ao *World Trade Center* e ao Pentágono? Ninguém, é claro, embora sempre haja os gurus do depois.

Assim, por exemplo, a grande briga do Brasil pelo excesso de protecionismo, tanto da Comunidade Européia como dos Estados Unidos, realisticamente recebeu também um ataque. Afinal de contas, o momento é de estocar alimentos e, como tal, as barreiras têm que se abrir. Não por camaradagem, mas em defesa de suas próprias necessidades.

Terrorismo Tupiniquim

Aqui no Brasil, o terrorismo – graças à leniência do Governo e ao dinheiro do contribuinte, que não chia nem mia – tem cara, residência e nome.

Opção preferencial pelo confronto

Desde maio, quando a aftosa ressurgiu no Rio Grande do Sul, o Estado perdeu um tempo enorme em demoradas e intermináveis discussões masturbatórias sobre como resolver o óbvio, ou seja, o problema dos tão-somente dezesseis focos detectados. Uma lástima. Tempo perdido. Dinheiro jogado no ralo. Um desperdício. Tudo porque a discórdia aconteceu sobre algo que não merecia a mínima discussão. Mas o Secretário da Agricultura gaúcho, que tem no sangue a genética do exibicionismo e do permanente confronto com a racionalidade,

conseguiu esse feito extraordinário.

Depois do estrago, finalmente rendeu-se ao que manda a lei brasileira e os tratados internacionais, assinados por 157 países, inclusive o Brasil, constituindo-se a Organização Internacional de Epizootias (OIE) com sede em Paris.

Os 11.400 animais de zonas infectadas começam a ser abatidos, sem o quê o Estado de Santa Catarina não vai permitir o necessário corredor sanitário, por ser área considerada livre de aftosa sem vacina.

Sem fazer a lição de casa, o Rio Grande do Sul jamais voltaria ao *status* de zona livre de aftosa, com ou sem vacinação, prejudicando seu acesso ao mercado brasileiro e principalmente ao internacional.

Revolução no campo?

Sim, o campo brasileiro está num excepcional processo de revolução tecnológica, ainda pouco percebida pela *mass-midia*, pelos políticos e pelo próprio Governo.

Assim, por exemplo, a cerca elétrica está se constituindo numa ferramenta extremamente moderna e eficaz para trazer mais fertilidade, mais precocidade e mais qualidade para o rebanho bovino brasileiro.

Os ensinamentos teóricos de Voisin, há trinta anos introduzidos no Brasil com nenhum resultado prático, hoje – graças aos seus princípios ajustados ao manejo apropriado, através do maior conhecimento da mão de obra e fundamentalmente graças à substituição da cerca convencional –, a idéia do Pastoreio Rotativo Rotacional (PRR) começa a ser renovada, da mesma maneira que anos atrás começou a ser disseminada a idéia do Plantio Direto, buscando mais receita para o produtor.

É natural que o PRR está tendo de superar inúmeros problemas como qualquer renovação de hábitos e atitudes encontra no primeiro momento de sua implantação. Nesse sentido, a *Federacite*, dirigida por Getúlio Marcantonio, ex-deputado e ex-Secretário da Agricultura do RS, vem instrumentalizando um trabalho pioneiro no setor. O PRR é uma técnica e como tal está em permanente observação e aperfeiçoamento. Mas o caminho é por aí mesmo. Afinal, as plantas precisam de pouso e o gado precisa ser conduzido para comer. Não pode mais ser largado a seu próprio prazer. ■

ALGODÃO tamanho família

“Gostaria que a redação da revista A Granja me enviasse uma fotografia de algodão em tamanho maior do que na edição de julho/99, publicada na seção Ciência e Tecnologia.”

Deise Adriana

morscheldeiseadriana@ig.com.br

R – Deise, esta é a foto que estaremos lhe enviando em breve.



A Granja

Estágio com o campeão da SOJA

“Após ter lido a reportagem da revista A Granja sobre o recorde de produção de soja do produtor Vicente Beber, gostaria de receber seu endereço completo para poder me corresponder e tratar sobre um possível estágio em sua fazenda, já que estou me formando como técnico agrícola na Escola Agrícola Federal Presidente Juscelino Kubistchek, de Bento Gonçalves/RS.”

Tissiano Vendramin

tissoanovendramin@bol.com.br

R – Tissiano, o endereço do sojicultor Vicente da Costa Beber é: Fazenda Rancho Alegre, Nova Mutum/MT, CEP 78450-000, Caixa Postal 34, fone: (65) 308-1437.

COOPERATIVISMO Agropecuário

“Sou assinante da revista A Granja e gostaria de receber informações sobre cooperativismo agropecuário, para um trabalho universitário.”

Carlos Pedro Krampe

fzkrampe@vsp.com.br

R – Prezado leitor, as primeiras cooperativas agropecuárias foram organizadas a partir de 1907, em Minas Gerais. O café, na época, era o carro-chefe das suas preocupações. Mais tarde, começaram a surgir também no Sul do Brasil, principalmente entre as comunidades de origem alemã e italiana, conhecedoras do sistema cooperativista europeu. As cooperativas agropecuá-

rias dividem-se conforme os tipos de produtos com os quais trabalham. Já se espalharam por todo o território nacional, prestando um grande leque de serviços, como assistência social e educacional aos cooperados. Elas formam, hoje, o segmento economicamente mais forte do cooperativismo brasileiro. Outras informações podem ser obtidas no site www.oces.org.br.

SEMENTES de forrageiras

“Preciso contatar com a empresa Tressilas, do Uruguai, ou seu representante em Jaguarão/RS. A empresa trabalha com sementes de forrageiras. A matéria e as entrevistas foram publicadas na revista em maio de 2000. Se possível e disponível, precisaria de sites, e-mail e telefones.”

Evandro Foppa

foppa@agrotec.com.py

R – Evandro, anote aí: o endereço da Tressilas é Rua 7 de abril, nº 830, Jaguarão/RS, CEP 96.300-000. Fone/fax (53) 261-4309.

MÍLDIO da Videira

“Gostaria de receber informações sobre o Míldio da Videira; se possível, fotos da doença.”

João Honório Fagundes

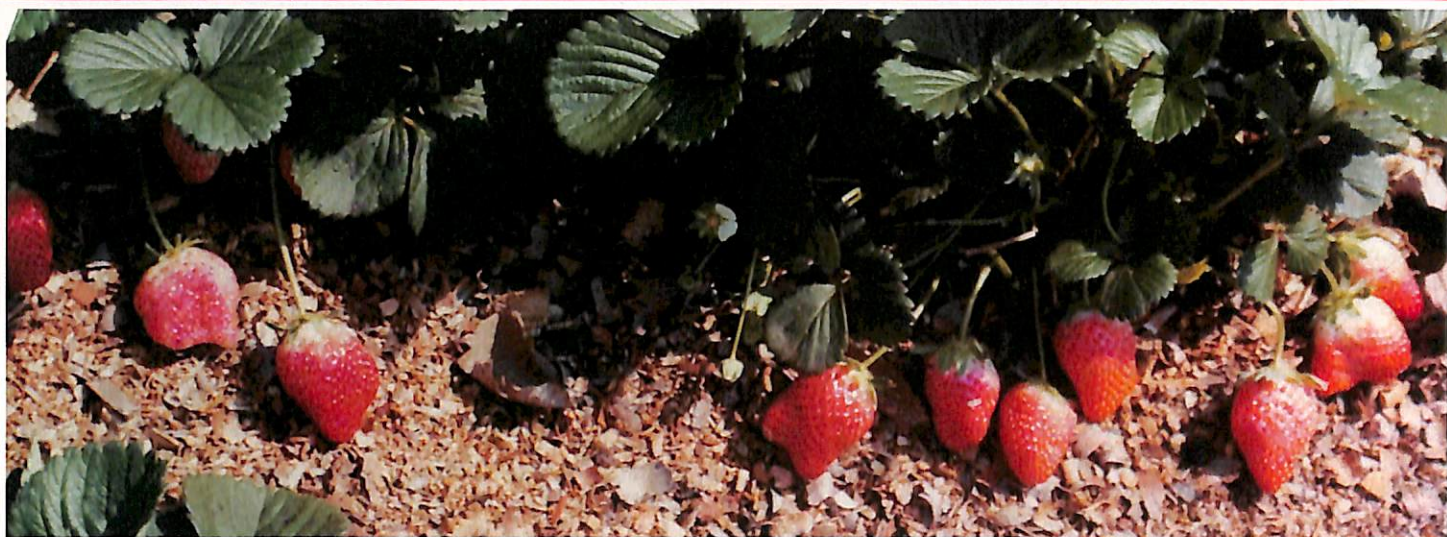
jhfr@bol.com.br

R – Caro João Honório, o Míldio da Videira (Plasmopara viticola) é uma doença das partes verdes da cepa, provocada por um fungo parasitário (Plasmopara vinicola). Esse fungo, procedente dos Estados Unidos, atacou vinhedos europeus em 1878, causando muitos prejuízos. Há variedades mais sensíveis ao seu ataque, mas, geralmente, afeta o vinhedo quando o clima é favorável, de verões chuvosos. Durante as chuvas, o fungo – cujos germes só evoluem em contato com a água – se introduz nas folhas. As partes verdes da cepa são afetadas e morrem. O míldio manifesta-se na forma de manchas brancas ou oleosas sobre as folhas e causa podridão nas uvas. O tratamento consiste em regar as folhas, antes das chuvas, com um produto que



Divulgação

mate os germes do fungo, evitando assim que os mesmos penetrem nas folhas. O progresso da doença é muito rápido, podendo destruir de 40 a 90% de plantas ou brotos jovens. A maioria causa infecção sistêmica a partir de sementes e bulbos.



A Granja

Estudo sobre **MORANGOS**

“Sou estudante do curso de Biologia e estou desenvolvendo um estudo sobre o morango. Gostaria de obter algum material para me ajudar na pesquisa.”

Nádia Caldato

neusapasetto@onda.com.br

R – O morango (*Fragaria vesca*), da família botânica *Rasaceae*, é uma planta rasteira, de pequeno porte, originária da Europa. Entre

suas principais características estão as folhas compostas por três folíolos. As flores são brancas ou rosadas. Os frutos de coloração avermelhada apresentam-se agrupados. Os pequenos pontos pretos é que são, na verdade, os frutos do morangueiro, conhecidos popularmente como sementes. O morango frutifica de abril a agosto. Para o cultivo é necessário sol, pouca umidade

vegetativa, devido à divisão de estolhos que nascem ao redor da planta-mãe.

O cultivo do morango apresenta um fator econômico relevante para a agricultura de estados como São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Dentre as variedades mais cultivadas, temos a campinas, que produz bem, é precoce e tem uma grande aceitação no mercado. Seus frutos de co-

loração entre vermelho e rosa, brilhantes, são grandes, saborosos, rosados por dentro e se formam fora das folhas, o que facilita a limpeza. Outra variedade bastante cultivada é a monte alegre, também precoce, com os frutos protegidos pelas folhas. Os frutos maduros são vermelhos por fora e por dentro, e não se apresentam tão grandes quanto os frutos da variedade campinas.

Criação de **AVESTRUZ**

“Sou estudante de Administração na PUC de Campinas e estou fazendo um trabalho sobre criação de avestruz. Gostaria de saber mais informações referentes ao assunto.”

Guido F. Guedes

guidoguedes@uol.com.br

R – Caro leitor, o avestruz (*Strutio camelus australis*) é originário da África e pertence à família das Ratitas. Produz uma carne vermelha com níveis de calorias muito baixos. Enquanto 100g de carne bovina tem 211 calorias, a do avestruz não ultrapassa 140 calorias. Essa ave está catalogada em quatro raças principais: Black Neck, Blue Neck, Red Neck e a African Black, um híbrido comercial. Embora seja de menor porte, esta última

é a mais indicada para se iniciar a criação, por se tratar de aves mais dóceis, de lida fácil e com início precoce da fase de postura.

O avestruz possui grande porte, podendo alcançar de 2 a 2,5m de altura e entre 100 e 150kg. Seu aparelho digestivo é semelhante ao dos ruminantes e costuma se alimentar de ração ou pasto verde. Tem vida longa, variando de 50 a 70 anos, com 20 a 30 anos de vida reprodutiva. A fêmea põe de 40 a

100 ovos por ano, que devem ser incubados por 42 dias. O avestruz também é resistente a doenças e tem ótima capacidade de adaptação, suportando bem altas e baixas temperaturas.

A criação de avestruzes – chamada estruticultura –

começou no Brasil em 1995 e vem crescendo rapidamente, sendo uma das mais rentáveis atividades agropecuárias. O estado de São Paulo é o maior criador. Obtenha mais informações pelos sites www.sitedoavestruz.com.br e www.reinodoavestruz.com.br.



A Granja

CÃO BOIEIRO e guardião valente



A Granja

Sou técnico em agropecuária e leitor assíduo da revista **A Granja** e gostaria de apresentar aos criadores e fazendeiros essa magnífica raça de cão que vem conquistando admiradores em diversos países, incluindo o Brasil. Trata-se do Cão Serra da Estrela que, desde o século II a.C., já fazia fama em terras lusitanas. Esses valorosos animais inclusive acompanhavam o guerreiro Viriato, que tendo se refugiado no interior do país (Portugal), lutou bravamente contra invasores romanos. O Serra da Estrela, além de forte e belo é um condutor de gado e guardião por excelência, portanto conheçam essa magnífica raça de cão, que é criada com muito esmero em Portugal.

Luís Cláudio Vianna

clausvianna@ig.com.br

LAGOSTA de água doce

Sou assinante dessa revista já faz alguns anos e gostaria de aproveitar esta oportunidade para parabenizar a todos os responsáveis pela edição e escolha dos assuntos de cada edição. Apesar de saber que este não é um assunto muito corriqueiro, gostaria de receber informações sobre a criação de lagosta de água doce.

Eduardo Ferri Souto

rodrigovix@ig.com.br

Onde estão os construtores de CURRAIS?

Sugiro, se possível, que seja incluído na página da revista **A Granja**, na Internet, o endereço de construtores de currais para bovinos, em diversos estados. Tenho projeto de cria e recria e, portanto, sou grande interessada.

Silvania C. Pinto

spaixao@openlink.com.br

Anuário A GRANJA DO ANO

Em função do grande número de alterações, estamos realizando algumas correções na listagem de endereços de **A Granja do Ano 2001**. A grafia correta da razão social da empresa Basf, é Basf S.A. As empresas Dow Agrosience, Honda e Ultragaz deveriam ter sido cadastradas no item defensivos, motos e gás liquefeito de petróleo, respectivamente. O telefone correto da empresa Manah é 3741-5550. Além disso, incluímos o endereço da Cosesp Seguros, localizada na rua Pamplona, 227, CEP 01405-902, São Paulo/SP, fone (11) 3253-4888, fax (11) 251-1441. Site www.cospseguros.com.br e e-mail rural@cospseguros.com.br

O solo é um ORGANISMO vivo

A reportagem "O admirável mundo novo dos defensivos" (meu nome preferido), de autoria da repórter Ana Esteves, me fez lembrar a frase de Zagallo, "você não ter que me engolir". Não sou ambientalista, ecologista ou coisa semelhante. Apenas, sob o meu ponto de vista, entendo que o solo deve ser tratado como um organismo vivo.

Roberto Andrade Margotto

Guarulhos/SP



A Granja

JULGAMENTO bovino

Procuro oportunidade profissional na organização de categorias e campeonatos de exposições agropecuárias e principalmente no julgamento das raças zebuínas e do nelore, onde sou credenciado. Desde já coloco o meu nome à disposição.

Odilmar da Silva Vargas

odilmarjuradonore@bol.vom.br



Diretor-Presidente
Hugo Hoffmann

O BRASIL AGRÍCOLA
agranja

MATRIZ

Av. Getúlio Vargas, 1.526
CEP 90150-004, Porto Alegre/RS
Fone/Fax: (51) 3233-1822
E-mail: mail@agranja.com
Home page: <http://www.agranja.com>

SUCURSAL SÃO PAULO

Praça da República, 473 - 10º andar
CEP 01045-001 - São Paulo - SP
Fone/Fax: (11) 220-0488/(11) 220-0686
E-mail: granjasp@osite.com.br
Home page: <http://www.agranja.com>

GERENTES-EXECUTIVOS

Eduardo Hoffmann
Gustavo Hoffmann

REDAÇÃO

Editoria
Adriana Langon
Reportagem
Ana Esteves e Luciana Radicione
Revisão
Walson Pontes Carpes
Colaboradores desta edição
Antônio Sanches, Emerson Urizzi Cervi,
José Maurício de Toledo Murgel, Leandro Cabral, Roberto Barreto e Valdo Rodrigues Herling
Diagramação
Renato Fachel
Editoração
Jair Marmet

CIRCULAÇÃO

Amália Severino Bueno

ASSINATURA EXTERNA

Raquel Marcos

COMERCIALIZAÇÃO

São Paulo - José Geraldo Silvani
Caetano (gerente) e Rodrigo Martelletti (contato)
Porto Alegre - Cristina Centeno (gerente RS/SC)

REPRESENTANTES

Rio de Janeiro - Lobato Propaganda e Marketing Ltda. - Rua Teófilo Otoni, 15/913 Centro - CEP 20090-080 - Rio de Janeiro - RJ - fone: (21) 2554-8666 - fax: (21) 2283-1661 - celular: (21) 9958-2869 e-mail: sidney.lobato@ig.com.br
Minas Gerais - José Maria Neves
Rua Dr. Juvenal dos Santos, 222 conj. 105 - Luxemburgo - CEP 30380-530 Belo Horizonte - MG - fone/fax: (31) 3297-8194 - fone: (31) 3344-9100 celular: (31) 9993-0066, e-mail: jmneves@uai.com.br
Brasília - Mídia Real Publicidade Ltda. SCLN 302 - bloco C - sala 104 CEP 70723-530 - Brasília - DF fone: (61) 326-1271 - fone/fax: (61) 328-0456 celular: (61) 9975-2442 e-mail: miidiareal@miidiareal.com.br

Convênio editorial: Chacra (Argentina)

A Granja é uma publicação da Editora Centaurus, registrada no DCDP sob nº 088, p. 209/73. Redação, Publicidade, Correspondência e Distribuição: Av. Getúlio Vargas, 1.526 CEP 90150-004 - Porto Alegre - RS fone/fax: (51) 3233-1822 Exemplar atrasado: R\$ 6,50

Acesse www.agranja.com ou mail@agranja.com

Maldade RANDÔMICA

Neste inverno seco e frio, característico de nossa região, todos os fazendeiros se vêem a braços com o problema dos incêndios, acidentais ou criminosos, que destroem pastos, cercas, fauna, flora, benfeitorias e o mais que houver pelo caminho.

Na maioria das vezes, obra de crianças que voltam da escola ou da venda com uma caixa de fósforos, também chamados fósfris ou fósquis, só pelo prazer de tocar fogo nas moitas de capim esturricado pela seca. De morro acima – ou na horizontal, quando venta –, o fogo é incontrolável. Todas as fazendas fazem aceiros que pouco adiantam. Já vi um incêndio pantaneiro saltar o Rio Piquiri, perto da foz com o Rio São Lourenço, onde tem mais de 100 metros de largura. Saltou e lambeu tudo na outra margem.

E o pior é que o espetáculo, além de impressionante, é bonito. Desde tempos imemoriais o fogo exerce imenso fascínio sobre o homem. Timothy Ferris estima que o uso controlado do fogo se tenha tornado comum entre o gênero *Homo* cerca de 360 mil anos antes do presente, enquanto a invenção da agricultura data de 20 mil a 15 mil anos, os animais foram ajuntados em rebanhos há 18 mil anos, o anzol foi inventado há 14 mil anos, o trigo e o arroz começaram a ser cultivados há 10 mil anos, a fundição do cobre data de 6.500 anos e os primeiros impostos datam de 5.600 anos antes do presente, um século à frente da invenção da escrita. De repente, a escrita foi inventada para melhor cobrar impostos...

Devo confessar que tenho certo fascínio pelo fogo e sou capaz de passar horas diante do crepitar da lenha na lareira. Já combati incêndios terríveis nas fazendas fluminenses e pantaneiras. Num deles, em que uma frente de 16 quilômetros de fogo invadiu a fazenda de meu saudoso padrinho, no Pantanal do São Lourenço, fomos obrigados a tirar os arreios dos cavalos, deixando que se virassem sozinhos, enquanto os empregados, o patrão e o hóspede escapa-

mos na carreta de um Massey Ferguson 85-X em quinta marcha, torcendo para o fogo não derreter os pneus.

Ainda que o palito de fósforo não se justifique, talvez tenha explicação no fato de ser obra de crianças incapazes de avaliar a gravidade de seu ato, ou de desajustados que param seus carros no acostamento das estradas, trocam um pneu e deixam de herança um pedaço de estopa embebida em gasolina.

Há mais de doze anos faço crônicas diárias para o jornal mineiro Hoje em Dia sobre variados assuntos: política, política, sexo, darwinismo, medicina, direito e tudo mais que se possa imaginar. De uns tempos a esta parte, minhas crônicas podem ser lidas no site www.hojeemdia.com.br. Sou grato, de antemão, aos leitores que me honrarem com sua atenção.

E aproveito para dizer que, a julgar pelo que tenho visto e ouvido por aí, a espécie humana não é flor que se cheire. Há “indivíduos” admiráveis, mas a espécie *Homo sapiens sapiens* é grossa porcaria. Basta espiar o mapamúndi para constatar que os problemas, as guerras, os crimes e a maldade humana ocorrem em todos os países de todos os continentes. Se isso não é sinônimo da ordinarice da espécie, confesso que já não entendo mais nada.

De qualquer maneira, tanto o menino que lasca fogo numa touceira de capim, como o tutsi que mata o hutu, o palestino que se desentende com o judeu, o racista europeu que combate os imigrantes, os sérvios que brigam com os croatas, os bascos que rejeitam a autoridade espanhola – todos, enfim – têm alvos definidos. Talvez não sejam explicáveis, ou justificáveis, mas são alvos conhecidos.

Novidade, pelo menos para mim, tem sido conviver com a ameaça constante dos vírus de computador. Ainda ontem, ao tentar abrir

e-mail mandado por bela advogada, o programa antivírus anotou o risco de meu HD ir para o espaço. Pela manhã, no caderno de Informática de um jornal paulista, fiquei sabendo que o vírus se mete na lista de endereços do Outlook Express e é redirecionado para todos os computadores que constam da lista. Felizmente, pude acudir e deletar a mensagem a tempo.

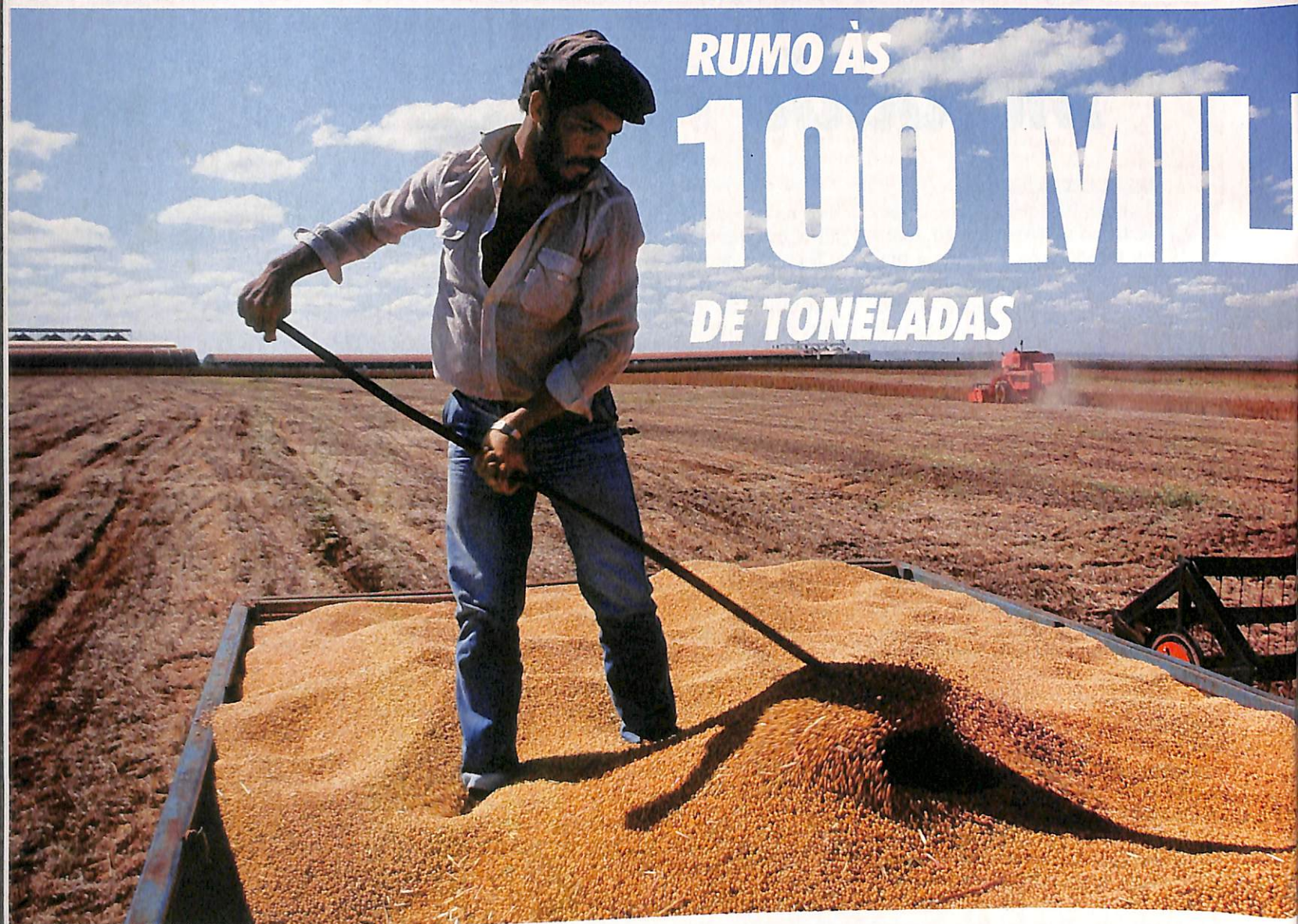
Temos, aí, um novo tipo de maldade que requer competência do programador e se dirige, aleatoriamente, a pessoas e empresas que o inventor do vírus não conhece e que nunca lhe fizeram mal de espécie alguma. Em linguagem informática, deve ser a maldade randômica, o mal pelo mal, pouco importando qual será a vítima da safadeza.

Maldade que requer sólidos conhecimentos de computação, com os quais o imbecil poderia ganhar bom dinheiro e fazer carreira brilhante. Não se trata de uma criança semi-analfabeta riscando um fósforo, de um hutu vingando-se de um tutsi, de um terrorista do IRA querendo comer o fígado de um inglês, de um talibã idiota pensando seguir os preceitos do Corão, ou de palestinos e judeus que não se entendem sobre as terras que devem pertencer a uns e outros.

Na maldade randômica do vírus do computador, o alvo tanto pode ser o HD de um traficante de tóxicos como do escritor profissional, ou de um instituto de pesquisas voltado apenas para o bem da humanidade. Maldade, valha a insistência, praticada por um sujeito alfabetizado e craque em informática, que só faz reforçar minha tese: há “indivíduos” da melhor supimpitude, mas a espécie humana, como um todo, é grossa porcaria. ■

...o alvo tanto pode ser o HD de um traficante de tóxicos como do escritor profissional, ou de um instituto de pesquisas voltado apenas para o bem da humanidade

RUMO ÀS 100 MIL DE TONELADAS



*Foi dada a largada e a
tão sonhada safra
histórica está mais
próxima do que nunca.
As projeções são
otimistas. No entanto, a
produção a ser colhida
ainda é uma incógnita*

Ana Esteves

Pela primeira vez na história da agricultura brasileira, o sonho de produzir 100 milhões de toneladas de grãos está prestes a se concretizar. Ao que tudo indica, ele abandonará definitivamente o plano imaginário e poderá se tornar realidade com a tão esperada Safra 2001/2002, configurando um marco na agricultura do País. A expectativa é grande, principalmente porque ainda existem alguns obstáculos pelo caminho. Mas, segundo especialistas, as previsões se mantêm otimistas e podem, inclusive, ultrapassar a marca prevista. A factibilidade dessa meta está baseada nos dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), que apontam um crescimento no setor de grãos, na última década, de 1,7% ao ano. Esse índice se deve exclusivamente ao aumen-

to médio de produtividade de 3,8% ao ano, já que a área plantada se retraiu à taxa de 1,5% ao ano. Das 83 milhões de toneladas produzidas na Safra 1999/2000, saltamos para 97,4 milhões em 2000/2001, números que demonstram e ratificam a iminência de uma supersafra. Para completarmos a fórmula, que deverá resultar nos 100 milhões, é preciso acrescentar ainda as novas tecnologias que invadem o campo e beneficiam as lavouras, a qualidade das sementes, defensivos e fertilizantes, a mobilização dos produtores rurais em busca da renovação da maquinaria agrícola, além, é claro, de um clima favorável.

O presidente da Aliança Cooperativa Internacional (ACI), Roberto Rodrigues, afirma que o produtor brasileiro está fazendo uma “fantástica revolução

HÕES



A Granja

silenciosa no campo, em três diferentes direções: na tecnológica, na gerencial e no modelo". De acordo com ele, em termos tecnológicos, não deixamos nada a desejar em relação aos países ricos, seja no que se refere às máquinas, equipamentos e colheitadeiras, aos insumos modernos e às práticas culturais como ao plantio direto e à agricultura de precisão. "Em termos gerenciais, evoluímos demais desde o Plano Real, principalmente nas áreas comercial, financeira, fiscal, de recursos humanos, ambiental, associativa e cooperativista. Hoje é fundamental ser um bom gerente, sempre aliado à tecnologia agrícola", declara.

Unanimidade — As opiniões de especialistas e líderes de entidades ligadas à agricultura dos principais estados produtores são unânimes: o Brasil tem ple-

nas condições de produzir 100 milhões de toneladas de grãos no período 2001/2002. O presidente da Federação da Agricultura do Estado de São Paulo (Faesps), Fábio de Salles Meirelles, afirma que, para chegarmos à meta, precisaremos produzir apenas 3% a mais do que as 97,4 milhões da safra atual. "Tudo indica que o País atingirá e mesmo ultrapassará esse número", acredita. Conforme Meirelles, existem questões estruturais e mesmo conjunturais que devem ser resolvidas para permitir avanços ainda maiores na produção. "É preciso que seja adotada uma solução definitiva e abrangente para o problema do endividamento do produtor rural. As estruturas de armazenagem, a logística de escoamento e transporte, a abertura de novos mercados e a própria questão energética, devem merecer atenção especial por parte do governo", ressalta. Para ele, é imprescindível ainda o estabelecimento de uma política agrícola consistente.

O presidente da Federação da Agricultura do Estado do Mato Grosso do Sul (Famasul), Léo Brito, concorda com o representante da Faesp: "No momento em que tivermos uma política agrícola completa e renovação da frota de máquinas, em bem pouco tempo esse patamar de 100 milhões de toneladas poderá ser alcançado por dois ou três estados brasileiros", destaca. Para ele, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul são, a médio prazo, fortes candidatos a produzir juntos essa quantidade de grãos. No que se refere à estagnação no aumento de área — mantendo-se entre 36 e 37 milhões de hectares nos últimos dois anos — Brito é taxativo: "Não há neces-

sidade de expansão de área se continuarmos avançando em tecnologia. Os agricultores aqui do Mato Grosso do Sul têm discutido muito a questão dos transgênicos e sabem que o uso da genética apropriada ajuda, inclusive, a reduzir custos. O importante é mostrar para a sociedade a importância da conservação do solo e da água", declara.

Fábio de Salles

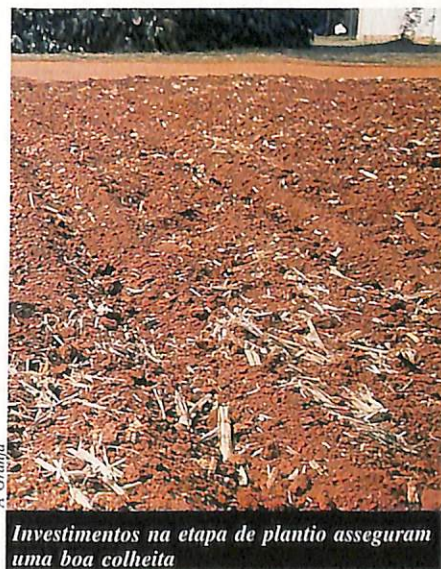
Meirelles também discorre sobre a questão da área de plantio e diz que o aumento de produção tem ocorrido somente em função dos sucessivos incrementos de produtividade. "São frutos dos esforços e investimentos dos produtores e também do louvável trabalho das instituições e centros de pesquisa agropecuária, no desenvolvimento de tecnologias de ponta para a disponibilização de variedades de sementes adaptadas às diferentes condições de solo e clima", completa.

Mais do que nunca, os discursos dos especialistas são marcados pelo que se pode considerar como a palavra de ordem no setor agropecuário atual: tecnologia. "O agricultor brasileiro está utilizando tecnologias muito boas. Só na safra passada foram consumidas cerca de 16 milhões de toneladas de adubos", afirma o gerente técnico e econômico da Organização das Cooperativas do Estado do Paraná (Ocepar), Nelson Costa. Para ele, temos disponíveis ótimos recursos para plantar, além de grande quantidade de sementes à disposição, maquinaria renovada e mais eficiente. "Fala-se que, neste ano, foram registrados números recordes nas vendas de máquinas, sem falar na conscientização do agricultor que, cada vez mais, faz uso correto do solo. Some-se a isso a experiência dos produtores rurais, nos levando a crer que as previsões do ministro Pratini podem ser cumpridas".

O professor da Faculdade de Economia e Administração (FEA/USP), Guilherme Dias, afirma que o que se observa é um "esforço no plantio em relação a anos anteriores, direcionando-se para um acréscimo".

Além disso, ele diz que o setor está estimulado com a venda de insumos e também cita a importância da tecnologia e da qualidade de sementes, que têm contribuído para um aumento de produtividade, rumo à safra recorde.

Conforme o presidente da Federação da Agricultura do Estado de Goiás (Faeg), João Bosco Umbelino, a expecta-

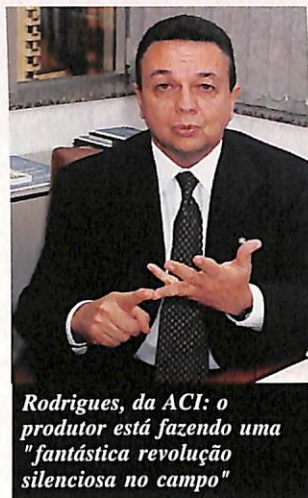


Investimentos na etapa de plantio asseguram uma boa colheita

REPORTAGEM DE CAPA

tativa também é otimista, principalmente porque, na opinião dele, o setor agropecuário brasileiro está se profissionalizando. "Um exemplo disso é que 35 a 40% da soja produzida aqui no Estado já está negociada. Isso é um avanço extraordinário, pois o produtor se precavê de possíveis oscilações do mercado, além de conseguir bons preços", declara. Além disso, o presidente aponta a crescente conscientização do produtor goiano em relação à possibilidade de incrementar números de produção. "Nós sabemos que a região Centro-Oeste é a que mais cresce no País, seja em termos de produção ou de área cultivada. Com esse desempenho otimizado, temos mais condições de auferir a expansão, sem nos comprometer com a busca de crédito arriscado. Inclusive os agricultores estão mais bem informados e conscientes para a tomada de decisões", conclui.

O presidente da Fecoagro, Rui Polidoro Pinto, afirma que a meta é possível, principalmente se os agricultores conseguirem bons preços pela safra de inverno. "Esse é um fator decisivo. Precisamos torcer para uma boa comercialização da safra de inverno, pois com isso o produtor se sentirá mais estimulado a plantar", avalia. No que se refere ao preparo dos agricultores gaúchos para a produção da supersafra, Polidoro dispara: "Temos área, sementes boas, tecnologia e gente, e se dependêssemos só dos produtores rurais já teríamos alcançado essa meta há muito tempo, mas ficamos à espera do clima, e principalmente da liberação dos recursos para comercialização e investimentos do Governo Federal", analisa. Para Homero Alves Pereira, vice-presidente da Federação dos Agricultores do Estado do Mato Grosso (Famato),



Rodrigues, da ACI: o produtor está fazendo uma "fantástica revolução silenciosa no campo"



Meirelles, da Faesp, acredita que o País ultrapassará a meta proposta pois apenas é preciso produzir 3% a mais



Brito, da Famatul: não há necessidade de expansão de área se continuarmos avançando em tecnologia

Foto: Divulgação

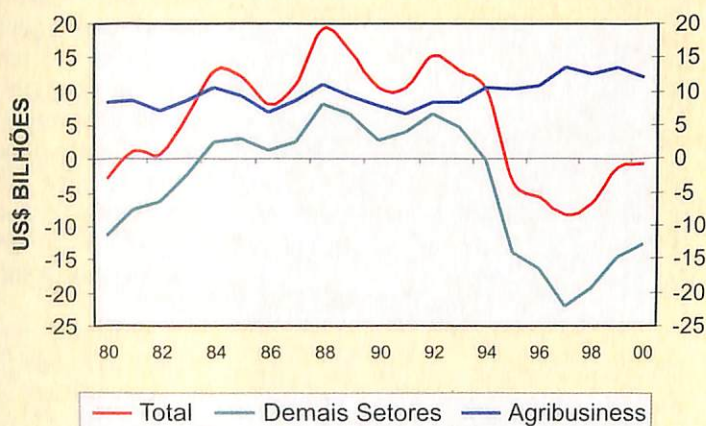
outro fator que tem impulsionado o setor - e que poderá colaborar para que alcancemos 100 milhões de toneladas - é a maior demanda por proteína vegetal. "Percebe-se um aumento do consumo de ração de origem vegetal", afirma.

Na opinião do presidente da ACI, Roberto Rodrigues, a safra recorde depende principalmente de três fatores: a melhoria das políticas públicas, uma melhor organização privada e uma boa negociação internacional. "Na área das políticas públicas, não se trata apenas de política agrícola, mas principalmente das macroeconômicas: monetária, tributária, fiscal, de comércio exterior, previdenciária. Só assim teremos isonomia em relação a nossos concorrentes de fora". No que se refere à organização privada, Rodrigues fala em duas vertentes: a política, com a unificação do discurso e a fusão de entidades de representação, e a econômica, com maior participação das bolsas e das cooperativas no processo de produção e comercialização. "A negociação internacional precisa levar em conta o cacife de que dispomos para o duro jogo do comércio, tanto com a Organização Mun-

dial do Comércio, como na ALCA ou na relação União Européia e Mercosul. Precisamos jogar com firmeza, sem contemplação", alerta.

Plano Agrícola — Aliado a todos esses fatores, que apontam para uma safra promissora, está o Plano Agrícola e Pecuário 2001/2002. O representante da Famatul, Léo Brito, diz que, pela primeira vez, o Plano elaborado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) terá grande participação no crescimento da safra. "É preciso destacar o trabalho do ministro Marcus Vinícius Pratini de Moraes e da Confederação Nacional dos Agricultores (CNA), que ouviram as necessidades das federações e sindicatos e buscaram atender a todas elas", declara.

Esse ponto do documento também foi apontado pelo presidente da Faeg, João Bosco Umbelino. "Nesse ano, o Plano veio mais consistente. Um exemplo disso é que, em anos anteriores, durante o mês de setembro, ainda estávamos discutindo a liberação de recursos. Desta vez, eles foram liberados mais cedo, possibilitando a finalização dos custeios até o final de agosto". Assim, prossegue Umbelino, é mais fácil para o produtor ter um avanço extra na gestão de negócios, adquirir insumos com maior liberdade, preparar o solo e plantar com mais tranquilidade. "Isso faz uma diferença significativa". Além desses benefícios, Umbelino cita os programas de investimentos, como o Moderfrota, com recursos que chegam a R\$ 2,76 bilhões, para aquisição de máquinas, e o Prosoja, que destinará R\$ 300 milhões para



O quadro acima demonstra o saldo da balança comercial e o desempenho do agronegócio



A Graciosa

cedo, possibilitando a finalização dos custeios até o final de agosto". Assim, prossegue Umbelino, é mais fácil para o produtor ter um avanço extra na gestão de negócios, adquirir insumos com maior liberdade, preparar o solo e plantar com mais tranquilidade. "Isso faz uma diferença significativa". Além desses benefícios, Umbelino cita os programas de investimentos, como o Moderfrota, com recursos que chegam a R\$ 2,76 bilhões, para aquisição de máquinas, e o Prosoja, que destinará R\$ 300 milhões para

Quem lida com a terra precisa ser forte.



Não é por acaso que o TM95 é líder de mercado. Ele possui barras alternadamente longas e curtas e diferentes planos de rigidez no fundo do desenho, que proporcionam maior tração, estabilidade e autolimpeza. O TM95 tem também um rodar mais uniforme que elimina as vibrações e as oscilações laterais. Na hora de escolher o pneu, escolha aquele que garante mais força e produtividade. Escolha TM95 da Pirelli.

VOCÊ PERGUNTA E A PIRELLI RESPONDE:
0800-787638 Internet: www.pirelli.com.br

PIRELLI

POTÊNCIA NÃO É NADA SEM CONTROLE.

REPORTAGEM DE CAPA

a recuperação do solo.

Entre os novos programas de investimento, nos quais será aplicado um montante de R\$ 230 milhões, estão incluídos o Programa de Construção de Armazéns nas Propriedades Rurais, para o qual serão destinados R\$ 100 milhões em empréstimos para a modernização e construção de silos nas fazendas.

O técnico da Confederação Nacional dos Agricultores (CNA), Getúlio Pernambuco, aponta as vantagens do Plano referentes ao aumento dos limites de financiamento de custeio. "Para a soja, de R\$ 100 mil para R\$ 200 mil; e, para o algodão, de R\$ 300 mil para R\$ 400 mil", diz. O fluxo de recursos, considerando-se os retornos e reempréstimos para financiamento rural, no ano agrícola 2001/2002, deverá alcançar R\$ 16,6 bilhões. Para atingir esse montante, será colocado à disposição dos produtores um total de R\$ 14,7 bilhões.

Crédito e mercado — Os recursos provenientes do Banco do Brasil ficarão na ordem de R\$ 10,5 bilhões. "Para a safra que ora se inicia, disponibilizaremos recursos que representam um incremento de 22% em relação à safra anterior, quando foram liberados R\$ 8,6 bilhões", revela o vice-presidente de negócios rurais do Banco do Brasil, Ricardo Alves da Conceição. De acordo com ele, para custeio estão previstos R\$ 6,7 bilhões; para investimentos, R\$ 1,7 bilhão; para comercialização, R\$ 1,2 bilhão; pelo Fundo Constitucional de Financiamento do Centro Oeste (FCO), R\$ 400 milhões; e, pelo Funcafé, R\$ 500 milhões. Para Conceição, as condições atuais do crédito rural são muito melhores do que em anos anteriores. "Atualmente, os encargos financeiros da maioria dos programas/linhas de crédito estão com taxas pré-fixadas, dando maior segurança aos tomadores do crédito". Ele acrescenta que, além disso, há linhas específicas e com custos adequados para o financiamento da Agricultura Familiar, e igualmente recursos para a renovação da frota de máquinas agrícolas. "Isso é importantíssimo para a revolução tecnológica dos empreendimentos. Outro fator importante, que é uma conquista do País, é o fato da existência de regras estáveis a cada safra", enfatiza. Conceição também destaca as regras em vigor no crédito rural que, segundo ele, propiciam uma maior pulverização do crédito, permitindo assim o atendimento de



EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE GRÃOS (EM MIL TONELADAS)

Cultura	95/96	96/97	97/98	98/99	99/00	00/01
Algodão	761,6	524,0	763,4	923,8	1.187,4	1.484,4
Arroz	10.037,9	9.546,8	8.462,9	11.582,2	11.423,1	10.386,0
Feijão total	2.992,7	2.969,0	2.206,3	2.895,7	3.098,0	2.575,1
Milho total	32.644,6	36.166,8	30.187,8	32.393,1	31.640,5	41.008,9
Soja	23.189,7	26.160,0	31.369,9	30.765,0	32.344,6	37.218,3
Trigo	3.197,5	2.402,3	2.187,7	2.402,8	1.658,4	2.846,9
Outros	934,6	1.149,5	1.351,8	1.475,0	1.678,0	1.882,6
Brasil	73.758,7	78.918,4	76.529,8	82.437,9	83.030,0	97.402,2

Fonte: Conab

um maior número de produtores. "E mais: o volume de recursos que tem sido disponibilizado pelo BB e pelas outras instituições do Sistema Nacional de Crédito Rural tem crescido a cada safra", completa.

O crescimento do crédito rural é fato, mas para muitos, não é o único elemento determinante para o incremento da safra. "É possível afirmar que, mesmo com recursos disponíveis do governo federal, se observa a tendência do agricultor buscar outras alternativas para bancar a safra, seja do próprio bolso ou através da compra antecipada pelas *tradings*; ou ainda pela venda de insumos pelas indústrias para pagamento em grãos", analisa o professor da FEA/USP, Guilherme Dias.

A opinião é compartilhada pelo presidente da Faesp, Fábio de Salles Meirelles. "Grande parte da produção de grãos do País é obtida com recursos próprios, uma vez que o produtor brasileiro vem absorvendo novas tecnologias e tendo maior acesso às informações de mercado e comercialização", declara. Para o vice-presidente da Famato, Homero Alves Pereira, os produtores estão sem muitas alternativas, a não ser recorrer para empresas que financiam a safra. "E isso acontece simplesmente porque os recursos do Governo Federal não são tão apetitosos. O limite para financiamento é pequeno, como no caso da soja, fixado em torno de R\$ 200 mil. A verba oficial não estimula", protesta. Pereira ra-

tifica a idéia de que as negociações com as *tradings* se configuram em um novo modelo agrícola. "Elas oferecem pacotes tecnológicos em troca de grãos para o produtor que não está capitalizado. Apesar de que, para ele, não interessa muito o fato de estar atrelado a multinacionais, mas não existem alternativas". O presidente da Famato só não concorda com a teoria de que o agricultor utiliza dinheiro do próprio bolso para financiar a safra. "Ele não tem capital e por isso arranja outros modelos", conclui.

O presidente da ACI, Roberto Rodrigues, considera essa nova tendência como uma consequência da modernização da agricultura. "A alavancagem da produção, com diferentes fontes de recursos, é uma variável muito dinâmica. Os agentes econômicos, interessados em auferir resultados da atividade rural, mesmo não sendo produtores criam mecanismos diversos: CPR física e financeira, crédito de *tradings* ou de fornecedores de insumos, as indústrias de transformação, bolsas de físico e de futuro, os leilões, entre outros, são novidades", informa. Rodrigues vai além e afirma que o Brasil tem condições para produzir 100, 200 ou até 300 milhões de toneladas de grãos. "Faltam-nos capital e mercados".

De acordo com ele, a renda rural cresceu um pouco em 2000, especialmente na área de grãos, o que capitalizou boa parte dos produtores. Quanto

ao mercado, declara que o País se encontra algemado pelo violento protecionismo agrícola dos países ricos. "Ainda há pouco tempo, um mês, os americanos viram seu Senado aprovar uma verba adicional ao Farm Bill de US\$ 79 bilhões para os próximos 10 anos. Isso limita demais nosso acesso a mercados externos, impedindo a materialização do nosso potencial". Para o presidente da ACI, talvez a tragédia do *World Trade Center* convença os países ricos de que é hora de mudar os rumos da economia globalizada. "E o caminho mais rápido, barato e fácil é abrir o acesso aos mercados agrícolas para os países em desenvolvimento, o que poderia vir a ser discutido na próxima reunião da OMC: seria uma retomada da solidariedade Norte-Sul, fortemente abalada pela união da globalização com o liberalismo", teoriza.

O Brasil deixa de vender pelo menos US\$ 11,1 bilhões por ano em produtos agrícolas, por conta do protecionismo aplicado na Europa, Estados Unidos e Japão, seus principais mercados. As práticas protecionistas se traduzem em tarifas, cotas, salvaguardas, barreiras fitossanitárias, ambientais e medidas *antidumping*. Essas barreiras comerciais são o maior entrave ao aumento das exportações do agronegócio brasileiro, considerado um dos mais competitivos do mundo.

De acordo com o ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Marcus Vinícius Pratini de Moraes, os subsídios agrícolas são extremamente danosos ao comércio internacional e especialmente prejudiciais aos países pobres, que estão assistindo à deterioração dos preços das *commodities* em patamares que são os menores dos últimos 30 anos. Pratini tem declarado incansavelmente na imprensa nacional que é intolerável comprometer a competitividade agrícola pelo gigantesco volume de subsídios concedidos pelos Estados Unidos.

Benefícios — Apesar dos pesares, os resultados de uma supersafra se refletirão diretamente na Balança Comercial brasileira, gerando exportações, divisas internacionais, além da grande probabilidade do aumento de empregos e renda no meio rural. "Os benefícios começam com a garantia de um abastecimento tranquilo, sem choques de custos na cesta básica", antecipa o assessor técnico da CNA, Getúlio Pernambuco. Mas o centro das atenções de técnicos e especialistas em agronegócios é, sem sombra de dúvida, a reação do saldo da Balança Comercial e o aumento nas exportações. "O *agribusiness* tem sido a salvação da lavoura, literalmente. Não fosse ele, com certeza nossas reservas já teriam sido consumidas há anos", analisa Roberto Rodrigues. Rui Polidoro, da Fecoagro,



A Granja

Uma das limitações mais temidas pelos produtores e lideranças rurais para atingir a meta de 100 milhões de toneladas é o clima

TECNOLOGIA EM EVOLUÇÃO



IMASA

PLANTIO DIRETO

Av. Davi José Martins, 884 - Ijuí - RS - Fone: (55) 3332-1000 - www.imasa.com.br

REPORTAGEM DE CAPA

vai além e qualifica o *agribusiness* como “o passaporte do Brasil para o primeiro mundo”. Já o professor Guilherme Dias, da FEA/USP, acrescenta que os reflexos para a economia são muito bons, com possibilidade de aumento das exportações, em termos físicos de até 5%.

Outro setor beneficiado pela possível safra recorde é o cooperativismo. Nelson Costa, da Ocepar acredita que os benefícios serão diretos, com incrementos de produção, gerando maior receita e aumentando o mercado de trabalho. Na presidência da Aliança Cooperativa Internacional, Rodrigues destaca que as cooperativas têm um papel de extrema relevância para que a meta seja alcançada. “Elas são o braço econômico da organização da comunidade. São o rosto humano da economia. Organizam os produtores e dão a eles informações fundamentais para a tomada de decisão sobre o que plantar, fornecendo insumos a preços mais acessíveis. Além disso, cuidam do crédito e do planejamento, disponibilizam a tecnologia, oferecem a armazenagem e a venda em comum no mercado interno ou externo”. O presidente vai mais adiante, afirmando que “hoje as cooperativas são a locomotiva dos grupos regionais e comunitários, promovendo a articulação dos agentes sócio-econômicos dos municípios”.

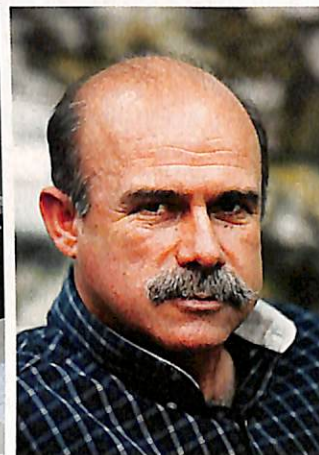
O que pode dar errado — A esperança de colher uma safra histórica divide espaço com um misto de expectativa e apreensão, pois, mesmo com muitos pontos favoráveis, ainda existem alguns percalços pelo caminho. “Acredito que nós estamos na dependência de São Pedro, ou seja, tempo bom para que a safra corra bem. No ano passado, com clima bom, fechamos 97,4 bilhões de toneladas, e isso é um bom sinal”, afirma o presidente da Famasul, Léo Brito. Segundo o ministro Pratini de Moraes, a meta recorde já poderia ter sido alcançada neste



Costa, da Ocepar: temos disponíveis ótimos recursos para plantar



Umbelino, da Faeg: o setor agropecuário brasileiro está se profissionalizando



Pereira, Famasul: um dos impulsos vem da crescente demanda por proteína vegetal

Fotos: Divulgação

ano. Só não ocorreu em função da seca no Nordeste, que provocou perda de 2,5 milhões de toneladas. Pratini defende ser perfeitamente possível o Brasil até ultrapassar os 100 milhões, podendo a produção chegar a 150 milhões de toneladas.

Uma das grandes preocupações, porém, continua sendo a possibilidade da migração de áreas de milho para o plantio de soja. “Se esse fato realmente ocorrer, haverá perda de volume”, analisa Nelson Costa, da Ocepar. Guilherme Dias vai além e alerta que esse processo poderia provocar perdas de cerca de 4,5 milhões de toneladas. “Isso dificultaria alcançar a safra recorde, mas em compensação o valor monetário da soja é bem maior do que o do milho”, frisa. A explicação para isso seria o baixo desempenho do milho no ano passado, causando grande desconforto nos produtores. “Eles colheram, cumpriram seu papel, mas o produto não deu liquidez, pois o milho simplesmente não tem comprador, não é um produto competitivo. Então, o agricultor decidiu optar pela soja. Aqui em Goiás se fala numa redução entre 25% e 30% da área plantada com milho”, revela Umbelino, da Faeg.

Evolução da safra — Preços estimulantes, bom clima, sementes com maior qualidade. Esses são apenas alguns dos fatores que, nos últimos anos, têm impulsionado a produção de grãos no Brasil. De acordo com o coordenador da área de safras da Companhia Nacional de Abastecimento, Eledon Pereira de Oliveira, do período 1999/2000 para a atual safra, a soja obteve crescimento de 15,1%, em termos de produção. Saltou de 32,3 para 37,2 milhões de toneladas. “Isso ocorreu devido ao preço do produto no mercado, que estimulou o agricultor a plantar, e também ao aumento do consumo interno”, afirma Oliveira. No caso do milho, o crescimento foi ainda maior: 29,6%. “Os problemas climáticos do ano passado fizeram o produto cair, fechando em 31,6 milhões de toneladas. Neste ano houve uma reação, atingindo-se a marca de 41 milhões de toneladas”. Outra cultura que também cresceu foi a de algodão, chegando à marca dos 25%. As quedas ficaram a cargo do arroz: de 11,4 milhões de toneladas em 1999/2000 para 10,3 nesta safra. “Caiu em função do preço desfavorável”, explica o técnico.

Oliveira prefere não fazer previsões para a safra recorde, mas acredita que, se predominar o clima bom no Nordeste, poderemos até mesmo passar da marca dos 100 milhões de toneladas. “É complicado fazer previsões agora, seja de aumento de produção ou área, pois qualquer projeção poderia influenciar no andamento da próxima safra. Apenas sabemos que, no ano passado, houve perdas de 2,5 milhões de toneladas em função da seca no Nordeste. Não fosse isso, já teríamos alcançado os valores da supersafra”, completa. ■



A cultura do algodão, do período de 1999/2000 para a atual safra, apontou crescimento de 25%

A Granja



FUNGICIDAS SYNGENTA

Amistar

Priori

SCORE

**Ridomil
GOLD**

Maxim XL 

NÃO É DE HOJE QUE VOCÊ CONHECE NOSSOS PRODUTOS.

O nome é novo, mas a linha de produtos, a qualidade, a tecnologia e a confiança vocês já conhecem. Essa é a Syngenta. O resultado da união entre Zeneca Agrícola, Novartis Agribusiness e Novartis Seeds. Syngenta. Vivendo da terra e para a terra.

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

Consulte
sempre um
Engenheiro
Agrônomo



Venda
sob
receituário
agronômico

syngenta

www.syngenta.com.br



O segredo do sucesso está na **PRODUTIVIDADE**

*Informação, tecnologia e eficiência - diretamente ligadas ao
aumento do rendimento médio da lavoura*

Ana Esteves

Uma tendência cada vez mais marcante no setor agropecuário tem se confirmado a cada safra: o aumento da produtividade a partir da correta manutenção da área plantada. Prova disso é que, da safra 1999/2000 para a 2000/2001, a área cultivada se manteve praticamente a mesma, com um pequeno declínio de 527,3 mil hectares, passando de 37,8 milhões para 37,2. No entanto, culturas como a soja, por exemplo, obtiveram aumento de 325kg por hectare, pulando de 2.395 para 2.720, durante o mesmo período.

Numa situação como essa, se percebe que a saída para o produtor rural que deseja tornar-se eficiente e rentável está no aumento da produtividade média, através do investimento em novas tecnologias na lavoura e na redução dos custos. Dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) revelam que, de 1991 para cá, a produção de grãos no Brasil cresceu cerca de 1,7% ao ano, devido exclusivamente ao aumento de

3,8% ao ano da produtividade média de culturas como algodão, amendoim, arroz, aveia, centeio, cevada, feijão, girasol, mamona, milho, soja, sorgo e trigo. Nesse mesmo período, ficou constatado que a área plantada se retraiu à taxa de 1,5% ao ano, sendo que a área total das culturas de grãos diminuiu cerca de 6,4 milhões de hectares.

De acordo com o coordenador da área de safra da Conab, Eledon Pereira de Oliveira, esse crescimento na produtividade está diretamente relacionado à aplicação de novas tecnologias. "Há cinco anos não tínhamos o número de sementes disponíveis que temos hoje no mercado, sem falar na melhoria do maquinário agrícola e dos tratamentos culturais, como o plantio direto e a agricultura de precisão", declarou. Além disso, acrescenta Pereira, os agricultores têm alcançado bons índices produtivos com custos bem menores.

A opinião do técnico da Conab é compartilhada pelo coordenador da área

de difusão de tecnologia do Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar), Adelar Antônio Motter. Segundo ele, o que se pode chamar de revolução no meio rural brasileiro está ocorrendo em função de três pontos básicos: melhor qualidade de sementes, manejo racional do solo e aumento da gama de informações que chegam ao campo. "O que se observa são fatores de extrema relevância, como melhoria de material genético, e a elaboração de sementes mais produtivas, com melhor adaptação a diferentes tipos de solos e climas. Sem falar nas variedades mais resistentes", afirma. No que se refere ao manejo do solo, Motter destaca o Plantio Direto, considerado um dos maiores aliados do agricultor. Também há uma disponibilidade maior de informações chegando ao campo, permitindo que o produtor possa compor melhor o seu sistema de produção, ou seja, plantar melhor, utilizando as melhores técnicas, na época certa de plantio", aponta.

Adelar Motter destaca ainda a constante profissionalização dos agricultores. “É um processo de seleção natural. São muitos profissionais no campo, com melhor nível cultural e educacional; muitas vezes substituindo a tradição transmitida pelos pais por conhecimentos mais técnicos”, explica. Segundo ele, geralmente os traços culturais do brasileiro fazem com que tenha enorme necessidade de aumentar suas posses. “Ainda hoje, muitos agricultores preocupam-se mais em ampliar a área plantada do que trabalhar bem a que já tem, mas isso está mudando”, analisa.

Exemplo — Um dos estados brasileiros que mais cresce em produtividade é Mato Grosso, grande campeão nacional com o plantio de soja, no qual o rendimento médio ultrapassou os 3 mil kg por hectare na safra 1999/2000. Esse desempenho coloca a média do estado 26% acima da dos demais estados brasileiros; 15,5% acima da melhor média americana; e 20% acima da melhor média argentina. “Esse grande salto, sem dúvida, foi impulsionado pela pesquisa desenvolvida pela Fundação MT, o grande agente unificador da tecnologia aplicada à agricultura”, enfatiza o diretor

ÍNDICES DE PRODUTIVIDADE (KG/HA)										
Cultura	90/91	91/92	92/93	93/94	94/95	95/96	96/97	97/98	98/99	99/00
Soja	1.580	2.027	2.150	2.179	2.221	2.175	2.299	2.384	2.367	2.395
Milho	1.791	2.194	2.349	2.344	2.634	2.373	2.609	2.650	2.592	2.480
Algodão	1.070	974	935	1.159	1.249	1.230	1.329	1.335	2.081	2.291

executivo da Unisoja, Alexandre Possebon. Unisoja é a entidade que congrega todos os produtores de sementes multiplicadores dos materiais da Fundação MT. Ou seja, o resultado concreto da organização do próprio agricultor mato-grossense. Agora, o grande desafio do Governo do Estado é chegar à marca dos 70 sacos por hectare em 2008, alcançando 4.200kg/ha. Possebon é otimista: “Temos tecnologia e preparo para isso!”. Para atingir tal objetivo, o produtor não está sozinho. Conforme Possebon, o agricultor que comprar semente do grupo ganha serviço de pesquisa e aplicação no campo inseridos no Programa de Monitoramento de Adubação. “Contratamos 200 agrônomos terceirizados para atuarem diretamente no campo com o produtor, transmitindo todas as recomendações de manejo de fertilidade. Já temos cadastrados para este ano 818 mil hectares e, para o próximo ano, deve-

mos atingir 1,5 milhão de hectares”, destaca.

Plantio direto — Um dos fatores que mais influenciam no aumento ou não da produtividade é, sem dúvida, o tipo de técnica utilizada pelo agricultor para o manejo do solo. No caso do Plantio Direto, os resultados verificados nos últimos tempos, têm sido bastante satisfatórios, principalmente pela série de benefícios que a técnica proporciona. “Aumento de fertilidade e equilíbrio do solo, melhor desenvolvimento das plantas, reciclagem de nutrientes, redução dos custos de produção, ou seja, economia de tempo e dinheiro. Toda a dinâmica interna do solo permanece intocada”, relata a engenheira agrônoma e assessora técnica da Federação Brasileira de Plantio Direto na Palha, Lutécia Beatriz Cannali. De acordo com ela, o gasto de energia e o desgaste das máquinas também são muito menores. “Além de liberar

1º Concurso de
Fotografia



Flores na Agricultura

A nossa agricultura encontra-se num estágio muito avançado, tanto científica como tecnicamente. E cada dia que passa, ela evolui um pouco mais. Mas ao mesmo tempo em que os avanços vão acontecendo, é vital para o ser humano se reencontrar com a natureza e resgatar a poesia e a beleza nela contida. Pensando nisso, a Serrana Fertilizantes, que está sempre ao lado de quem produz e vive no campo, decidiu editar um calendário em 2002 com fotos tiradas por seus clientes com o tema “Flores na Agricultura”. Serão selecionadas 12 fotos para compor este calendário. As fotos deverão representar a sensibilidade do homem do campo em retratar cenas bonitas de “Flores na Agricultura”, bem como, do meio-ambiente onde vive.

Conheça o regulamento nos representantes Serrana Fertilizantes ou ligue para (11) 5524-5066 ou consulte nosso site www.serrana.com.br

Serrana
FERTILIZANTES
Ao lado de quem produz

mão-de-obra, principalmente em pequenas propriedades, para realizar outras atividades e incrementar a renda familiar”, afirma.

Lutécia relembra que o interesse dos agricultores em adotar o PD começou a aumentar na década de 80, mas o impulso maior foi sentido nos anos 90, com a entrada da região do cerrado e suas grandes áreas de plantio, e o surgimento das plantadeiras especiais para pequenas propriedades com até 20 hectares. “A adoção crescente do PD é fruto da consciência do produtor, que entendeu a importância de não exaurir e degradar o solo, diminuindo as perdas pelo controle da erosão”. Sobre a atual situação do plantio convencional no Brasil, Lutécia faz um jogo de palavras. “Hoje costumamos dizer que o convencional é praticar o Plantio Direto”, brinca.

Insumos — Durante o primeiro semestre de 2000, foram vendidas em todo o Brasil 12.983 máquinas agrícolas automotrizas. No mesmo período deste ano, o número saltou para 15.398, representando um acréscimo de 18,9%. Os dados revelam que o aumento de produtividade também tem forte relação causa-efeito com o setor de máquinas e implementos agrícolas. “O incremento nas vendas foi impulsionado por três principais fatores: a frota obsoleta, a demanda reprimida por muitos anos de descapitalização do produtor, e a conscientização dele quanto à importância de aumentar a produtividade”, revela o vice-presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Máquinas e Implementos Agrícolas (Anfavea), Pérsio Luiz Pastre. Para ele, outro grande incentivador dos produtores rurais foi o programa Moderfrota, criado pelo governo federal e lançado em 1999. “Ele oferece prazos alongados de financiamento, com juros fixos e custos de financiamentos não-indexados, proporcionando a colheita de resultados interessantes para pequenos, médios e grande produtores. Há bem pouco tempo, as perdas de grãos, em função de máquinas obsoletas, variavam de 8% a 10%, o que hoje diminuiu de forma significativa”, avaliou.

O vice-presidente da Anfavea amplia a análise sobre a tendência de aumento da produtividade, afirmando que ela não se restringe apenas à agricultura, mas está inserida num contexto de aumento da competitividade, verificado em diversos setores da economia. “Com a abertura do mercado, todos os segmentos buscam pa-



Motter, do Iapar: há mais informações chegando ao campo



Pastre, da Anfavea: o Moderfrota é um dos grandes aliados do produtor rural



Da Ros, do Sindag: o consumo de defensivos agrícolas tem aumentado

Foto: Divulgação

râmetros no exterior, estabelecendo comparação com os concorrentes de fora, principalmente da Europa e da América do Norte. E para ser competitivo é preciso se modernizar, ter condições ideais de gerenciamento, recursos e equipamentos de primeira linha”. Pastre informa que, de janeiro a agosto do ano passado, foram vendidas no Brasil 2.289 colheitadeiras. Em 2001, esse número avançou 1,44%, chegando a 2.322 no mesmo período. No segmento de tratores, também foi registrado aumento de 15,6% nas vendas, pois entre janeiro e agosto do ano passado foram comercializadas 15.660 máquinas e, no mesmo período deste ano, 18.100.

O setor de defensivos agrícolas é outro que também tem sentido os reflexos do aumento de produtividade. O presidente do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Agrícola (Sindag), José Roberto Da Ros, entende que - com o desenvolvimento de novas tecnologias nos vários segmentos da agricultura -, os defensivos passaram a ser mais solicitados, por exercerem papel de protetor das lavouras. “A evolução nas pesquisas para aumentar a qualidade das sementes, com adubos cada vez mais eficientes no mercado, e o desenvolvimen-

to de técnicas de plantio, como o Plantio Direto, fez com que os agricultores se preocupassem cada vez mais em proteger suas lavouras contra ervas daninhas, insetos e fungos, utilizando defensivos”, declarou. De acordo com ele, ao conjugar essas técnicas, os produtores conseguem explorar totalmente o potencial produtivo da planta e consequentemente aumentar a produtividade. “Com certeza, os defensivos tiveram a sua parcela de colaboração”. Da Ros informa ainda que, no últimos anos, o consumo de defensivos agrícolas têm aumentado. Segundo dados do Sindag, o período entre janeiro e dezembro de 1999 e janeiro e dezembro de 2000 teve incremento de 7,4%, principalmente na classe dos herbicidas e inseticidas para as culturas da soja, milho e algodão. “A soja, que representa cerca de um terço do nosso mercado, tem obtido bons preços e incentivado os agricultores que já anteciparam o plantio para a próxima safra, e os defensivos vão atrás. Sem falar que, neste ano, a oleaginosa poderá substituir muitas áreas de milho, alcançando um aumento de 10%, o que demanda muito defensivo”, completa. ■



A produção tem crescido devido ao aumento de 3,8% ao ano da produtividade média de culturas, como por exemplo, o milho

A Granja

Prêmio Gerdau Melhores da Terra

HÁ 19 ANOS INCENTIVANDO A INDÚSTRIA DE MÁQUINAS E IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS

CONHEÇA OS VENCEDORES DA EDIÇÃO 2001

Categoria Destaque



Troféu Ouro

Equipamento: Colhimenta 3000 • Fabricante: Menta Mit Máquinas Agrícolas Ltda. • Cidade: Cajuru/SP



Troféu Prata

Equipamento: Pulverizador Autopropelido Parruda • Fabricante: Montana Indústria de Máquinas Ltda. • Cidade: São José dos Pinhais/PR



Troféu Prata

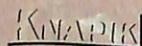
Equipamento: Dryexcel Secador de Sementes • Fabricante: Dryeration Indústria, Comércio e Projetos Ltda. • Cidade: Porto Alegre/RS

Categoria Novidade



Troféu Ouro

Equipamento: Turbo Semeadora Boelter • Fabricante: Boelter Agro Industrial Ltda. • Cidade: Gravataí/RS



Troféu Prata

Equipamento: Plantadeira Knapik • Fabricante: Indústria Mecânica Knapik Ltda. • Cidade: Porto União/SC



Troféu Prata

Equipamento: Granulômetro Embrapa Perozin • Fabricante: Perozin Indústria Metalúrgica Ltda. • Cidade: Concórdia/SC



Prêmio Especial para Sistemas Informatizados de Aplicação Agropecuária

Equipamento: Sistema Integrado de Rastreabilidade Bovina • Fabricante: Planejar Processamento de Dados Ltda. • Cidade: Canoas/RS

www.melhoresdaterra.com.br

FERTILIZANTE **na terra é dinheiro** **no bolso**

*Mercado aquecido comprova a conscientização
do produtor brasileiro de que a adubação do solo é uma
das etapas decisivas para o sucesso da produção*

Luciana Radicione

Como explicar o aumento gradativo da produção de grãos no Brasil sem o correspondente aumento da área cultivada? Simples. Ganhos em produtividade. A boa performance da agricultura nacional é justificada principalmente pela capacitação do produtor, que cada vez mais investe na lavoura. São investimentos em correção do solo, sementes, defensivos e máquinas, que a cada ano geram um incremento de produtividade, resultando em maior rendimento e competitividade para o agricultor. O uso de fertilizantes é uma das etapas de produção decisivas para o sucesso de qualquer *commoditie* e o País já conquista uma importante posição mundial, quando o assunto é consumo.

Dados da Associação dos Misturadores de Adubos do Brasil (AMA) apontam que o País é o quarto maior consumidor de fertilizantes do mundo, só perdendo para a Índia, a China e os Estados Unidos. Segundo o presidente da AMA, George Wagner Bonifácio e Sousa, no ano passado o consumo nacional foi de 16,5 milhões de toneladas de fertilizantes, sendo que 5 milhões de toneladas apenas com os nutrientes nitrogênio, fósforo e potássio. "Do total ofertado no mercado brasileiro, 50% da matéria-prima é importada, principalmente o cloreto de potássio, o sulfato de amônio, o MAP e a uréia", informa o dirigente. Apesar

dessa dependência das empresas brasileiras, o mercado de fertilizantes no País está aquecido. Na opinião do presidente da Associação Nacional para a Difusão de Adubos (ANDA), Nelson Pereira dos Reis, a entrega de fertilizantes em 2001 deve repetir o volume alcançado no ano passado, quando as vendas cresceram 20% em relação a 1999. "Acredito que parte do crescimento ocorrido no ano passado se deu com a exploração de novas áreas para a formação de estoques de segurança", salienta Reis.

A empresa gaúcha Adubos Trevo prevê que o consumo nacional em 2001 fique em torno de 15,6 milhões de toneladas. De acordo com Ademar Fronchetti, diretor de relações com investidores, a projeção para baixo se deve especialmente ao desempenho de *commodities* como o algodão e o café; ao contrário da soja, que irá contribuir positivamente este ano. "Fatores como o dólar e a energia elétrica também serão limitantes para o aumento do consumo", argumenta Fronchetti. A Adubos Trevo, responsável pela produção de 1,3 milhão de toneladas de fertilizantes consumidas no Brasil, mantém a estratégia de estar sempre ao lado do produtor rural. Com esse objetivo, participa de feiras, promove palestras e seminários, visando a aprofundar o nível de conhecimento do homem do campo sobre a importância

dos fertilizantes, como caminho para conquistar a produtividade. "Nosso agricultor não é mais bobo. Existe uma forte consciência, em todos os níveis, sobre a necessidade da adubação", afirma. Apesar de ainda estar longe da realidade de países como Estados Unidos e Canadá, a tendência, na opinião de Fronchetti, é que o consumo nacional aumente gradativamente, já que "a meta de todos hoje é a produtividade".

O incentivo ao plantio e a perspectiva de produção de uma safra de 100 milhões de toneladas, no período 2001/2002, animam as empresas e colocam o País na linha de frente quanto ao potencial de crescimento da produção de grãos. Em função desse quadro otimista, as empresas produtoras de fertilizantes, com atuação no mercado nacional, estão investindo cerca de US\$ 300 milhões em projetos com a matéria-prima básica, como o aproveitamento de fosfato no Centro-Oeste. "As indústrias estão investindo no aumento da qualidade e na quantidade dos produtos", afirma Reis. Segundo ele, também estão sendo realizados investimentos na área de logística portuária. Um exemplo é a recente construção, pela iniciativa privada, de terminais exclusivos para fertilizantes em Paranaguá/PR. Para Reis, melhorias nos





Divulgação

RELAÇÕES DE TROCA

Produto	Unidade	1999	2000	2001 (jan/jul)
Arroz	saco 60 kg	19,9	23,3	25,2
Café	saco 60 kg	1,8	2,2	3,3
Cana-de-açúcar	tonelada	22,8	18,9	16,6
Feijão	saco 60 kg	5,2	6,9	5,9
Milho	saco 60 kg	31,2	27,7	43,2
Soja	saco 60 kg	20,7	18,9	20,3

Quantidade necessária para comprar 1 t de fertilizante
Fonte: ANDA

da cana-de-açúcar, há dois anos, quando os preços do açúcar apresentaram queda de 11% e resultaram na falta de investimento por parte do produtor. Segundo o presidente

portos significam a redução de custos para toda a cadeia produtiva.

Culturas — A Região Centro-Sul do Brasil concentra a maior parte do consumo de fertilizantes: 85%. A cultura da soja é a que mais utiliza o insumo, sendo responsável por 30% do total. Em seguida, aparecem a cana-de-açúcar e o milho, com 17%, e o café, com 8%. Como a maior parte das culturas que absorvem a produção de fertilizantes no Brasil têm seus preços atrelados ao dólar, a alta da moeda norte-americana em relação ao real não está trazendo dor de cabeça aos fabricantes e produtores rurais. “Existe até um incentivo para o agricultor que produz grãos voltados para o mercado externo”, garante Sousa, presidente da AMA. No entanto, o produtor deixa de investir em fertilizantes quando há queda na cotação internacional de determinada *commoditie*. Esse foi o caso

da AMA, a cotação dos produtos no mercado internacional está proporcionalmente ligada ao consumo de fertilizantes. “O problema é o custo-benefício. Quando o preço do produto reduz, o agricultor só irá manter os investimentos na lavoura se ele apresentar uma produtividade excepcional”, informa George Sousa. Normalmente, esse produtor com alto rendimento no campo ainda consegue manter os investimentos em insumos por um período de um a dois anos, sem necessidade de partir para a redução de fertilizantes.

Atualmente, no País, o café é a *commoditie* que poderá influenciar na queda do consumo, já que o produto está com o pior preço dos últimos 50 anos. Em função disso, Mário Barbosa, presidente da Bunge Fertilizantes - empresa que detém 30% do mercado nacional com as marcas Serrana, Manah, IAP e Ouro Verde - acredita que

neste ano haverá uma queda de 2% a 3% no consumo. Embora não haja previsão de crescimento da demanda neste ano, o setor de fertilizantes tem o que comemorar. Nos últimos quatro anos, o setor vem apresentando um crescimento médio de 8%. “Esse crescimento, sem dúvida, se dá em função do custo-benefício, pois trata-se de um investimento altamente compensador”, explica o presidente da AMA.

De olho nesse mercado promissor, Sousa acredita que a longo prazo a agricultura brasileira, salvo crises e recessões de âmbito internacional, deve apresentar crescimento de 5% ao ano, desempenho este acompanhado de perto pelo setor de fertilizantes. A previsão otimista, que também é compartilhada pelo presidente da Bunge Fertilizantes, deve ser mantida a longo prazo, especialmente em função da meta de produção agrícola na safra 2001/2002, que deve chegar a 100 milhões de toneladas. Exemplo que retrata bem esse quadro de otimismo é um fato de conhecimento do presidente da Bunge. “Um produtor de café está se desfazendo de seu automóvel particular para poder investir na lavoura, com a compra de calcário, fertilizantes e defensivos”, conta. Embora 80% do mercado consumidor de fertilizantes seja formado por produtores com produção de grãos atrelada ao dólar, Barbosa afirma que, de uma maneira geral, todos os produtores brasileiros estão conscientes da importância de se investir na correção do solo para garantir uma boa produtividade na hora da colheita.

A Bunge atua através das unidades de negócios de nutrientes e fertilizantes, sendo que cada uma das marcas oferece ao mercado produtos com características distintas. É a única empresa do setor que atua totalmente verticalizada, ou seja, desde a mineração do fosfato, em Araxá/MG e Cajati/SP, até a aplicação dos fertilizantes por meio da agricultura de precisão. O minério de fosfato, extraído e beneficiado nas minas, é transformado em superfosfato simples e em fertilizantes NPK em 35 unidades de mistura espalhadas pelo Brasil. Entre os projetos de investimento da empresa está a construção, para 2002, de uma nova fábrica de ácido fosfórico na unidade de Araxá, no Triângulo Mineiro.

CORREÇÃO DE SOLO

O primeiro passo já foi dado com o início das obras da fábrica de ácido sulfúrico, que deverá estar concluída até dezembro deste ano. Com investimento de US\$ 33 milhões, a unidade fornecerá insumo para a produção de superfosfatos e ácido fosfórico para a unidade planejada para 2002.

De acordo com George Sousa, os agricultores inseridos e em sintonia com a atividade agrícola conhecem bem a importância de todo o processo de correção do solo. "O produtor de menor porte, embora utilize quantidades inferiores, também sabe que o fertilizante traz benefícios", afirma. No entanto, o uso de fertilizantes é apenas uma etapa do processo de melhoramento da lavoura. Sem as etapas de calagem, preparo do solo e irrigação, por exemplo, o produtor terá resultados limitantes. "O fertilizante não é um processo mágico, depende de várias técnicas conjuntas", explica Sousa.

Importação — Até julho deste ano, de acordo com levantamento feito pela ANDA, o Brasil já importou 4.215.877 toneladas métricas de fertilizantes, volume 3,3% superior a igual período do ano passado. Só no mês de julho, o aumento das importações foi



Souza da AMA: "...trata-se de um investimento altamente compensador"

de 23,6% em relação a julho de 2000. As grandes indústrias internacionais, de olho no potencial do mercado brasileiro, estão direcionando seus embarques para o País, onde a demanda pelo insumo é crescente. No ano passado, as indústrias brasileiras importaram 88% dos fertilizantes potássicos de países como Rússia, Canadá, Israel e Jordânia, além de outros 58% de nitrogena-

dos comprados da Rússia e dos Estados Unidos. "Dependemos muito da matéria-prima importada, mas nossas empresas não páram de investir em novos projetos para a captação de recursos nas nossas reservas", afirma o presidente da ANDA, Nelson Pereira dos Reis.

No caso do potássio, segundo Reis, no Brasil não existem recursos significativos que sejam conhecidos, por isso o País importa cerca de



Barbosa, da Bunge: o produtor tem consciência da importância de se investir na correção do solo

90% do total de 4,4 milhões de toneladas consumidas por ano. Já no caso dos fertilizantes nitrogenados, no Brasil existem quatro complexos produtores em atuação: em Cubatão/SP, Araucária/PR, Camaçari/BA e em Laranjeiras/SC. A exploração, no entanto, esbarra na questão econômica, já que no Brasil não há disponibilidade de gás natural para tornar a exploração economicamente viável. "Com relação aos fosfatos, os recursos existem, embora não em abundância, mas cinco minas estão sendo exploradas", garante o presidente da ANDA. O dirigente afirma, porém, que a expansão do trabalho pelas empresas vai depender de incentivos, como a redução de impostos e, principalmente, do aumento do imposto de importação. "Hoje o setor sofre muito com as importações e com práticas não-leais de comércio, pois as tarifas de importação são muito baixas", diz Reis. Na visão do dirigente, o imposto de importação de 4% é um freio à produção nacional, que precisa manter a competitividade de seus produtos, sobre os quais incidem ICMS e PIS/COFINS.

Produtividade — O fertilizante, isoladamente, é responsável por 50% do aumento da produtividade. Essa afirmação integra diversos estudos de entidades ligadas ao setor agrícola, entre elas, a ANDA. No caso do Brasil, seu uso é essencial para o sucesso da lavoura, porque são fontes de nutrientes para as plantas em locais onde predominam solos ácidos com baixa reserva de nutrientes e, consequente-



Estudos apontam que o adubo, isoladamente, é responsável por 50% do aumento da produtividade da lavoura

A Granja



Divulgação

Silva, da Embrapa Solos, alerta para a necessidade de se fazer a aplicação na dosagem adequada

mente, de baixa fertilidade. “Se os fertilizantes não forem aplicados na dose adequada, determinada pela análise do solo, é quase certo que os níveis de nutrientes presentes na maioria dos nossos solos não serão suficientes à demanda nutricional de grande parte das plantas”, afirma o pesquisador de Solos e Nutrição de Plantas da Embrapa Solos, Carlos Alberto Silva. Ele informa que a correta aplicação de fertilizantes aumenta a produtividade e qualidade dos produtos colhidos, resultando em maior renda para o agricultor. “Mas se o insumo não for aplicado na dose certa, o rendimento das culturas será determinado pelo nível de fertilidade do solo cultivado”, diz, complementando que, no caso de solos brasileiros, é quase certo que a produtividade será seriamente comprometida.

Carlos Alberto Silva explica ainda que a aplicação ano a ano de fertilizantes irá depender do resultado da análise do solo, esta sim necessária todo o ano. Segundo o pesquisador, se for constatada a baixa disponibilidade de nutrientes no solo, é hora de aplicar fertilizante. Além da análise rotineira de solo (fósforo, potássio, cálcio, magnésio, pH, alumínio trocável e H+Al), o ideal é que o agricultor também solicite análises de disponibilidade de micronutrientes, do teor de matéria orgânica e da textura do solo. “A dose a ser utilizada dependerá da disponibilidade de nutrientes avaliadas pela análise de solo, da expectativa de produção, da exigência nutricional da cultura e da condição sócio-econômica do produ-

tor”, detalha Silva. Na opinião do técnico, os produtores brasileiros não podem ser culpados pelas deficiências ocorridas no manejo dos fertilizantes. Para ele, as falhas estão associadas a todos os fatores que compõem as diferentes cadeias produtivas. “O importante é trabalhar para que as quantidades de fertilizantes aplicadas nas lavouras aumentem, já que o volume de NPK usado no Brasil está abaixo das reais necessidades”, salienta o pesquisador

da Embrapa Solos. Ele acrescenta ainda que é necessário o estímulo a análises de solo e foliar, ferramentas “imprescindíveis” para a correta recomendação de fertilizantes. Também cita como importante a prática da calagem, a maior oferta de fórmulas regionais por parte das empresas e o treinamento de técnicos capazes de interpretar laudos de análise de solos, para determinar a dosagem correta conforme o tipo de solo e cultura. ■

12 de outubro, dia de quem leva esta bandeira no coração. Parabéns agrônomo.

O Brasil adubando, ca.

Adubar é acreditar, é mais do que ter fé, é fazer com que as coisas aconteçam.

MANAH



FEIRA dá a volta por cima

Contrariando todas as previsões, a 24ª Expointer, realizada de 25 de agosto a 2 de setembro, em Esteio/RS, superou as expectativas

Texto: Luciana Radicione / Fotos: Leandro Cabral

Deu tudo certo. A Expointer 2001 conseguiu contornar os problemas acumulados pela febre aftosa e deu a volta por cima. Para uma época de crise, os números apresentados pelos coordenadores da feira agropecuária surpreenderam até mesmo os mais céticos. Além do bom desempenho na comercialização de animais e de máquinas agrícolas, o grande saldo positivo da feira foi a ausência de confrontos entre o Governo do Estado e a Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Far-sul). O clima de paz reinou durante os nove dias da exposição, com direito a revoadas de pombos durante a cerimônia de

inauguração oficial e desfile dos animais Grandes Campeões de Esteio, pela primeira vez sem a presença do titular do Ministério da Agricultura.

A grande notícia esperada pelos produtores que apostaram na Expointer foi dada pelo ministro da Agricultura, Marcus Vinícius Pratini de Moraes, logo no primeiro fim de semana da exposição. Para alavancar os negócios com animais e despertar o interesse de produtores de outros estados, o governo federal anunciou a criação de um corredor sanitário condicionado ao abate comercial dos 11,5 mil animais de 30 propriedades gaúchas que tiveram contato com o vírus da febre

aftosa. Após o abate comercial, os animais negociados em Esteio passariam pela sorologia e pelo cumprimento de quarentena de 30 dias na origem e mais 14 dias no destino. A notícia foi aplaudida pelos criadores e pelo governo do Rio Grande do Sul, antes temerosos pelos efeitos negativos da aftosa junto aos compradores de outras regiões do País.

A estratégia foi vencedora, tanto que 22,7% do total arrecadado com a comercialização de animais em Esteio (R\$ 2.282.298,00) se referem a vendas feitas para investidores de outros estados, como São Paulo, Paraná, Mato Grosso do Sul, Santa Catarina e Bahia.

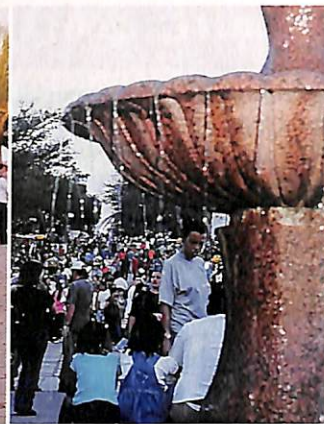
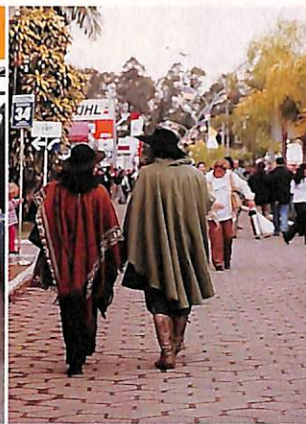
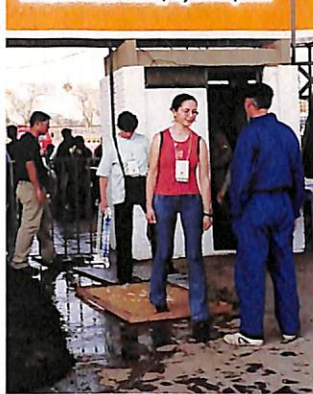
Embora a presença de compradores de fora do Rio Grande do Sul não tenha alcançado um número expressivo, em relação a anos anteriores, o certo é que valeu a intenção do Ministério da Agricultura de agilizar a retomada do *status* sanitário do rebanho gaúcho, dentro de uma feira tradicional como a Expointer. Alheias a toda essa movimentação, as estrelas da festa mais uma vez se sobressaíram e confirmaram a pujança da pecuária desenvolvida no Rio Grande do Sul.

Os organizadores foram unânimes ao afirmar que o sucesso da Expointer 2001 se deu, principalmente, pela genética dos animais presentes no Parque Assis Brasil. A qualidade da pecuária exposta em Esteio, aliada à possibilidade de venda para fora do Estado após o período de quarentena, resultou em um acréscimo, pequeno, de 5,35% no volume de vendas em relação ao ano anterior, mas deve-se levar em consideração que neste ano houve uma redução de 16,2% no número de animais presentes à mostra, entre bovinos, eqüinos, zebuínos, bubalinos, ovinos, caprinos e pequenos animais. Em relação a eles, o cuidado foi redobrado. Seguindo regras para o controle da aftosa — além do rodolúvio, já presente em 2000 —, neste ano foi a vez do pedilúvio, que obrigou os visitantes a mergulharem os calçados em uma solução de iodo, para afastar o perigo da contaminação no Parque Assis Brasil. O público em Esteio também superou o registrado na edição anterior. Foram 248.629 pagantes, contra 236 mil do ano passado: um acréscimo de 5,3%.

A feira completou 100 anos, sendo 24 anos de exposição de caráter internacional. Pela primeira vez, no entanto, a Expointer retornou a sua condição inicial, de cunho regional, em função da condição inviável para que animais de outros estados participassem da exposição. Também houve uma significativa diminuição no número de representações estrangeiras em Esteio. Enquanto nos últimos anos era comum a participação de até 12 países, neste ano apenas cinco estiveram presentes: Alemanha, Inglaterra, Uruguai, Líbano e Peru.

O Moderfrota foi o grande responsável pelo desempenho do setor de máquinas agrícolas. O Banco do Brasil e o Banrisul, juntos, disponibilizaram o total de R\$ 18 milhões para a compra de máquinas e animais. Só o Banco do Brasil respondeu por R\$ 15 milhões e 637

Estado da Participação Popular



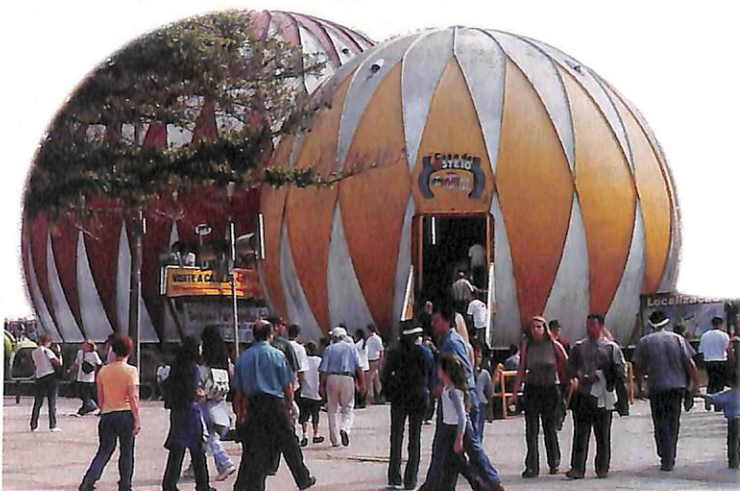
As pessoas que circularam na mostra, que em muitos casos fizeram questão de exaltar as tradições gauchescas, se depararam com uma situação ímpar este ano — o pedilúvio (à esquerda)

propostas aprovadas. Para o superintendente estadual do BB, Dercy Alcantara, os financiamentos para tratores e plantadeiras representaram 55% do valor total, demonstrando que os produtores estão atualizando tecnologicamente seu parque de máquinas. Já o Banrisul disponibilizou um volume de crédito 80,8% maior que no ano passado, possibilitando a compra de 150 máquinas e 170 animais por meio de sete linhas de crédito colocadas à disposição dos produtores rurais. A redução da taxa de juros foi determinante para a tomada de decisões. O banco aplicou uma taxa entre 4% e 5% ao ano e prazo de 30 meses.

Discursos amenos — Na inauguração oficial da Expointer 2001, reinou o clima de otimismo entre as entidades promotoras do evento. Para valorizar a participação dos animais e da genética do rebanho presentes na feira — além, é claro, de evitar confrontos como o ocorrido no ano passado, quando representantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) invadiram a pista central —, a Farsul e o Governo do Estado aprovaram uma mudança na cerimônia. O desfile dos exemplares campeões e reservados de campeões e a saída dos animais da pista ocorreram antes dos pronunciamentos das autoridades na tribuna. Sem provocações, a inauguração oficial da Expointer foi mais uma oportu-

nidade para ratificar a cordialidade entre as autoridades organizadoras do evento. O governador Olívio Dutra saudou o bom momento da agropecuária do Rio Grande do Sul. “Colhemos este ano a maior safra da nossa história e conquistamos o segundo lugar entre os estados brasileiros de maior produção e exportação”, salientou. Foi Olívio quem entregou a Comenda Assis Brasil à gaúcha Lila Franco Tellechea.

O presidente da Farsul, Carlos Spertotto, salientou que a Expointer conseguiu ser mais forte do que todos os problemas causados pela febre aftosa. “Essa doença trouxe um nivelamento dentro do prejuízo. Agora teremos condições de participar com a nossa genética em feiras no Mercosul”, disse o dirigente. Na tribuna, o ministro interino da Agricultura, Márcio Fortes de Almeida, destacou que a qualidade dos animais sempre esteve presente em Esteio. Afirmou que, daqui para a frente, para conquistar novos mercados, será preciso buscar a perfeição. “E o Rio Grande do Sul está nesse caminho”, frisou.



Público pagante no Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio/RS, chegou a 248.629 pessoas

Máquinas agrícolas

A contar pelas expectativas iniciais das empresas participantes, a Expointer 2001 foi a feira da superação. A maior parte dos expositores saiu satisfeito com os negócios fechados ou alinhavados na exposição. O setor de máquinas agrícolas apresentou o melhor desempenho. De acordo com o Sindicato das Indústrias de Máquinas e Implementos Agrícolas do Rio Grande do Sul (Simers), a comercialização atingiu o montante de R\$ 30,1 milhões, contra R\$ 13,8 milhões registrados na edição anterior. O Dia do Negócio, na terça-feira (28/8), uma novidade na exposição deste ano, segmentou o público visitante e incentivou o fechamento de negócios no setor de máquinas e equipamentos agrícolas.

Segundo o presidente do Simers, Cláudio Bier, na segunda-feira (27/8) a comercialização alcançava R\$ 2 milhões. No Dia do Negócio fechou em R\$ 6 milhões, o que, na sua opinião, comprovou a eficiência de um dia voltado especialmente para o setor de máquinas e implementos. Com os resultados satisfatórios, os organizadores da Expointer já decidiram que, na próxima edição, pelo menos dois dias serão destinados para negócios. Conforme Bier, as vendas superaram em muito a expectativa inicial de um crescimento de 20% sobre as vendas do ano 2000, apresentando um superávit de 118%. A posição das empresas, no entanto, é unânime: uma exposição com o porte e o custo da Expointer deveria dedicar todos os seus dias aos negócios. Uma questão pendente que não animou as empresas foi o anúncio feito pelo secretário da Agricultura, José Hermeto Hoffmann, de que a próxima edição contará com uma área para dinâmica de equipamentos agrícolas.

Na New Holland, o gerente regional de vendas, Luiz Feijó, afirmou que a montadora chegou em Esteio pronta para encarar nove dias de negócios e não apenas um. Apesar disso, a empresa comemorou os resultados obtidos na Expointer. O montante negociado alcançou R\$ 11 milhões, valor que superou em 10% o resultado do ano passado. De acordo com Feijó, o resultado positivo acompanha o bom momento do setor de máquinas agrícolas em todo o País, em especial no Rio Grande do Sul. Os motivos do crescimento, na opinião do gerente, foram os bons resultados da safra, o clima positivo da feira, que superou a febre aftosa, e principalmente a boa fase do

setor de máquinas. A New Holland trouxe para a feira novidades, como os tratores da linha TM, com potência entre 125 e 165 HP, e o trator Exitus, com potência de 79,8 HP, destinado a pequenos e médios produtores. Segundo Feijó, o *test drive* oferecido aos clientes pela primeira vez foi um dos fatores que determinaram a compra.

Na John Deere, as vendas somaram R\$ 7 milhões e não representaram acréscimo sobre o ano 2000. Na avaliação do gerente de vendas, Paulo Kowalski, a idéia inicial era crescer entre 10% e 15%.



Anderson Oba, da Pirelli

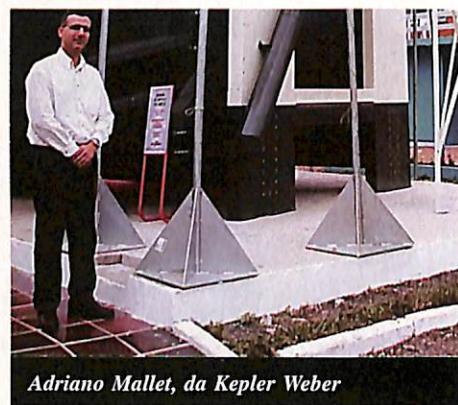


Everton Corrêa, da Semeato

A edição deste ano, em caráter regional, e a preferência dos produtores em adquirir equipamentos em feiras mais próximas da sua região, foram apontados pelo gerente como fatores que impediram o crescimento. A John Deere, que neste ano esteve presente à feira em parceria com sete concessionárias do Rio Grande do Sul, investiu no lançamento do trator popular, uma tendência que se confirmou em Esteio. "O modelo 5403, de 75 cv, que complementa a linha 5600, apresenta preço mais competitivo, pois alia simplicidade à alta tecnologia", detalha o gerente de produto e mercado da empresa, José Luís Coelho. O novo trator está disponível nas versões 4x2 e 4x4 e a expectativa é que eleve para 20% a participação da empresa no segmento de



Luiz Feijó, da New Holland



Adriano Mallet, da Kepler Weber



Idio Berger, da Valtra

75 cv, atraindo a atenção dos pequenos e médios produtores. "As vendas desse novo modelo ficaram dentro do esperado", complementou Kowalski. Para ele, o Dia do Negócio deu certo, com a presença de um público mais ligado ao agro-negócio; o ideal, no entanto, é que mais dias fossem direcionados para oportunizar as vendas.

Segundo Anderson Oba, coordenador de *marketing* e comunicação da Pirelli, a empresa também investiu na Expointer, apresentando sua nova linha de pneus desenvolvidos com a mais alta tecnologia, com o objetivo de oferecer aos agricultores uma gama de produtos para colheitadeiras e tratores. O 35.5L-32 MB 39 *Tubeless* tem tração regular e visa a atender novas versões de máquinas agrí-



José Luís Coelho, da John Deere



Naurimar Ribeiro, da Agrale



José Marques Terra, da Case

colas das principais montadoras. Já o 18.4-26 TM95 *Tubetype*, de tração regular, destina-se a equipar tratores.

Na Kepler Weber, a comercialização de equipamentos para armazenagem superou em 50% os números obtidos no ano passado, chegando a R\$ 2 milhões. De acordo com o diretor comercial da empresa, Duílio de la Corte, a maior parte das consultas foi para projetos de sistemas de armazenagem de grãos no Rio Grande do Sul, dentro da linha de crédito do Banco do Brasil. Segundo o diretor, a conjuntura favorável do setor agrícola, a expectativa de uma safra recorde e a linha de crédito específica para armazenagem em nível de fazenda foram os fatores que incentivaram as vendas. Adriano Mallet, do departamento de



Fábio Piltcher, da AGCO

marketing da Kepler, afirma que, além da tradicional participação institucional da empresa no evento, o aditivo positivo deste ano foi o recurso inédito para armazenagem, anunciado no Plano Safra 2001/2002. "A feira é uma grande oportunidade para o fechamento de negócios em nível regional", complementou.

Apresentando o menor trator 4x4 do mercado, a Agrale encerrou suas atividades em Esteio com saldo positivo. De acordo com Naurimar Ribeiro, assistente de *marketing*, R\$ 10 milhões foram comercializados na Expointer 2001. O trator 4x4 foi a grande sensação do estande da Agrale, atraindo principalmente produtores da Região da Serra. Conforme explica Ribeiro, a máquina é apropriada para parreirais, pois apresenta um ótimo desempenho em terrenos acidentados, com a vantagem das trações dianteira e traseira. O Agrale 4100.4 foi desenvolvido para atender também as necessidades dos horticultores, fruticultores, pecuaristas, avicultores e suinocultores, que buscam um modelo de pequeno porte.

O gerente comercial da Semeato, Everton Corrêa, também fez uma avaliação positiva da Expointer 2001, onde a empresa de Passo Fundo/RS alcançou a comercialização de 90 plantadeiras, praticamente a mesma quantidade do ano passado. Com uma venda próxima a R\$ 3 milhões, a Semeato acreditava inicialmente que a comercialização pudesse apresentar uma retração de até 40%, devido à falta de máquinas para pronta entrega e às dificuldades enfrentadas pelo setor arrozeiro, que tradicionalmente representa 75% dos negócios em Esteio.

Na opinião do coordenador de *marketing* da Valtra, Idio Berger, a área de dinâmica para máquina agrícolas será uma oportunidade interessante para os

fabricantes mostrarem a eficiência de seus produtos aos potenciais clientes, principalmente os lançamentos realizados na Expointer. Da mesma forma, a empresa avaliou a intenção do governo em ampliar o dia para negócios. Embora a Valtra tenha apresentado um pequeno crescimento de vendas em relação ao ano passado, Berger afirma que a expectativa de participação, divulgação e venda dos produtos confirmou-se. A empresa levou para Esteio os novos tratores fruteiros de 65 e 75 cv.

Com uma participação institucional, a Case mais uma vez apostou na Expointer como um grande centro para a divulgação de sua marca, já pensando no encaminhamento de negócios para a safra. "Trabalhamos com um pequeno grupo de grandes produtores no Brasil, que representam 40% da produção agrícola", destacou o gerente regional de vendas, José Joaquim Marques Terra. O diferencial oferecido pela alta tecnologia das máquinas agrícolas Case, no entanto, começa a ganhar espaço no Rio Grande do Sul.

A Massey-Ferguson apresentou um crescimento de 50% nas vendas em relação ao ano anterior. A empresa também foi destacada pelo Banco do Brasil como responsável pelo maior volume financeiro em propostas encaminhadas na feira. Segundo Normélio Ravello, diretor de operações comerciais da AGCO do Brasil, o bom desempenho se deve a um conjunto de fatores do trabalho empreendido pelos governos federal, estadual, Simers e pela própria empresa. Ele destacou o Moderfrota como um dos fatores mais relevantes que impulsionaram as vendas em Esteio. O gerente de *marketing* e comunicações da AGCO, Fábio Piltcher, considerou que a tendência de crescimento da participação da Massey-Ferguson no segmento de colheitadeiras também foi relevante para o bom desempenho da empresa na Expointer. "Só da nova linha Advanced, modelos MF 5650 e MF 3640, foram vendidas mais de 50 unidades", informou. Para Piltcher, a Expointer é um momento de aproximação de todas as partes de um sistema de produção. "É quando fábrica, produtores, concessionários, financiadores - como o Agricredit e o Consórcio Nacional Massey - e fornecedores mantêm contato direto que repercute no aperfeiçoamento de produtos", salientou.



Colhimenta 3000 - Menta Mit



Marcelo Bugin ao lado da Turbo Semeadora Boelter

A 19ª edição do Prêmio Gerdau Melhores da Terra – o maior da América Latina para o setor de máquinas e equipamentos agrícolas – concedeu o Prêmio Ouro, na Categoria Destaque, à empresa paulista Menta Mit Máquinas Agrícolas, de Cajuru/SP. O equipamento vencedor, Colhimenta 3000, é utilizado para a produção de forragem de cana-de-açúcar destinada à suplementação alimentar para o ganho de peso dos bovinos de corte e o aumento da produção leiteira. De acordo com os usuários entrevistados pela comissão julgadora, a máquina apresenta melhor desempenho na colheita da cana para forragem devido a sua robustez, qualidade de corte, facilidade de operação, manutenção e assistência técnica. Outro diferencial observado pelos usuários é o corte mais baixo, que reduz o risco de danos à soqueira. A tecnologia do modelo 3000 oferece ainda maior segurança para o operador e para terceiros, já que o direcionamento da for-

ragem para o vagão forrageiro é realizado por meio de acionamento elétrico-hidráulico e todas as partes externas móveis são protegidas de forma apropriada.

A turbo-semeadora Boelter, da Boelter Agro Industrial, de Gravataí/RS, recebeu o prêmio Ouro, na categoria Novidade. O equipamento tem como importante característica o mecanismo distribuidor de sementes, que, valendo-se de um leito de ar, executa a distribuição com baixo índice de danos e excelente uniformidade de semeadura. O sistema funciona de maneira semelhante ao utilizado na semeadura aérea. A falta de equipamentos adequados para a ampliação e implantação da cultura do arroz no sistema pré-germinado levou à formação de um consórcio formado pela Fundação de Ciência e Tecnologia do RS (Cientec), Instituto Rio-grandense do Arroz (Irga), Universidade Federal do RS (UFRGS) e a Boelter, para desenvolver e ensaiar o protó-

tipo do equipamento premiado. De acordo com a comissão julgadora do Prêmio Gerdau Melhores da Terra, o protótipo constitui-se em uma inovação tecnológica altamente promissora, que poderá, em pouco tempo, expandir os atuais 70 mil hectares cultivados de arroz atualmente no RS pelo sistema do pré-germinado. ■

OS VENCEDORES

CATEGORIA DESTAQUE

Troféu Ouro – Colhimenta 3000 – Menta Mit Máquinas Agrícolas Ltda. – Cajuru/SP

Troféu Prata – Pulverizador Auto-propelido Parruda – Montana Indústria de Máquinas Ltda. – São José dos Pinhais/PR

Troféu Prata – Dryexcel Secador de Sementes – Dryeration Indústria, Comércio e Projetos Ltda. – Porto Alegre/RS

CATEGORIA NOVIDADE

Troféu Ouro – Turbo Semeadora Boelter – Boelter Agro Industrial Ltda. – Gravataí/RS

Troféu Prata – Plantadeira Knapik – Indústria Mecânica Knapik Ltda. – Porto União/SC

Troféu Prata – Granulômetro Embrapa Perozin – Perozin Indústria Metalúrgica Ltda.

PRÊMIO ESPECIAL

Equipamento – Sistema Integrado de Rastreabilidade Bovina

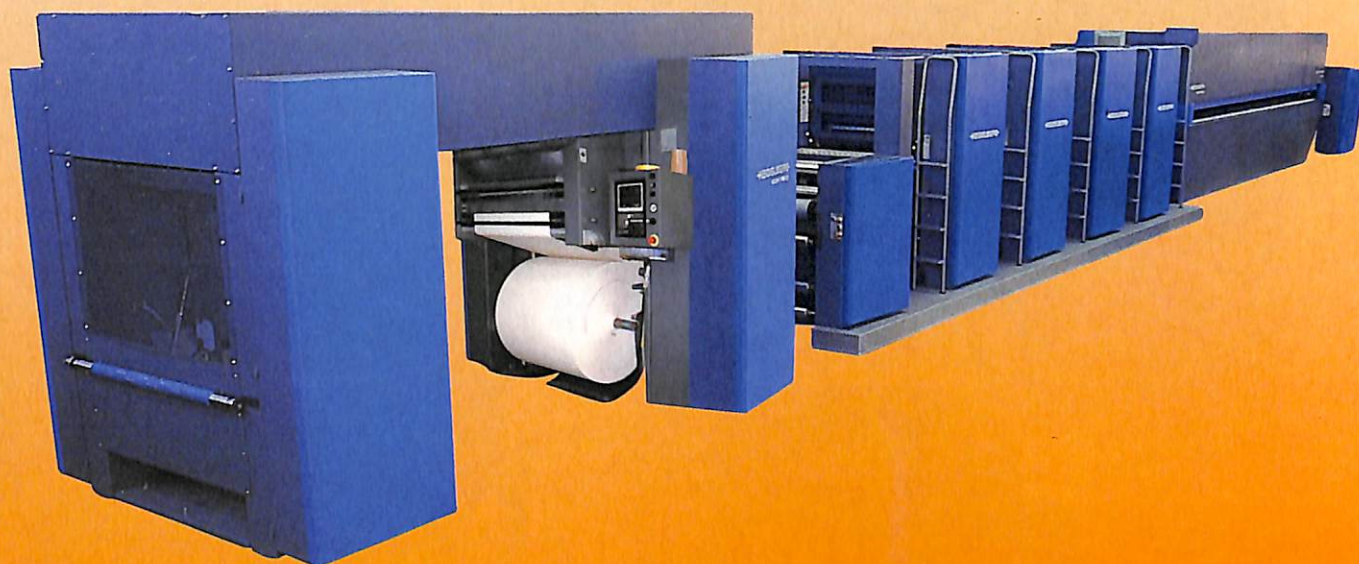
Fabricante – Planejar Processamento de Dados Ltda. – Canoas/RS

O primeiro trator “zero quilômetro”

A Expointer foi a oportunidade que faltava para que o produtor Delmar Neitzcke (na foto), 36 anos, de Travesseiro/RS, adquirisse o seu primeiro trator “zero quilômetro”. A preferência foi pelo novo modelo da New Holland – o Exitus, com 78 cv –, direcionado para pequenos e médios produtores. Delmar aproveitou as vantagens do Finame e se desfez do trator antigo, ano 1973, que havia adquirido há seis anos para ajudar nas atividades da propriedade onde cultiva milho e desenvolve a produção de suínos e de leite. Embora já tivesse participado de test drive e dias de campo, promovidos pela concessionária Líder, de Lajeado, a compra somente foi efetivada em Esteio. Com um faturamento anual de R\$ 18 mil, Delmar financiou 90% do valor da máquina. O pagamento será feito em seis anos, com juros fixos de 8,75% ao ano. “Há 15 anos produzindo, posso dizer que a compra do antigo trator foi mais difícil”, afirmou. Satisfeito com a compra e confiante no aumento da produtividade que o máquina vai lhe proporcionar, Delmar agora tem planos de expandir a atividade agrícola, com o arrendamento de novas áreas.

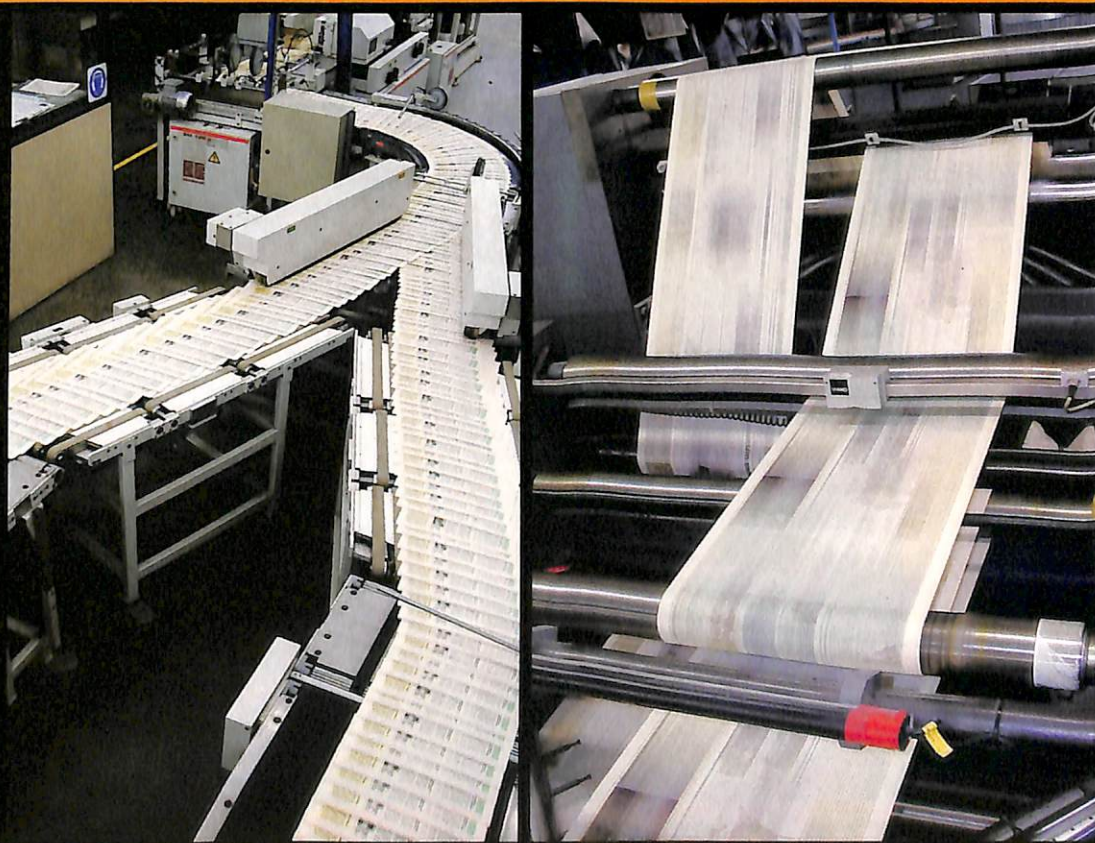


A boa impressão, que sempre
foi a marca da Pallotti,



ficou ainda melhor com a nova rotativa
Heidelberg M600 A24

Esse investimento prova,
mais uma vez, a posição
de vanguarda da Pallotti
no setor gráfico gaúcho.
A Gráfica Editora Pallotti
é a única empresa do
Rio Grande do Sul que possui
impressora rotativa comercial
para impressão editorial
e promocional.
Com a nova rotativa
Heidelberg M600 A24,
suas publicações terão garantia
de qualidade com prazos
e custos adequados.
Veja mais detalhes na internet:
www.pallotti.com.br



José Antônio Daniel Neto. Potirendaba, SP.
Diz que um dia seus filhos vão herdar seus maiores
patrimônios: sobrenome, a maior indústria de paletes
do Brasil e muita, muita coragem.



José Antônio Daniel Neto é proprietário de uma Ford F-250.

Ford F-250.
Inspirada no que o campo
tem de mais forte.

JWThompson



Pick-ups Ford. Tricampeãs em vendas.

PICK-UP



RAÇA FORTE

Use o cinto de segurança. Os veículos Ford estão em conformidade com o PROCONVE - Programa de Controle de Poluição do Ar por Veículos Automotores. Alguns itens apresentados são opcionais.



TRIBUTO **aos empreendedores** **do agribusiness**

Texto: Ana Esteves
Fotos: Antônio Sanches e Leandro Cabral

*Em sua 16ª edição, a cerimônia de entrega dos troféus **Destaques – A Granja do Ano** reuniu autoridades e lideranças do setor, homenageando 25 expoentes do agronegócio nacional*





Uma tradição que se repete há 16 anos. Assim é a cerimônia de entrega do troféu **Destaque 2001 – A Granja do Ano**, que, no dia 31 de agosto, condecorou os 25 empreendedores *top* do setor agropecuário brasileiro, durante a 24ª Expointer. O palco da solenidade foi o auditório da Farsul, no Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio/RS, onde dezenas de pessoas, entre autoridades, lideranças rurais, criadores, produtores, pesquisadores, técnicos e representantes de empresas se reuniram para assistir à entrega do prêmio, confirmando mais uma vez o reconhecimento e o prestígio da revista **A Granja** entre os representantes do agribusiness nacional.

A lista de autoridades presentes incluiu o presidente do Sindicato das Indústrias de Máquinas e Implementos Agrícolas do Rio Grande do Sul (Simers), Cláudio Bier; o ex-secretário da Agricultura no Rio Grande do Sul, Adolfo Fetter; o presidente da Federa-

ção dos Agricultores do Rio Grande do Sul (Farsul), Carlos Sperotto; o delegado do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) no Rio Grande do Sul, Odalnio Paz Dutra; o presidente da Organização das Cooperativas do Rio Grande do Sul (Ocergs), Vicente Bogo; e o vice-presidente da Federação das Associações Empresariais do Rio Grande do Sul (Federasul), no exercício da presidência, Antônio Sartori. Ao comporem a mesa principal, revezaram-se na entrega dos troféus aos agraciados.

O delegado do Ministério da Agricultura no RS, Odalnio Paz Dutra, declarou estar muito honrado em participar da entrega de prêmios aos produtores do setor primário que foram destaque em 2001. “Alegro-me ao assistir a esta cerimônia. O ideal seria que todos os agricultores brasileiros pudessem receber este troféu, e o Ministério tem se empenhado para que mais cedo ou mais tarde isso ocorra”, reforçou.

Em seu discurso, Paz Dutra aproveitou para apontar algumas medidas mais recentes do governo, que têm trazido diversos benefícios aos produtores rurais brasileiros. “Destaco a questão da armazenagem na propriedade, representando tranquilidade para o produtor, que poderá buscar melhor preço, diminuindo, por exemplo, custos com frete”. Outro ponto destacado pelo delegado do ministério foram os incentivos à produção, em especial ao Modfrota, que está sendo aplicado em diversos municípios gaúchos, gerando empregos. Segundo ele, esse aporte financeiro de R\$ 1,6 bilhão era necessário para o setor de máquinas e implementos.

Esperança — Em nome dos empresários premiados, o diretor-presidente da Kepler Weber S.A., Othon d’Eça Cals de Abreu, falou sobre as dificuldades e a esperança dos produtores rurais e os avanços propostos pelo governo federal. “Minha grande



O presidente da revista A Granja, Hugo Hoffmann (ao microfone), coordenou a cerimônia da entrega dos troféus Destaque - A Granja do Ano e a mesa das autoridades, vindo-se, da esquerda para direita, Cláudio Bier (Simers), Adolfo Fetter (ex-secretário da Agricultura do RS), Carlos Sperotto (Farsul), Odalinho Paz Dutra (Ministério da Agricultura), Vicente Bogo (Ocergs) e Antônio Sartori (Federasul)

escola agropecuária foi o Banco do Brasil, quando exerci as funções de Fiscal de Carteira de Crédito Agrícola. E foi nesse período que marcou-me a presença do lavrador, com seu rosto curtido pelo sol, mãos calejadas pela enxada e sem esperanças. Em nenhum momento, contudo, faltava-lhe a intrepidez e a vontade de trabalhar”, disse.

Abreu afirmou que nessa época abundava o crédito agrícola, mas o Brasil necessitava urgentemente de uma política para o setor. “Mesmo com todo o crédito do período ‘Ninguém segura este País’, pouco houve de retorno. Esses créditos foram presentes momentâneos, sem visão de futuro. Faltava uma política que permitisse ampliar negócios, dentro de técnicas modernas”. O presidente da Kepler Weber ressaltou ainda a importância do planejamento para que os agricultores sejam bem sucedidos. “O produtor rural precisa planejar o seu hoje sabendo o amanhã. Ele tem que ter garantias dos resultados do preparo da terra, dos fertilizantes e sementes, da carpida, da colheita, do armazenamento e, finalmente, do transporte”.

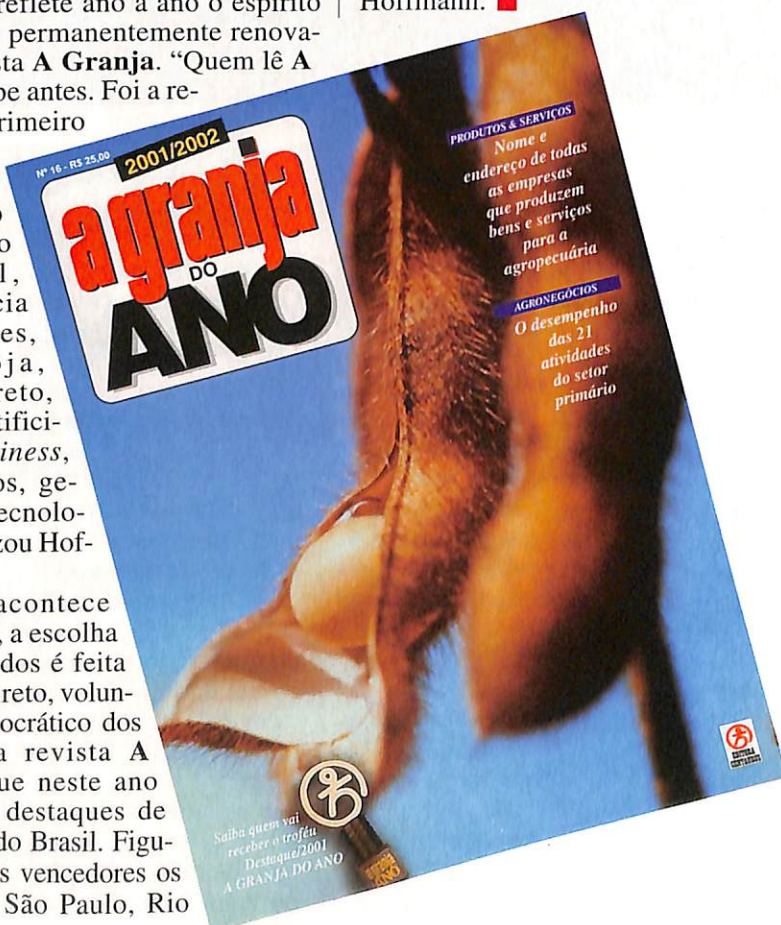
Segundo Abreu, para isso acontecer, é indispensável a aplicação de uma política agrícola bem elaborada, onde o produtor deve ser assistido desde o preparo das terras até a venda, passando pelo estoque regulador e transporte, principalmente facilitado pelas vias vicinais bem conservadas, que alcancem as áreas produtoras, já que a inexistência delas reduz ganhos.

O diretor-presidente da revista A Granja, Hugo Hoffmann, destacou

em seu discurso o importante papel desempenhado pelo anuário A Granja do Ano, nesses 16 anos de existência. “Ele surgiu com um novo enfoque jornalístico, dirigido principalmente a prestar um serviço inédito de informações ao homem do campo e às empresas que comercializam com o produtor rural”, ressaltou. Segundo ele, A Granja do Ano reflete ano a ano o espírito do conceito permanentemente renovador da revista A Granja. “Quem lê A Granja, sabe antes. Foi a revista que primeiro a bordo de pautas inéditas, como inseminação artificial, transferência de embriões, feijão-soja, plantio direto, irrigação artificial, agribusiness, transgênicos, genoma, biotecnologia”, enfatizou Hoffmann.

Como acontece desde 1986, a escolha dos agraciados é feita pelo voto direto, voluntário e democrático dos leitores da revista A Granja, que neste ano apontaram destaques de norte a sul do Brasil. Figuraram entre os vencedores os estados de São Paulo, Rio

Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Mato Grosso e o Distrito Federal. “Os destaques 2001 representam uma parcela ativa da sociedade que faz, corre risco, paga imposto, cria empregos, oferece renda, que encara os desafios da produção e da produtividade num mundo cada vez mais competitivo”, finalizou Hoffmann. ■



David Makin, da Agropecuária CFM, recebe o troféu "Destaque Pecuária de Corte" de Odalnio Paz Dutra, do Ministério da Agricultura no RS



Frans Borg, da Castrolanda, recebe de Antônio Sartori, da Federasul, o troféu "Destaque Pecuária de Leite"



Daniel Anzanello, da Cabanha Santa Edwiges, recebe o troféu "Destaque Equinos" de Carlos Sperotto, da Farsul



Armando Garcia de Garcia, da Cabanha Cerro Coroadó, recebe das mãos de Adolfo Fetter, ex-secretário da Agricultura do RS, o troféu "Destaque Ovinocultura"



Güido Gatta, representante da Tortuga, recebe das mãos de Vicente Bogo, da Ocergs, o troféu "Destaque Nutrição Animal"



Carlos Honorato, representante da Merial, recebe o troféu "Destaque Defensivos Animais" das mãos de Cláudio Bier, do Simers



DESTAQUES 2001 - A GRANJA DO ANO

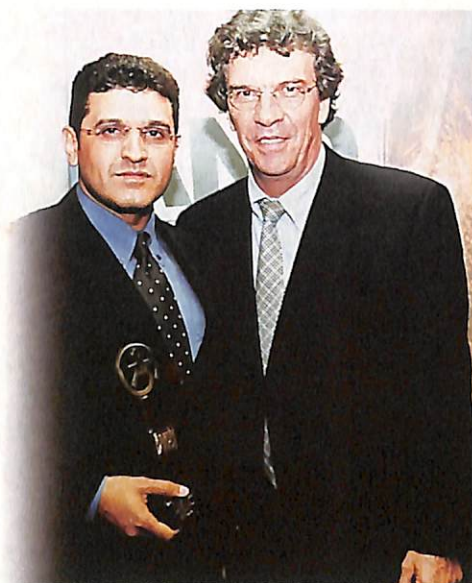
João Arthur Trindade Filho, representante da Pioneer Sementes, recebe de Hugo Hoffmann, da revista A Granja, o troféu "Destaque Sementes"



Normélio Ravanello, da AGCO, recebe o troféu "Destaque Tratores" de Odalírio Paz Dutra, do Ministério da Agricultura no RS



Éverton Correa, da Semeato, recebe o troféu "Destaque Implementos de Preparo do Solo" de Antonio Sartori, da Federasul



Manuel Arturo Lira, representante da Fertilizantes Serrana, recebe de Vicente Bogo, da Ocergs, o troféu "Destaque Adubos e Corretivos"



Luiz Feijó, representante da New Holland, recebe das mãos de Carlos Sperotto, da Farsul, o troféu "Destaque Máquinas de Colheita"



Arno Schollmeier, representante da Valmont, recebe o troféu "Destaque Sistema de Irrigação" do ex-secretário da Agricultura, Adolfo Fetter



Joseph Sherman,
representante da
Syngenta, recebe o
troféu "Destaque
Defensivos Agrícolas"
de Cláudio Bier,
do Simers



Othon d'Eça Cals de
Abreu, da Kepler
Weber, recebe das
mãos de Hugo
Hoffmann, da revista
A Granja, o troféu
"Destaque Silos e
Armazenagem"



Cid Mário
Manechini,
representante da
Volkswagen do
Brasil, recebe de
Odalniro Paz Dutra,
do Ministério da
Agricultura no RS, o
troféu "Destaque
Caminhões"



Reni Callegari,
representante da
Ford, recebe o
troféu "Destaque
Pick ups" de
Antônio Sartori, da
Federasul



Érico Ribeiro, da
Cooperativa Extremo
Sul, recebe de Carlos
Sperotto, da Farsul, o
troféu "Destaque
Produtor de Arroz"



Aurélio Pavinato, da
SLC Participações,
recebe o troféu
"Destaque Produtor
de Milho" de Vicente
Bogo, da Ocergs



DESTAQUES 2001 – A GRANJA DO ANO

Martin Wehr, representante da Sementes Maggi, recebe das mãos de Adolfo Fetter, ex-secretário da Agricultura no RS, o troféu "Destaque Produtor de Soja"



Alfredo Lang, da Coopervale, recebe das mãos de Cláudio Bier, do Simers, o troféu "Destaque Produtor de Trigo"



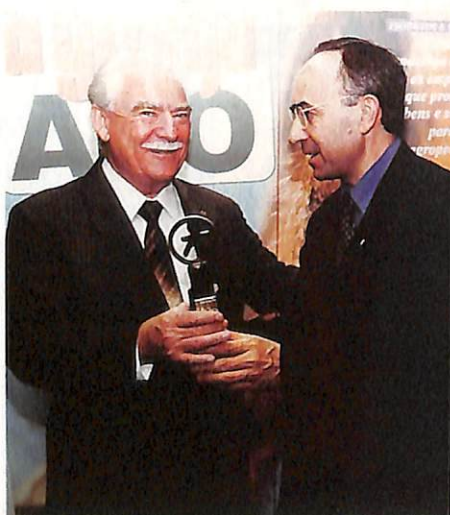
Yosiuki Maeda, representante do Grupo Maeda, recebe das mãos de Hugo Hoffmann, da revista A Granja, o troféu "Destaque Produtor de Algodão"



Ronaldo Hoffmann, representante da Seagram do Brasil, recebe o troféu "Destaque Produtor de Vinho" de Odalino Paz Dutra, do Ministério da Agricultura do RS



Alberto Duque Portugal, da Embrapa, recebe de Carlos Sperotto, da Farsul, o troféu "Destaque Pesquisa Agropecuária"



Sergio Luiz Panceri, representante da Coamo, recebe o troféu "Destaque Cooperativismo" das mãos de Vicente Bogo, da Ocergs



Derci Alcantara, representante do Banco do Brasil, recebe o troféu "Destaque Banco" de Antônio Sartori, da Federasul

VALTRA

www.valtra.com.br

Potência e Parceria



Motores Valtra

Desempenho e conforto operacional são as maiores qualidades dos tratores **Valtra**.

Com motores especialmente projetados para a agricultura, os tratores **Valtra** garantem alto torque e potência nas mais diversas operações.

A **Valtra** também fornece seus motores para alguns dos maiores fabricantes de tratores do mundo. Sinal de confiança e qualidade.

Valtra - Sempre fiel a você.

Nossos clientes reconhecem a superioridade.

50
JUBILEUM
1951-2001

Valtra do Brasil S/A

Rua Cap. Francisco de Almeida, 695

CEP 08740-300

Mogi das Cruzes - SP

Ligue grátis: 0800-192211

e-mail: falecom@valtra.com

PARTEK

A Valtra é uma empresa do Grupo Partek.

Pragas e DOENÇAS (parte I)

Valdo Rodrigues Herling, professor do Departamento de Zootecnia – FZEA/USP

Quanto às doenças, existem relatos da ocorrência de aproximadamente 80 doenças fúngicas registradas em *Panicum maximum* Jacq. que podem comprometer a perenidade das pastagens e a produção de carne e de leite. Nessas, incluem-se mancha das folhas, ferrugem e doenças da inflorescência. A maioria não tem sido estudada, sendo as mais importantes a mancha foliar, o carvão e a ferrugem.

A mancha foliar de *Cercospora* é causada por *Cercospora fusimaculans*. Ela ocorre em *Panicum maximum*, crescendo nos trópicos, mas é mais severa sob condições úmidas, afetando também outras gramíneas tropicais importantes, como *Brachiaria*, *Pennisetum* e *Setaria* spp.

Os sintomas manifestam-se através de manchas escuras (marrom pálido). Distribuem-se nas bordas das lâminas foliares, porém, mais ou menos paralelas aos vasos. Sob condições úmidas, as manchas desenvolvem-se em formato de olho, com centros necróticos. As folhas necrosadas ocorrem em ataques severos. Os tipos altos de *Panicum maximum* - por exemplo, Colômbia - são mais susceptíveis do que Makueni e os tipos de colmos finos, muitos dos quais são altamente resistentes. Nenhum estudo da importância econômica dessa doença tem sido feito.

O carvão, causado por *Tilletia ayresii* Berk. e *Masseei*, reduz substancial-

mente a produção de semente de *Panicum maximum* na América tropical. Está difundido por toda a África, a Ásia, o Caribe e a América Tropical, mas não foi registrado na Austrália. Nas avaliações de germoplasma de *Panicum maximum* no Brasil e na Colômbia, verificou-se também níveis elevados da infecção. Embora a produção de semente possa ser extremamente reduzida, o vigor da planta não parece sofrer.

Como os esporos são carregados pelo vento, a infecção de flores abertas ocorre prontamente. As plantas naturalizadas, em volta dos pastos, são a maior fonte de infecção para sementes colhidas. O tratamento de sementes com óxido cúprico, carboxin e benomyl (1 g da fórmula para 100 gramas de sementes) reduzem a infecção pelo car-

vão. Acessos resistentes têm sido identificados sob condições de campo.

A ferrugem (*Claviceps maximensis* Theiss) e *Sphacelia*, ou substância adocicada, são difundidas em *Panicum maximum*, havendo registros na África, no Caribe, na América Tropical e na Austrália. A ferrugem é particularmente prejudicial às colheitas máximas de sementes dessa espécie em Porto Rico e ao norte de Queensland. Durante a estação úmida, a infecção ocorre logo após a abertura dos floretes. A presença da ferrugem é reconhecida pela exudação proeminente de gotas doce pegajosas em floretes infectados, contendo numerosos conídios, sendo dispersados pelo respingo da chuva e pelos insetos atraídos pela substância adocicada.






110030
visitantes desde
junho de 1996




www.agranja.com

O seu endereço rural na internet

- Matérias jornalísticas
 - Seções
 - Sites rurais
 - A GRANJA DO ANO
 - Bolsas de valores
 - Artigos técnicos
 - Plantio direto
 - Agendas de eventos e leilões
- Números anteriores das revistas **A GRANJA** e **AG Leilões**

! – final)

A infecção de *Panicum maximum* pela ferrugem é uma ameaça potencial aos animais em pastejo, por causa dos alcalóides (Ergotina) e dos alucinógenos tóxicos encontrados às vezes no esclerócio, que, ingeridos pelos animais, podem causar dificuldades respiratórias, aborto ou morte. Embora o efeito dos alcalóides da ferrugem de *Claviceps maximensis* sobre o gado não tenha sido investigado, há casos de animais envenenados devido ao *Claviceps paspali* F.L. e Hall. As espiguetas infectadas são cobertas com um micélio de cor branca ao róseo-alaranjado, e não formam semente. O tratamento da semente com fungicidas reduz a infecção.

Além dos fungos, existem também as doenças causadas por bactérias, den-

tre elas, a escaldadura. É considerada doença da cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum* L.) e de outras gramíneas tropicais, incluindo *Panicum maximum*, causada por *Xanthomonas albilineans* (Ashby) Dowson e de ocorrência em toda a África, a Ásia, a Austrália, regiões do Pacífico, no Caribe e na América do Sul. Os sintomas aparecem como folhas queimadas ou com listra branca. A queima da folha é a fase aguda da doença, onde as plantas podem de repente murchar e morrer; a fase de listras brancas é a crônica. As listras brancas envolvem geralmente o feixe vascular. A gravidade da doença em *Panicum maximum* Jacq. não tem sido quantificada.

As plantas invasoras das áreas de pastagens representam aumento no custo de produção, já que podem reduzir em 50% os rendimentos de forragem e a vida útil da pastagem, dependendo do nível de infestação. As plantas invasoras, ou daninhas, apresentam como características principais: capacidade de germinarem em condições adversas, como seca, baixas temperatura e umidade; crescimento rápido, com grande vigor vegetativo; produção de grande quantidade de sementes; invasão de diversos tipos de solo.

São inúmeras as espécies de plantas invasoras, muitas delas características de determinada região. O produtor deve preocupar-se em identificá-las



Inflorescência de *Panicum maximum* Jacq. infectada pelo carvão (*Tilletia ayresii* Berk. e Massee)



Mancha foliar causada por *Cercospora fusimaculans*

e utilizar o método de controle mais adequado para a situação, dentre eles, controle cultural, manual ou mecânico, biológico ou químico. Poderiam ser citadas ainda as seguintes invasoras: joá-bravo (*Solanum viarum* Dun.) de maior ocorrência nas regiões sudeste e sul; leiteiro (*Peschiera fuchsiaefolia* Miers.); oficial de sala (*Asclepias curassavica* L.), entre outras. Entre os fatores que favorecem a sua invasão, destacam-se o superpastejo, controle deficiente na formação, introdução de plantas não adaptadas à região, disseminação de sementes pelo trato digestivo do animal em trânsito, implementos agrícolas, água de enxurrada, pássaros, etc.

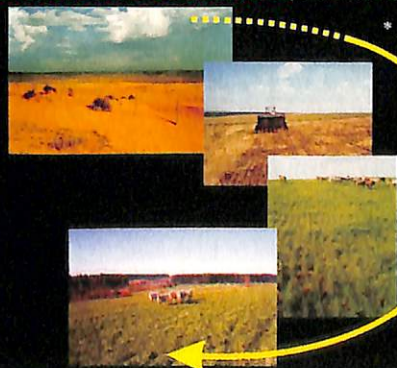
Independentemente da atividade na qual o produtor está investindo, seja a bovinocultura de corte ou de leite, o princípio de utilização de pastagem esbarra na capacidade de gerenciar todas os fatores relacionados com a produção. De fato, os insetos predadores preocupam mais os produtores do que as doenças e plantas invasoras de pastagens. Em áreas de maior umidade, as doenças provocadas por fungos exigem maior interesse, principalmente na produção de sementes, porém, com menores prejuízos à produção de forragem. ■



A Granja

SEMEADORAS PARA RENOVAÇÃO DE PASTAGEM SEMEATO

PLANTIO DIRETO/PASTAGENS



- * EVITA EROSIÃO EM SOLOS DEGRADADOS
- * INTEGRAÇÃO DE AGRICULTURA & PECUÁRIA
- * GANHIO DE PESO POR ANIMAL
- * INTRODUZ GRAMÍNEAS E LEGUMINOSAS

Rua: Camilo Ribeiro, 190
Bairro: São Cristóvão
Passo Fundo - RS
www.semeato.com.br
SAC: 0800 99 6816



PLANTIO DIRETO



ASPERSÃO avança no RS

Seminário realizado em Santa Maria promoveu discussão integrada entre produtores, técnicos e empresas

A área irrigada por aspersão tem aumentado significativamente no Rio Grande do Sul. As estimativas mais recentes indicam que a área irrigada pivô central no Estado é superior a 25 mil hectares, englobando diferentes regiões. Além disso, o interesse pela irrigação - tanto aqui no Rio Grande como no Brasil - emerge nas mais variadas condições de clima, solo, cultivo e condições sócio-econômicas do produtor. Mas, vale lembrar, que a irrigação gaúcha não é unicamente realizada por aspersão. A técnica por inundação, na cultura do arroz, ocupa aproximadamente 1 milhão de hectares.

A irrigação e seus aspectos foi o ponto central do Seminário Estadual de Irrigação 2001 - Irrigação por Aspersão no Estado do Rio Grande do Sul, no mês de setembro, cujo objetivo foi promover uma discussão integrada entre os produtores e os técnicos ligados a cooperativas e empresas, para o aumento da produtividade agrícola, a eficiência do uso da água de irrigação, a redução no uso de energia e a conservação dos recursos hídricos. Estiveram presentes mais de 500 pessoas das mais diversas regiões gaúchas, além de participantes de Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais e até da República do Uruguai. O evento foi uma



Divulgação

promoção conjunta entre a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), a FUNDACEP e a UNICRUZ.

Segundo o presidente da comissão organizadora do seminário, professor Reimar Carlesso, PhD em irrigação, as principais vantagens em relação à utilização da irrigação pelo produtor agrícola do Sul do Brasil, são o aumento expressivo no rendimento de grãos das culturas; a maior lucratividade da atividade agrícola; a garantia de produção mínima anual da propriedade e a minimização dos riscos de frustração de safras. Na palestra de abertura, Carlesso destacou a elevada viabilidade econômica da utilização de sistemas irrigados, indicando lucros líquidos do investimento já no primeiro ano de aquisição do equipamento. Mas alertou: "A decisão de aplicar água via irrigação não

depende de uma única característica a ser avaliada, e deve ser realizada em função das características do solo e da cultura. Isso significa que a decisão quanto ao momento de acionar esse sistema deve estar baseada no consumo de água pelas plantas".

Um dos pontos altos do encontro foi a diversidade de tópicos e abordagem a partir do solo. Segundo o professor Carlos Alberto Ceretta, da UFSM, o manejo da fertilidade do solo em áreas irrigadas requer conhecimento do terreno e das espécies cultivadas. Por isso, apontou Ceretta, existe a necessidade de realizar experimentos, a fim de observar modificações morfológicas nas plantas e verificar possíveis reflexos na produtividade das plantas, em função de problemas relacionados à inadequada fertilização do solo cultivado. Já o professor Cimélio Bayer, da UFRGS, alertou que o manejo deve ter por objetivo a manutenção da cobertura de solo com resíduos vegetais, para diminuir a decomposição microbiana, aumentar a infiltração de água e reduzir as perdas pelo processo erosivo. A importância da cobertura na manutenção e melhoria das propriedades físicas, físico-hídricas e químicas do solo merece total atenção do produtor, enfatizou o pesquisador Jackson Fiorin, da FUNDACEP. ■

classigranja

PEQUENOS ANÚNCIOS - GRANDES NEGÓCIOS

PULVERIZADOR AUTO PROPELIDO

**SEGURANÇA - CONFORTO
PRODUTIVIDADE**

- Ar condicionado digital
- Cabine com isolamento duplo com fibra de vidro
- Amplo espaço interno
- Ampla visão do solo e total visibilidade das barras
- Excelente iluminação para aplicação noturna



MACRO

Jet

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO PARA TODO O BRASIL

Agrotecno Ltda.

VENDAS

Fone/Fax: (0**46) 224-6349

<http://www.macrojet.com.br>

SEMINÁRIO DISCUTIRÁ ESPECIFICAÇÕES FAO

“Primer Seminario para Países del Mercosur, Bolívia y Chile sobre Especificaciones FAO Aplicables al Registro de Productos Fitosanitarios”: evento em organização pela FAO – Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação – e SENASA – Servicio Nacional de Sanidad y Calidad Agroalimentaria –, órgão de registro de produtos fitossanitários do governo argentino, sob o patrocínio da CropLife Latin América, para os dias 29 a 31 de outubro de 2001, em Buenos Aires.

Esse é o tema de nossa entrevista com o Diretor Técnico da ANDEF, Luis Carlos S. Ferreira Lima (foto)

Pergunta – Quem participará do Seminário?

Ferreira Lima – Representantes de Governo e de Associações e técnicos de empresas fabricantes de produtos fitossanitários.

Pergunta – Quais os objetivos do evento?

Ferreira Lima – Os especialistas da FAO farão explicações, mostrando o processo de desenvolvimento das especificações FAO, bem como os dados necessários para o estabelecimento dessas especificações. Abordarão, em seguida, importantes aspectos ligados à determinação de equivalência entre produtos.

Pergunta – Que importância tem e o que significa o termo “equivalência”?

Ferreira Lima – Muita importância no momento atual, quando se fala em produtos genéricos e similares. Nesse contexto, não se pode perder de vista os aspectos que envolvem a qualidade desses produtos, uma vez que a qualidade está intimamente ligada à segurança do homem e do ambiente. Em se tratando de produtos fitossanitários, há que se garantir a qualidade, se quisermos manter níveis adequados de segurança alimentar.

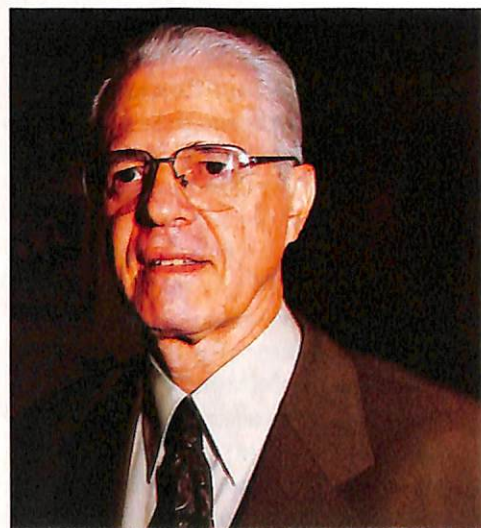
Pergunta – Os critérios da FAO cobrem todo o espectro possível de variação para um produto genérico?

Ferreira Lima – Certamente. A FAO, ao estabelecer os parâmetros de equivalência entre produtos, levou em considera-

ção – além das características químicas dos produtos (suas composições químicas) –, seu comportamento toxicológico e os possíveis impactos ambientais, muitas vezes com origens nas impurezas que determinados processos de produção não são capazes de neutralizar. A aplicação criteriosa dos procedimentos de equivalência FAO é a garantia dos padrões de qualidade que se pretende manter.

Pergunta – Teremos um Seminário semelhante no Brasil?

Ferreira Lima – Com toda certeza, em 2002 teremos um evento semelhante aqui, dada a necessidade de estender as informações a toda a comunidade envolvida com a questão da produção e registro dos defensivos agrícolas com qualidade, embora muitos brasileiros já estejam inscritos para participar do Seminário na Argentina.



Andef

**Prêmio Mérito
Fitossanitário**

Pág. 48

**Nova Gestão para
embalagens vazias**

Pág. 49

**Proteção
de Plantas**

Pág. 50

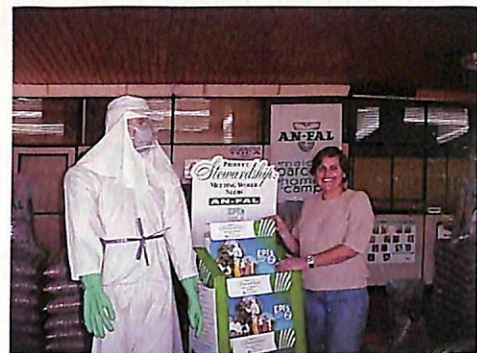
MÉRITO FITOSSANITÁRIO PREMIA E INCENTIVA PESQUISA

O Prêmio Mérito Fitossanitário, categoria “Profissional de Distribuição” do ano 2000, transformou-se em uma oportunidade perfeita para a grande vencedora, Elizabeth Cristina Pontes de Castilho, da empresa AN-FAL, fazer turismo com a família em Cancún, incentivar um trabalho de pesquisa escolar para seu filho Bruno e, inclusive, pensar em como voltar a competir para ganhar a edição 2001 do Prêmio.

“A viagem foi excelente. Em primeiro lugar, porque Cancún é uma maravilha, com suas praias de areias finas e brancas, seu folclore e artesanato, os mergulhos no mar e, particularmente, seus sítios arqueológicos. Estes serviram para o meu filho desenvolver um trabalho de pesquisa escolar sobre as ruínas perto de Tulúm – que em lín-

gua maia significa ‘cidade murada’. Ali, aprendemos sobre uma civilização bastante avançada para a época, dividida em classes, que praticava rituais, riquíssima em sua expressão arquitetônica e artística. Voltamos enriquecidos e sugerimos o passeio aos futuros ganhadores, com um alerta: cuidado com a *diabla*, a pimenta que o pessoal costuma carregar nos pratos”, diz Elizabeth.

A viagem também serviu para “carregar as baterias” e recomençar o trabalho no Brasil, segundo Elizabeth, colocando em prática uma série de idéias para participar da edição do Prêmio em 2001, que inclusive podem servir como guia para os demais concorrentes: “Voltar a trabalhar para a conscientização do agricultor quanto à necessidade de proteção ao ambiente e a sua saúde,



Elizabeth: “A gente é peça-chave no momento da reunião dos trabalhos para a inscrição no Prêmio Mérito Fitossanitário”

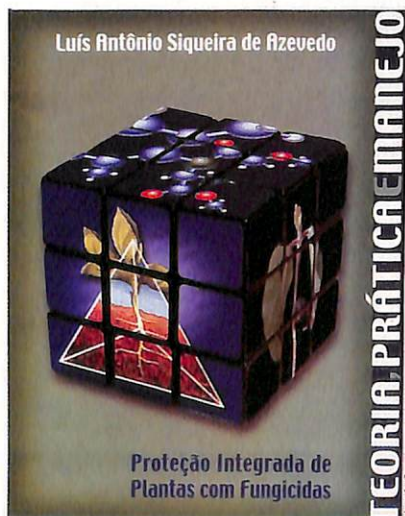
usando EPI, arquivar toda a documentação do trabalho, inclusive fotografias e eventuais trabalhos jornalísticos e, principalmente, usar bastante a agenda, como forma de organização que, no momento da inscrição, pode ajudar muito na construção do roteiro da vitória”.

PROTEÇÃO INTEGRADA COM FUNGICIDAS

“Um livro essencial para os profissionais que atuam na área de produção vegetal, que contribui tanto para a formação básica como para a informação fundamental em relação ao uso correto e seguro dos fungicidas. Um livro que explora com muita competência, clareza e objetividade temas relevantes da proteção de plantas, desde os conceitos básicos, aspectos históricos, procedimentos a serem adotados no desenvolvimento e uso de fungicidas, detalhes controvertidos e programas de controle. Tem por objetivo aprimorar o uso racional dos fungicidas, explorando todo seu potencial e minimizando seus efeitos colaterais sobre o aplicador, o consumidor do produto vegetal e o ambiente”.

As palavras são do professor José Otávio Menten, da ESALQ/USP, ao prefaciар a obra “Proteção Integrada de Plantas com Fungicidas – Teoria, Prática e Manejo”, do engenheiro agrônomo e fitopatologista Luís An-

tônio Siqueira de Azevedo, que trabalha em Pesquisa e Desenvolvimento da Syngenta. Um pesquisador que busca “tirar o raro do comum”, inspirado, segundo ele, no mestre Machado de Assis, traduzindo em linguagem acessível ao leitor as emaranhadas teorias e práticas da fitopatologia.



“O trabalho revela uma abordagem nova, apropriada ao estágio tecnológico atual do controle químico, que evoluiu muito nos últimos anos, com o surgimento de novas moléculas, resultando em produtos muito mais específicos e seletivos, com avanços substanciais na tecnologia de formulação, bem como nas técnicas e equipamentos de aplicação. Atualmente, o que precisa ser melhorado é o uso dos produtos, de modo que todo o avanço tecnológico não seja comprometido por erros na aplicação, e o livro procura dar uma contribuição no sentido de corrigir as falhas, mostrando que a médio e longo prazos a proteção integrada com fungicidas será sempre a melhor alternativa”, comenta o autor.

A obra possui 230 páginas, ricamente ilustradas, e custa R\$ 25,00, devendo ser adquirida diretamente com o autor, através do endereço eletrônico luiz.azevedo@syngenta.com ou pelo telefone (11) 5523-7005 ou 9977-8599.

A SOLUÇÃO PARA O LIXO RURAL

Empresas produtoras de defensivos agrícolas, distribuidores em geral e agricultores usuários terão, a partir de janeiro de 2002, uma bússola precisa para orientar-se sobre o quê e como fazer em relação às embalagens vazias de produtos fitossanitários. Quatro meses antes da entrada em vigor da nova legislação, que obriga o usuário a devolver o recipiente no prazo de 1 ano, a contar da data de compra na nota fiscal, já estará em funcionamento a nova organização, cujo perfil encontra-se em gestação, sob a coordenação e liderança da consultoria Arthur D. Little, para funcionar como referencial obrigatório a todos os envolvidos na questão.

“Todos estamos diante de um desafio ecológico de grande vulto: atualmente são produzidas 107,8 milhões de embalagens, das quais 54% (ou 58,1 milhões) são de plástico, estando as restantes divididas entre plastificadas, metálicas, de papel, papelão, cartolina e sacos aluminizados. Mas, felizmente, já contamos com os devidos alicerces como garantia de que o novo modelo a ser definitivamente construído não partirá da estaca zero, pois há mais de 10 anos a ANDEF vem trabalhando, junto com vários parceiros, e conseguiu criar parâmetros seguros em algumas áreas, como o da limpeza dos recipientes pela tríplice lavagem e da reciclagem de plástico para a produção de conduítes corrugados”, explica o presidente executivo da ANDEF, Cristiano Walter Simon.

O novo modelo, que deverá estar em plena operação a partir de janeiro de 2002, funcionará autonomamente para gerenciar o processo de reciclagem dos materiais, devidamente organizado para atender às exigências da legislação federal sobre o assunto, que prevê uma estruturação adequada para as operações de recebimento, recolhimento e destinação de embalagens vazias de produtos, de que trata o Decreto 98.816, pelas alterações contidas no Decreto 3828, de 31 de maio de 2001.

“A nova organização atuará como um Centro de Inteligência, coordenando ações e fluxos, orientando sobre normas, leis e procedimentos, coletando e analisando informações, incentivando e premiando as melhores práticas e assegurando o bom funcionamento de toda



Tadeu Guerra: “É muito boa a idéia de uma nova empresa organizando e operacionalizando as ações”

a logística reversa das embalagens vazias de defensivos agrícolas no Brasil. A nova organização atuará também na educação e conscientização de todos os elos envolvidos, em particular o usuário, bem como no apoio ao desenvolvimento tecnológico de embalagens com vistas a reduzir progressivamente o volume de recipientes anualmente destinados ao campo. Adicionalmente, a nova organização deverá apoiar os seus associados em questões jurídicas pertinentes ao tema”, esclarece Caio Murilo de Souza, da Consultoria Arthur D. Little.

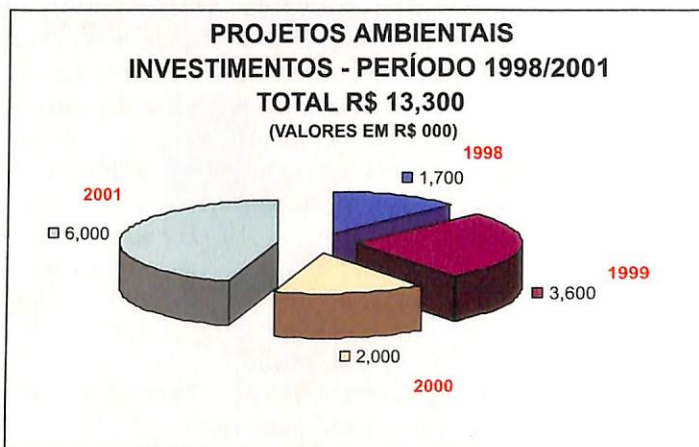
O consultor Cícero Bley Jr., da Ecoltec, considera a iniciativa de criar uma organização exclusiva para cuidar da questão das embalagens vazias de defensivos agrícolas um “gesto digno e ético”:

“Acho que nenhum gesto empresarial é mais digno e ético do que essa responsabilidade solidária que a indústria demonstra, ao encabeçar o processo de formação de uma nova entidade, para cumprir sua parte e ajudar os outros elos dessa cadeia de uso de agrotóxicos no Brasil. É um gesto importantíssimo e pioneiro no mundo. Tive oportunidade de observar o problema

na Itália, Alemanha, Estados Unidos, Escandinávia, França e Canadá, e posso afirmar que – exceto no Canadá, onde há algo parecido – em nenhum lugar do mundo algo se assemelha ao que a indústria no Brasil, através da ANDEF, está propondo, colocando-se pró-ativamente no processo, e a expectativa é de que existe, em contrapartida, um total comprometimento do agricultor com o processo”.

Como reciclador que vem se dedicando há mais de 5 anos a esse projeto de solução do problema das embalagens vazias, o empresário Moacir Didone – proprietário da Dinoplast, empresa que vem transformando o plástico em conduítes corrugados – acredita e aposta no sucesso do empreendimento: “Expandi a capacidade da minha empresa e hoje tenho condições de reciclar 200 mil quilos por mês, e já posso armazenar 600 mil quilos. Minha expectativa é que esse novo empreendimento racionalize os procedimentos e possamos operar a pleno vapor”.

AntônioTadeu Guerra, da COPLANA – Cooperativa dos Plantadores de Cana da Região de Guariba -, pioneiramente engajada no projeto da ANDEF de destinação final de embalagens, também comenta a iniciativa: “É muito boa a idéia de uma nova empresa organizando e operacionalizando as ações e, certamente, ganha força quando sabemos que conta com todo o apoio da indústria, através da ANDEF, que vem demonstrando há mais de 10 anos uma grande disposição em ajudar a resolver o problema”.



No gráfico, temos uma idéia do que já foi e está sendo investido entre 1998 e 2001 em projetos ambientais pela ANDEF e seus parceiros

ENSINO À DISTÂNCIA COMEMORA MAIORIDADE



Laércio Zambolim é Professor Titular da Cadeira de Manejo Integrado de Doenças de Plantas da Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais

Iniciado em 1983, sob a denominação de “Defensivos Agrícolas”, por iniciativa dos parceiros MEC, CAPES, ABEAS, UFV e ANDEF, o curso que hoje conhecemos como “Proteção de Plantas – Especialização por Tutoria à Distância”, que oferece pós-graduação *lato sensu*, exigia dos instrutores um trabalho itinerante por cinco regiões pré-estabelecidas: Porto Alegre, São Paulo, Recife, Manaus e Brasília. Embora facilitasse o treinamento, o curso apresentava uma desvantagem preocupante, pois inexistia o contato dos profissionais – engenheiros agrônomos, florestais e agrícolas – com a Universidade, já que os Encontros Nacionais previstos também aconteciam fora do ambiente universitário.

Em agosto de 1991, com a realização do XII Congresso Internacional de Proteção de Plantas, no Rio de Janeiro, tendo como grande anfitriã a ANDEF, iniciava-se uma nova era, tanto para a fitossanidade no Brasil, com o incentivo às práticas do manejo integrado de

pragas, doenças e plantas daninhas, quanto para o curso de Proteção de Plantas, que foi totalmente reestruturado visando a atender às novas demandas da sociedade sob a inspiração daquele evento pioneiro. Com a reestruturação, o número de participantes, que não chegava a 50 por ano, passou para 100 a 120.

Os novos rumos trouxeram novos parceiros, como o Ministério da Agricultura e o seu Departamento de Defesa e Inspeção Vegetal, com a introdução do módulo “Legislação Fitossanitária e Análise de Risco de Pragas”. Foi incorporada a visão do agronegócio, com a presença da Associação Brasileira de Agribusiness (ABAG), estendendo aos alu-

nos a importância do seu papel, não somente dentro, mas da porteira para fora, conscientizando todos como participantes efetivos de toda cadeia produtiva e promotores da agregação de valores aos produtos agrícolas.

Em 1996, o próprio Ministério da Agricultura solicitou a formação de uma turma extra com 125 alunos, um fato altamente significativo para os organizadores e para a história do curso, que naquele ano formaria um total de 225 alunos. Outro ponto a destacar está no interesse de outros países, a partir dos esforços da Associação Latino Americana de Proteção de Plantas (LACPA), cujos diretores vieram ao Brasil conhecer o funcionamento do curso e estudar possibilidades de adaptação do nosso modelo às condições da América Cen-

tral. Como resultado, o curso passou a ser inicialmente ministrado na Guatemala e hoje já está licenciado para os demais países da América Latina.

Comemoramos 18 anos não só de ensino, mas de experiência com os próprios alunos, a partir das avaliações e atualizações dos módulos, incorporação de novos tópicos, que se renovam a cada ano sob a forma de leitura, aulas teóricas e demonstrações, sob índices que vão de 20% a 25% de seus conteúdos. Profissionais expoentes em suas especialidades, como tutores de Universidades e da iniciativa privada de diversos estados, de instituições de pesquisa, como o IAC e Ministério da Agricultura, colhem anualmente subsídios que enriquecem sobremaneira a dinâmica e o conteúdo dos novos cursos.

Agora, a meta é, dentro de cinco anos, passar a oferecer o curso via Internet, para que o aluno possa usufruir dos benefícios das ilustrações, *sites*, demonstrações dinâmicas, etc. Assim, o Curso de Proteção de Plantas contribuirá ainda mais para que um número expressivo de profissionais da área de Ciências Agrárias possam aprimorar, atualizar e até mesmo redirecionar seus caminhos em curto espaço de tempo, por meio da nossa metodologia. Até hoje, passaram pelo nosso treinamento à distância cerca de 1.500 profissionais de Ciências Agrárias de todo o País. Com a Internet, ainda não temos uma idéia do que representará em termos de número de alunos esse recurso, mas já temos uma certeza: qualquer que seja a demanda de profissionais, já temos a estrutura, a experiência e a logística acumuladas por uma história que atingiu a plenitude da maioridade com sobras de maturidade. ■

Expediente

DEFESA VEGETAL é uma publicação da ANDEF - Associação Nacional de Defesa Vegetal. End.: Rua Capitão Antônio Rosa, 376 - 13º andar - Fone (11) 3081-5033 - Fax (11) 3085-2637 - E-mail: andef@andef.com.br - Site: www.andef.com.br - Jornalista Responsável: Roberto Barreto, MTB 11.361. Produção e diagramação: Revista A Granja, Av. Getúlio Vargas, 1526 - Fone: (51) 3233-1822 - CEP 90150-004 - Porto Alegre - RS - E-mail: mail@agranja.com

classigranja

**PEQUENOS ANÚNCIOS
GRANDES NEGÓCIOS**

PULVERIZADORES KNAPIK

PULVERIZAÇÃO EM:

- Horticultura,
- Fruticultura,
- Pastagens,
- Lavouras em Geral.

Fone: (42) 522-1819 - Fax: (42) 522-2789

E-mail: knpk@net-uniao.com.br • <http://knapik.cjb.net>

ASSINE A REVISTA

agranja

**E RECEBA
MENSALMENTE AS
MELHORES INFORMAÇÕES
DO CAMPO
(51) 3233-1822**

classigranja

**PEQUENOS ANÚNCIOS
GRANDES NEGÓCIOS**

**AQUI
SEU ANÚNCIO
APARECE**

**AUTORIZA
JÁ!**

**(11) 220-0488 - SP
(51) 3233-1822 - RS**

www.agranja.com

O seu endereço rural na internet

- Matérias jornalísticas
- Seções
- Sites rurais
- A GRANJA DO ANO
- Bolsas de valores
- Números anteriores das revistas A GRANJA e AG Leilões
- Artigos técnicos
- Planão direto
- Agendas de eventos e leilões

1.100.000
Visitas e mais
desde Junho de 1999.

FLEXSPAR 4000 PULVERIZADOR



- O FLEXSPAR 4000 é um equipamento desenvolvido com a mais alta tecnologia, que vem de encontro as necessidades do cliente.
- É o único pulverizador que pulveriza 80 metros, alto rendimento, trabalha com uniformidade de aplicação, sem deriva pois é feita de baixo para cima. A barra vai de arrasto com 02 tratores.
- Seu Comando Master permite regular a pressão de cada seção do Spar. Não altera a pressão nem a vazão no caso de interrupção total ou parcial do Spar, essa característica é conseguida graças a regulagem do retorno individual de cada seção do Spar.

STAHAR

STAPELBROEK & CIA. LTDA.
Ind. Impl. Agrícolas

Rua Emílio Favaretto, 625 - Caixa Postal 22 - Fone: 0(xx)54-332-1825 - Fax: 0(xx)54-332-2080
CEP 99470-000 - NÃO-ME-TOQUE/RS - E-mail: vendas.stahar@dgnet.com.br

COLHE MAX

PLATAFORMA DE COLHER MILHO

- Plataforma universal, pode ser acoplada em diversos modelos de colhedora, desde que use o kit específico de adaptação.
- Plataforma leve, próxima do embocador e com um melhor ângulo de colheita.
- Acoplamento fácil, rápido e seguro na colhedora.
- Fácil troca de espaçamento entre linhas.



A MELHOR TECNOLOGIA DE COLHER MILHO

IRMÃOS THÖNNIGS LTDA.

BR 386 km 174 - Telefax: (054) 330-2300 - CEP 99500-000 - Carazinho - RS
HOME-PAGE: www.max.ind.br - E-mail: max@annex.com.br

PLATAFORMA PARA COLHEITA DE MILHO VENCE TUDO

- ◆ Chassi universal, acoplável em todas as marcas e modelos de colheitadeiras. IDEAL - JOHN DEERE - SLC - MF - AGCO ALLIS - NEW HOLLAND - CASE
- ◆ Caixa de transmissão com engrenagens cônicas temperadas e retificadas, banhadas a óleo.
- ◆ Ângulo de 20º(graus) de ataque ao solo, o menor do mercado, que garante o menor índice de perda de espigas na lavoura.
- ◆ Acompanha peneira superior do milho e fechamento de cilindro.
- ◆ Fabricadas de 3 à 14 linhas com espaçamentos variáveis de 50 a 90cm entre linhas.
- ◆ Ganhadora do prêmio Gerdau Melhores da Terra, na Expointer 2000, categoria destaque.



*Aprovada
pelo usuário*



**INDÚSTRIA DE IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS VENCE TUDO
IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO LTDA.**



Rod. RS 223 - Km 53 - Área Industrial - Ibirubá - RS - Brasil Fone/Fax: (0xx)(54) 324-1169
e-mail: vencetudo@pro.via-rs.com.br



TRIGO

A área semeada vai além dos 96% da intenção do plantio, reduzida agora a 7,1 milhões de hectares, contra os 7,25 milhões anteriores, devido a problemas originados pelos excessos hídricos em algumas zonas. De toda a maneira, foi mantida oficialmente a estimativa de produção de 18 a 20 milhões de toneladas, como consequência de uma maior produtividade aportada pelo crescimento do plantio direto e do uso de novas variedades.

Nova safra **RECORDE** à vista

O ministro argentino da Agricultura, Marcelo Regúnaga, antecipou que estimativas realizadas pelo organismo oficial indicaram que a safra 2001/2002 em seu país poderá alcançar um novo recorde de produção. O volume projetado de grãos e subprodutos ficaria em cerca de 73 milhões de toneladas, contra os 68 milhões de 2000/2001. A expectativa é de que o maior destaque seja a soja, com 28 milhões de toneladas, e o trigo, variando entre 18 e 20 milhões de toneladas. Esse crescimento pode ser atribuído aos efeitos positivos da utilização do plantio direto e de materiais transgênicos que, segundo o ministro, "permitem baixar os custos em um mundo dominado pela competição desleal".

Por outro lado, Regúnaga destacou que seguem diminuindo os focos ativos

de febre aftosa. "A enfermidade está virtualmente controlada e estimamos que, em bem pouco tempo, estaremos reingressando no mercado europeu", afirmou. Soma-se, assim, outra boa notícia ao campo argentino, após meses de dissabores. Está prevista para o dia 15 de outubro a chegada de uma delegação européia, que novamente submeterá o país a exames de sanidade bovina. Regúnaga se mostrou otimista e não descartou que, no início de novembro, a Argentina possa estar ingressando com carne bovina no Velho Continente. Além disso, o país chegou a um acordo com o Brasil para exportar para os estados de Alagoas, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí e Rio Grande do Norte. Da mesma forma, foi obtida a reabertura do mercado colombiano.

SOJA

Estima-se um novo incremento na superfície dedicada à plantação da oleaginosa no país. A expectativa é de que a nova safra, em especial de soja, se reflita em maiores vendas de insumos. O Banco de la Nación Argentina informou que as operações com a seu cartão de crédito agropecuário cresceram, em agosto, 35% em relação a igual período no ano passado.

NOVILHO

Os preços do novilho, abaixo dos 70 centavos por quilo vivo, encontram-se entre os mais baixos do último quinquênio. Curiosamente, esse valor – que não favorece pecuaristas locais – incentivou vendas externas após a interrupção da aftosa. O que ocorreu foi uma menor demanda, em consequência da recessão, e uma maior oferta, produto da impossibilidade de exportar.

LEITE

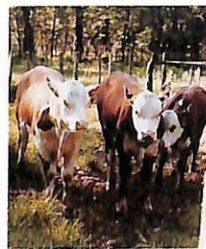
O ministro da agricultura da Argentina, Marcelo Regúnaga, anunciou que está sendo estudado um mecanismo para dar maior transparência ao preço do leite, uma velha reivindicação dos produtores. Segundo Regúnaga, foi firmado um convênio com o Instituto Nacional de Estatísticas e Censos para contar com uma base de dados com as informações dos preços ao consumidor, em função dos quais será buscado um consenso com a indústria acerca do que recebem os produtores de leite.

Sem **CONCESSÕES**

"Não devemos nos enganar, pensando que se flexibilizarmos nossa posição vamos encontrar consenso nos países desenvolvidos. Se eles têm vontade de negociar, devem estar preparados para assegurar a conclusão do processo de reforma do comércio agrícola internacional". A afirmação do ministro da agricultura da Argentina, Marcelo Regúnaga, refere-se à próxima reunião da Organização Mundial do Comércio (OMC), em Qatar. "Para nós, é inaceitável a idéia de iniciar uma nova Ronda sem incluir compromissos substantivos e concretos para a liberação da agricultura", declarou. O ministro solicitou a aplicação da fórmula que elimina os picos tarifários e revisa a progressividade das taxações.

BRUCELOSE: nova vacina

Cientistas do Instituto de Biotecnologia do Instituto Nacional de Tecnologia Agropecuária (Inta) criaram uma nova vacina contra a brucelose bovina, desenvolvida a partir de uma cepa mutante de *Brucella abortus*, modificada geneticamente. A investigação se baseou em uma transformação derivada da inativação dos genes. Atualmente estão sendo realizados testes em 50 bovinos sob condições reguladas pela Senasa e pela Comissão Nacional de Biotecnologia. As provas constatarão a eficiência da nova vacina, antes que seja desenvolvida comercialmente.



Armazenar bem é a chave para evitar perdas

Armazenagem em más condições, a céu aberto ou em locais inadequados. Essas são práticas muito comuns entre os produtores brasileiros e há muito tempo vêm causando perdas significativas na produção de grãos. Segundo dados da Embrapa, da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os dados de desperdício no segmento da cadeia da produção, referentes à armazenagem, são bastante significativos: no milho, chegam a 7,8%; na soja, 2,7%; no arroz, 7%; no trigo, 2,9%; e, no feijão, 9%. São percentuais referenciais médios, os quais variam conforme a região agrícola brasileira.

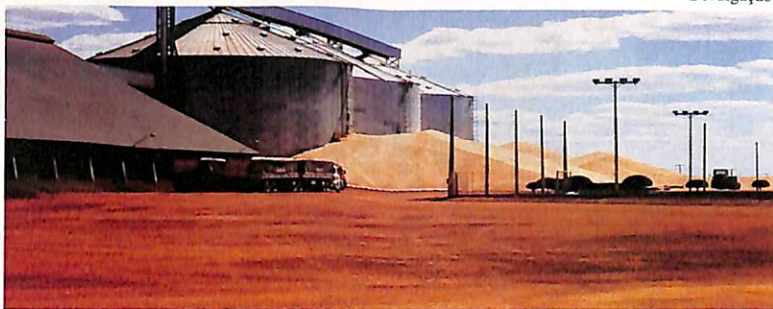
Com a utilização de métodos de armazenamento inadequados, os produtores estão sujeitos a uma série de problemas, como infestação por roedores, fungos, insetos e pragas, danos ocasionados pelo aquecimento da massa de grãos e temperaturas elevadas fora do especificado no interior do secador, durante o processo de secagem, dificultando o beneficiamento e comprometendo a qualidade para consumo. Além desses fatos, outro grande problema da armazenagem é o percentual de umidade elevado, ocasionado principalmente pela secagem insuficiente dos grãos e pelas altas temperaturas no interior do secador, que provocam uma secagem superficial. Outros fatores que também preocupam são os erros de construção, armazéns com fissuras nas lajes e paredes de concreto, possibilitando infiltração de umidade e o próprio comprometimento estrutural civil. Além desses fatores mencionados, ainda possuímos um déficit de estocagem, tan-

to a granel como em sacos, levando os grãos a serem depositados diretamente sobre o terreno. Em alguns casos, a céu aberto; em outros, com lona cobrindo a massa.

Como resultado final, perdas qualitativas e quantitativas, desenvolvimento de fungos e formação de micotoxinas, indo contra o conceito atual de Qualidade Total de Armazenagem, agregando valor para o agricultor, quando da comercialização de sua safra.

Mas os problemas não param por aí. As perdas causadas pelas condições desfavoráveis de armazenagem ocorrem, muitas vezes, devido a grãos contaminados, oriundos de lotes ou armazéns vizinhos, migração proveniente de restos de catação, utilização de sacos contaminados e falta de limpeza das células de estocagem quando de uma nova carga. A penetração de roedores pelas portas, janelas, aberturas de arejamento que não possuem telas de proteção, ou por orifícios, também é outro problema relevante, agravado pela falta de barreiras e de higiene nos armazéns e nos arredores. Mantendo a unidade com processo constante de limpeza, reduzindo o acúmulo de grãos junto ao piso e o excesso de pó no interior da unidade, com certeza minimizaremos os índices de contaminação por pó em suspensão, evitando o surgimento de gases e eliminando o risco de explosão.

Uma das principais saídas para os produtores rurais que desejarem manter dis-



Divulgação

tância desses problemas, protegendo seu produto após a colheita é, sem dúvida, o investimento na instalação de silos de armazenagem dentro das propriedades, chamadas unidades Nível-Fazenda, onde é possível controlar de perto e monitorar as condições de armazenagem. Essa atitude funciona como uma grande aliada na hora de manter a qualidade do produto colhido, aumentando, dessa forma, o valor agregado na hora da comercialização e a rentabilidade do negócio. O fato de o produtor armazenar em sua fazenda ajuda a reduzir as perdas mencionadas antes. Uma das boas notícias deste ano diz respeito à decisão do governo federal de incluir no Plano Safra 2001/2002 uma linha de crédito, justamente para a compra de equipamentos para armazenagem. O valor disponível ficaria em torno dos R\$ 100 milhões. Nesse segmento possuímos 5% de unidades Nível Fazenda no Brasil, contra 25% na Argentina e 65% nos EUA. Com a liberação do crédito, haverá alteração no percentual acima, o que será um fator positivo para minimizar o desperdício, sendo importante que essa linha de crédito tenha continuidade para as demais safras a colher, visto que nesta próxima, 2001/2002, a meta será ultrapassar as 100 milhões de toneladas de grãos. ■

ARMAZENAGEM A NÍVEL DE FAZENDA

COM A KEPLER WEBER É SÓ VANTAGENS!

FINANCIAMENTO*
Taxas Fixas de
8,75% ao ano.



INFORMAÇÕES

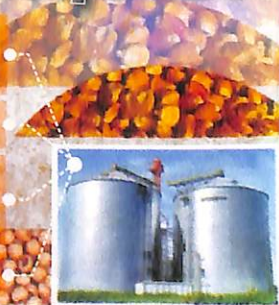
DDG 0800-512104
www.kepler.com.br
marketing@kepler.com.br

**QUALIDADE
DAS INSTALAÇÕES**

ASSISTÊNCIA TÉCNICA

**CURSOS DE OPERAÇÃO
E MANUTENÇÃO**

FACILIDADE DE OPERAÇÃO



*Resolução BACEN nº 2867, de 03 de julho de 2001.
Prazos: até 8 anos. Valores: até R\$ 100.000,00.
Linha de crédito através dos Agentes Credenciados BNDES.

José Maurício de Toledo Murgel

Diretor do Instituto Rural de Meio Ambiente (IRMA) – jmmurgel@irma.eng.br

A (I)LÓGICA do governo federal

De há muito os estudiosos da situação energética brasileira vêm alertando o governo federal da necessidade da retomada dos investimentos na área, sob pena da falta de energia elétrica. Seus argumentos me parecem claros e irrefutáveis. A população brasileira cresce à razão de cerca de dois milhões de habitantes por ano. Todos os anos, centenas de milhares de jovens chegam à idade de ingressar no mercado de trabalho; nosso Produto Interno Bruto, graças a Deus, vem crescendo. Esses fatos fazem com que a demanda energética seja crescente. Todo o contingente populacional que inicia a vida profissional é um consumidor em potencial; essa é a razão da premente necessidade da instalação de novas fontes produtoras de energia elétrica.

Sob essa ótica, mas só agora, o governo federal está bonificando aqueles que economizam energia elétrica, apenando os que não têm seu consumo médio diminuído. Essa atitude é injusta e mal feita; vejamos.

Tomemos, por exemplo, duas famílias hipotéticas, morando na mesma cidade, em casas semelhantes e com o mesmo número de pessoas; uma família tem hábitos econômicos e a outra é, decididamente, perdulária, além de optar por excessivo conforto.

A família perdulária tem aquecimento central elétrico que permanece ligado 24 horas por dia, ar condicionado em todos os cômodos, todas as suas lâmpadas são incandescentes e de alta potência, ficando acesas mesmo em cômodos onde não existam pessoas, todos os moradores têm televisor em seus quartos e sua geladeira é de grande consumo, aliada a uma manutenção inadequada. Seu consumo médio é de 1.000 kW/mês.

A família econômica, ao contrário,

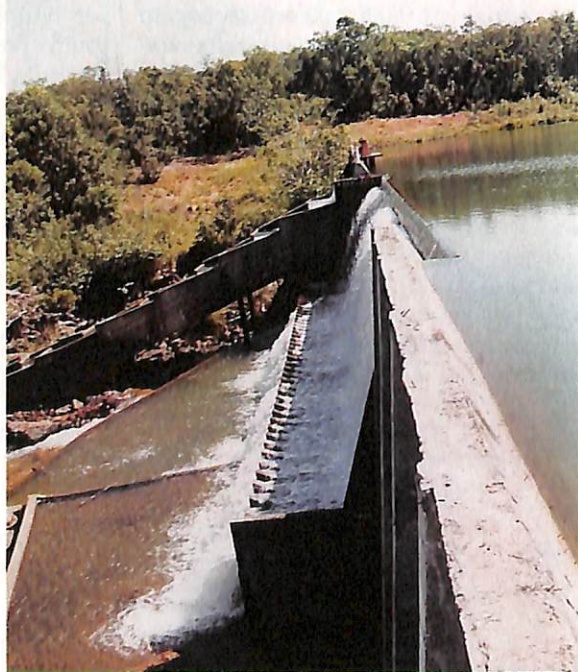
de há muito tem lâmpadas fluorescentes e de baixo consumo, permanecendo acesas somente na presença de usuários; não há ar condicionado ou aquecimento central elétrico, ao contrário, seu aquecimento é solar. Um único televisor serve a todos os moradores. Seu consumo médio é de 200 kW/mês.

Dentro do atual sistema, a primeira família deve reduzir seu consumo para 800 kW/mês. Meta fácil de ser atingida, é só desligar o aquecimento central e racionalizar o uso da geladeira, dos televisores e das lâmpadas, que podem ser trocadas por modelos mais econômicos. A segunda família deve reduzir seu consumo para 180 kW/mês, meta difícil de ser atingida. Nesse caso, a família que sempre foi econômica não tem como se enquadrar na meta estabelecida e será apenada; já a família perdulária atingirá, facilmente, seu objetivo, embora continue a gastar quatro vezes mais que a outra; o consumo médio por pessoa, que em síntese é o que interessa, será maior.

Num exemplo real, a imprensa noticiou, como uma grande vitória, que a Presidência da República, já no primeiro mês de racionamento, economizou cerca de 30% do seu consumo médio. Seria um ótimo exemplo se esse consumo médio, de acordo com a mesma fonte, não fosse superior a 40.000 kW/mês. Dizem que, por “questões estéticas”, os prédios da Presidência da República mantinham todas as suas lâmpadas acesas por todo o período noturno. Além disso, o Palácio da Alvorada, mercê de um projeto inadequado, é co-

berto por lajes de concreto, que o transformam numa grande estufa, obrigando à utilização de potentes sistemas centrais de ar condicionado em todas as suas salas, mesmo naquelas desocupadas. Foi só apagar as fortes luminárias externas e a meta foi atingida.

Numa visão futura, vemos que agora devemos desperdiçar água, gás, etc., pois, se vier um racionamento, com facilidade atingiremos uma meta de redução. Se já estamos racionalizando e economizando, poderemos pagar multa num futuro próximo. O sistema adotado, antes de tudo, é injusto; quem “paga o pato” são aqueles que já economizavam! ■



A Granja

...só agora, o governo federal está bonificando aqueles que economizam energia elétrica, apenando os que não têm seu consumo médio diminuído

SISTEMA PD: potenciais e limitações

Emerson Urizzi Cervi

Prestes a completar três décadas no Brasil, o Plantio Direto virou sinônimo de eficiência do ponto de vista econômico e ecológico para muitas das principais culturas agrícolas anuais. Apesar de ser considerada pelos técnicos e pesquisadores da área a melhor alternativa para a exploração racional dos solos, em situações específicas ainda é preciso ter cautela ao se tratar da implantação do sistema. Não por deficiências do plantio direto, mas por falta de pesquisa. Assim como outras técnicas de cultivo agrícola, o plantio direto foi introduzido no Brasil pelos produtores e não a partir da pesquisa.

Foram agricultores preocupados com os prejuízos causados pelas chuvas torrenciais sobre solos descobertos que, no início dos anos 70, começaram a copiar o que já se fazia nos Estados Unidos: plantar sobre a palhada, sem arar e gradear o solo. Assim como foram agricultores imigrantes da Europa, nos séculos XVIII e XIX, que trouxeram para o Brasil a técnica de tombar a terra antes do plantio.

A tradição européia mantida pela necessidade de "quebrar a dormência" do solo no primavera, após severos invernos, foi transferida para o Brasil e toda a América Latina pelos imigrantes que não levavam em consideração as condições particulares de solo e clima



na região. Essa tradição foi mantida por séculos, enquanto a pesquisa científica da área estava preocupada principalmente em reduzir os danos causados ao solo. Após três décadas de plantio direto, a pesquisa científica continua trabalhando para tentar acompanhar as necessidades dos produtores rurais. Mas quando o agricultor não quer arriscar, o melhor é manter a tradição, até que os pesquisadores possam assegurar o desenvolvimento de tecnologia adequada para a implantação do sistema de plantio direto correndo poucos riscos.

O pioneiro do plantio direto no Brasil, Herbert Bartz, 61 anos, (agricultor de Rolândia, no norte do Paraná) conta que no final dos anos 70, quando a pesquisa científica ainda não aceitava o plantio direto, participou de um congresso técnico em que ouviu pesquisadores afirmando que, em solos argilosos, era necessário arar e gradear para evitar a compactação do terreno. Quando chegou a vez de Bartz falar sobre sua experiência aos participantes do congresso, ele começou com a frase que em seguida se tornou famosa: "Quem diz que o plantio direto não serve para solos brasileiros

O PD tem se mostrado como evolução ecológica e econômica indispensável

69,5 sacas/ha

Em seus 1.500 ha de lavoura de soja, Vicente obteve o resultado de 69,5 sacas/ha e foi o campeão em produtividade.

Nem seria preciso dizer que fertilizante ele usou.

Serrana
Turbo

Serrana
FERTILIZANTES
Ao lado de quem produz



Vicente Luiz Costa Beber - Nova Mutum - MT

está precisando de uma descompactação no cérebro.”

De lá para cá muita coisa mudou. Os grandes centros de pesquisa agropecuária brasileiros, públicos e privados, já têm profissionais especializados no estudo do plantio direto. A tecnologia está conseguindo vencer obstáculos. Tanto, que a região com maior crescimento de plantio direto nos últimos anos tem sido o cerrado brasileiro. Por exemplo, o curso de agronomia da Universidade Federal do Paraná (UFPR) firmou uma parceria com a Fundação ABC, de Castro – Paraná para desenvolver a pesquisa “Plantio Direto como fator de sustentabilidade do sistema de produção agrícola”, que começou em 1999 e deve ser concluída em 2003. Os principais objetos de estudo dessa pesquisa são a decomposição dos adubos verdes, o comportamento do Nitrogênio e a melhor maneira de fazer a calagem dos terrenos sem a incorporação. “Existem pontos como fertilidade do solo e aplicação de calcário em plantio direto que ainda não estão resolvidos, e a pesquisa precisa avançar muito”, diz a professora Celina Wisniewski, chefe do departamento de solo e engenharia agrícola, do curso de

algumas transformações no campo e por isso temos que continuar buscando soluções e alternativas em questões nas quais os agricultores não conseguem avançar.”

Na hora de escolher que técnica de cultivo utilizar, a pesquisadora dá uma sugestão aos agricultores: em caso de dúvida, optar por aquela sobre a qual se tem domínio. O melhor, para não errar, é conhecer as culturas com as quais se está trabalhando, a dinâmica do clima e as condições do solo. Apenas dessa forma é possível minimizar os riscos de prejuízos. “Uma coisa já se sabe: apesar da falta de informações sobre o plantio direto em algumas culturas, a técnica protege mais o solo do que o plantio convencional com as mais avançadas formas conservacionistas”. Isso, por um motivo simples. Durante os meses de maior incidência de chuvas no ano — entre novembro e fevereiro —, os solos cultivados pelo sistema convencional ficam descobertos, pois a lavoura de inverno já foi colhida; o solo revolvido e a espécie de verão está nas primeiras fases de desenvolvimento, não conseguindo garantir a proteção necessária contra as enxurradas. Já no plan-



mais de uma década um trabalho de acompanhamento da perda de solo causado pelas chuvas. Para uma chuva de 76,7 milímetros em 24 horas, um simulador de erosão do IAPAR constatou perda de 82 quilos de terra seca em um canteiro de 35 metros quadrados de terra nua. O canteiro que tinha uma cobertura de tela a 30% perdeu 13 quilos de solo, e o canteiro que estava coberto por palhada não apresentou perda de terra. O experimento foi realizado em uma área com declividade de 8%. Há agricultores brasileiros que cultivam em terrenos com mais de 35% de declive, o que facilita a ação erosiva da água da chuva. Em poucos anos de uso, a fertilidade e o potencial de produção da área chegam próximo de zero, inviabilizando comercialmente as propriedades. O problema é tão grave que, desde meados dos anos 90, o Governo Federal e os governos de vários estados têm incentivado a substituição do sistema convencional de cultivo pelo plantio direto, para reduzir as perdas pela erosão. Linhas de crédito com incentivo para aquisição de implementos apropriados ao cultivo em palhada têm se tornado cada vez mais comuns. Aqui, mais uma vez aparece o problema da insuficiência de pesquisa científica para acompanhar as demandas dos produtores. Questões como melhor forma de adubação em plantio direto, em diferentes tipos de solo, ainda não foram respondidas.

A pesquisa tem avançado, principalmente em solos arenosos, que são os

Hoje, os grandes centros de pesquisa já têm profissionais especializados no PD

agronomia da UFPR. Ela é uma das coordenadoras da pesquisa em parceria com a Fundação ABC.

“O plantio direto é uma técnica de cultivo do solo menos agressiva que o convencional, mas ainda precisa de pesquisa em várias áreas, para quebrar alguns paradigmas”. A professora lembra, por exemplo, que é possível fazer plantio direto de feijão, mas ainda existem poucas recomendações técnicas testadas a respeito da cultura. Também existem problemas como inadequação de implementos para o plantio direto em áreas com alta declividade. Nesses casos, o melhor é fazer o cultivo convencional em nível, utilizando terraços e outras técnicas para minimizar os efeitos do processo erosivo. “Não há uma receita pronta em nada na agricultura, inclusive no Plantio Direto. É preciso ter informações adequadas, para não ser malsucedido na atividade”, diz. “De maneira geral, infelizmente, a pesquisa tem andado atrás de

tio direto, durante esse período o solo fica recoberto pela palhada da cultura de inverno, evitando a erosão.

Apesar de não haver tradição entre os agricultores brasileiros de quantificar a perda de solo ou fertilidade causados pela exploração agrícola, foi justamente a erosão do sistema convencional de cultivo o maior incentivador para o desenvolvimento do plantio direto. Anualmente, são cultivados cerca de 70 milhões de hectares no Brasil, que produzem quase 100 milhões de toneladas de grãos. Em relação a isso, estima-se que a perda de solo fértil seja de 800 milhões de toneladas por ano. São 10 toneladas de solo a menos para cada tonelada de grãos produzida. A manutenção da terra nua em regiões de clima tropical e subtropical acelera a degradação da terra em até 20 vezes, segundo pesquisas do Instituto Agrônomo do Paraná (IAPAR).

O pólo regional do IAPAR em Ponta Grossa – Paraná vem desenvolvendo há



A Granja

Ainda é preciso fomentar pesquisas em várias áreas, para quebrar alguns paradigmas

mais suscetíveis à erosão. Para esses, já existem resultados de trabalhos a respeito do comportamento de nutrientes importantes, como o Nitrogênio e o Fósforo, que apóiam os técnicos de campo nas recomendações que fazem aos produtores. Porém, essas mesmas recomendações não podem ser simplesmente transferidas para todos os produtores ou todas as culturas, já que as diferentes condições podem gerar resultados muito distintos.

Por outro lado, o principal mito em relação ao plantio direto, a compactação do solo, parece estar sendo vencido pelos resultados de pesquisas recentes. Em primeiro lugar, pesquisadores já demonstraram que a compactação do solo é provocada principalmente pelo tráfego de máquinas pesadas e não em função da falta de revolvimento da terra. Uma das maneiras para evitar a compactação do solo tem sido o redimensionamento dos

pneus das máquinas e tratores, para reduzir a pressão sobre faixas estreitas de terra. Isso vale tanto para o plantio direto quanto para o convencional.

Especificamente para o plantio direto, a recomendação tem sido utilizar coberturas verdes com sistema radicular profundo. As raízes das plantas ajudam a reduzir a compactação sem causar a pulverização da terra, como acontece após a utilização de arações e gradagens seguidas. “O auxílio do sistema radicular no combate à compactação é um avanço do plantio direto, mas ainda estamos muito dependentes do nabo forrageiro, que praticamente é a única espécie utilizada que possui raízes profundas. Precisamos avançar mais nessa área, também”.

Um ponto que o produtor precisa levar em conta para optar entre o plantio direto e o convencional é a fertilidade

da área. O plantio direto é reconhecidamente melhor para aproveitar o potencial de nutrientes da terra. Porém, para ingressar no sistema, recomenda-se que áreas muito degradadas sejam “melhoradas” antes. Isso, porque nas primeiras safras as plantas sentem a mudança das práticas de manejo. Depois de três ou quatro anos no sistema, o plantio direto permite uma reciclagem maior dos nutrientes do solo, a partir da manutenção da matéria orgânica na área. “Se a biomassa é mantida sobre a terra, com decomposição natural, o aproveitamento fica sendo muito maior do que se ela é queimada ou incorporada ao solo, o que causa uma mineralização mais rápida”, explica Celina. Nutrientes mineralizados são indisponíveis para as plantas. “Estamos caminhando em direção ao plantio direto como principal sistema de cultivo agrícola no Brasil”, completa. ■



19 LINHAS COM ESPAÇAMENTO 17,5 cm
DISPONIBILIDADE DE KITS PARA AS DEMAIS CULTURAS.

SEMEADEIRA DE ARROZ PARA PLANTIO DIRETO E CONVENCIONAL

A SD 19 AZ LAVRALE é uma máquina que atende totalmente sua necessidade no plantio de **ARROZ**.

Reforçada, de grande autonomia, de baixo custo de manutenção e simples operação, com qualidade **LAVRALE**. Equipada com duplo disco, desencontrado, aro limitador de profundidade, roda compactadora simples, separador de linha e distribuição por rotor helicoidal.

PREÇO ESPECIAL AO ORIZICULTOR R\$ 18.700,00

Para pagamento à vista, com ICMS diferido, IPI incluso. Atendimento direto da Fábrica. Validade até outubro/01, ou duração do estoque especial para esta promoção.

Ligue já: (054) 229-2211

LAVRALE

LAVRALE MÁQUINAS AGRÍCOLAS LTDA.

Rua Oberdan Cavinatto, 290 - Fone/Fax: 0xx54 229-2211
Caixa Postal 739 - CEP 95055-450 - Caxias do Sul - RS
www.lavrale.com.br - e-mail: lavrale@lavrale.com.br

AÇÚCAR E ÁLCOOL

Indefinição paira no mercado

No mercado de açúcar, a constante desvalorização do real frente ao dólar vem beneficiando as exportações do produto pelas usinas, ao mesmo tempo em que as indústrias domésticas hesitam em comprar ao nível de preços exigidos, devido à demanda estável. Segundo fontes do mercado, as exportações brasileiras acumuladas ao longo deste ano cresceram 57%, comparadas com o mesmo período do ano passado (ver gráfico).

Por outro lado, acredita-se que - após os atentados sofridos pelos Estados Unidos -, se houver um embargo econômico contra os países do Oriente Médio (Irã, Iraque, Síria e Egito), reflexos seriam sentidos no mercado. Isso, porque depois de Rússia e China, esses países têm grande participação nas importações mundiais. Com a paralisação da bolsa de Nova Iorque, o mercado ficou prati-

camente estagnado, com poucas operações, tanto na bolsa de Londres como na BM&F. Analistas internacionais acreditam que a normalização do mercado deverá ocorrer com a reabertura da NYBOT em Long Island.

Apesar da incerteza sobre o preço do barril de petróleo no mercado mundial, que por consequência poderá causar elevação dos preços internos da gasolina, ainda não existe definição para o comportamento dos preços no mercado interno de álcool anidro. Em setembro, no mercado futuro de álcool anidro, os vencimentos não apresentaram uma tendência uniforme, apesar da correlação com o açúcar ter mostrado uma leve melhora. Deve-se destacar a elevação dos preços para os vencimentos março e maio/2002, em razão da incerteza sobre o estoque de passagem e quanto ao momento em que ocorrerá maior escassez do produto.

Adriano Barrichello, gma@bmf.com.br

Artigo redigido em 17/09/2001



ALGODÃO

Situação das operações de apoio à comercialização

O 6º Leilão de Prêmio de Escoamento de Produto (PEP) de algodão, realizado no dia 13 de setembro, apresentou mudanças que reanimaram os leilões: 66,72% do volume ofertado foi negociado. A oferta foi de 30 mil toneladas, sendo negociados subsídios para 20.018 toneladas, com o prêmio único para todos os adquirentes de R\$ 0,35/kg. Foi alterada também a data mínima para a validação das notas fiscais, que passa a ser a data do leilão. Além disso, o governo estabeleceu como limite para o pagamento a data de 90 dias após o leilão, podendo o comprador e o vendedor negociarem livremente as condições, desde que dentro desse intervalo de tempo. Quanto às operações de aquisições do Governo Federal - AGF, até a presente data, tem-se a inexpressiva cifra de 4.242 toneladas, em virtude de o produtor ter como alternativa de comercialização o PEP. Tal fato tem contribuído para que

não haja maior demanda para realização de AGFs.

Estão em andamento acordos para evitar uma redução na área de plantio e para garantir os preços do algodão na próxima safra. Em uma reunião realizada no dia 11 de setembro, entre o setor privado e autoridades do Ministério da Agricultura, foi cogitado de a indústria se comprometer a pagar ao produtor o preço mínimo oficial para a nova safra de R\$30,32/€, desde que o governo garanta o pagamento da diferença, caso os preços internacionais fiquem abaixo do mínimo oficial.

No dia 14, o indicador de preço de algodão em pluma, calculado pela Esalq/BM&F, ficou em R\$85,72/lp. Em dólar, o indicador fechou em US\$31,89/lp. O índice "A" do Cotlook foi fixado em US\$41,55/lp. A Bolsa de NY fechou no dia 17 de setembro em US\$38, vencimento Out/01, e US\$37, vencimento Dez/01.

Fabianna Minekawa, gma@bmf.com.br

Artigo redigido em 17/09/2001



MILHO

Expectativa para a nova safra

Mesmo com a baixa demanda nos dois primeiros leilões de contrato de opções de venda de milho, o governo não deve mudar sua estratégia de ofertar 3 milhões de toneladas para garantir o preço mínimo de R\$10,00/sc na safra de verão. Desse modo, só será possível avaliar a eficácia dos pregões após a realização do quinto leilão que totalizará o volume previsto. Confirmou-se o novo leilão de opção do dia 17 de setembro, com cerca de 600 mil toneladas (22.225 contratos).

Os excelentes preços praticados pelo mercado em 2000 levaram ao aumento da área plantada de milho, gerando produção, em 2000/2001, de 41 milhões de toneladas produzidos em 13.079,9 milhões de hectares. O gráfico 1 mostra a evolução da área colhida e suas respectivas produções na última década. No momento, todos os esforços das regiões produtoras estão

voltados aos preparativos do plantio da próxima safra. A antecipação do início das chuvas será decisiva para o abastecimento do milho na entressafra de 2002, pois, com a possível diminuição da área plantada na próxima safra de verão e colheita precoce da soja, o cultivo da safrinha poderá ser intensificado. A instabilidade cambial, ampliada pelos incidentes norte-americanos, leva produtores com dívidas em dólar a redobrar as atenções.

Porém, por outro lado, as exportações de milho, frango e suínos estão estimuladas, principalmente no caso de frango e suínos, já que o Japão registrou o seu primeiro caso de "vaca louca". Na BM&F, o vencimento de novembro/2001 estava sendo cotado a US\$ 5,02/saca e janeiro/2002 a US\$ 5,30/saca, ambos em 17/9/2001 e com referência na praça de Campinas.

Seneri Kernbeis Paludo, gma@bmf.com.br

Artigo redigido em 17/09/2001



CAFÉ

Cooperativas recebem menos produto

As bolsas de café continuaram em declínio no período de 30 de agosto a 15 de setembro de 2001, segundo analistas, devido à falta de fundamentos altistas e à expectativa em torno da abertura das primeiras floradas no Brasil.

Nos últimos dias, a ausência do referencial nova-iorquino e o estado geral de incerteza entre os operadores mundiais determinaram o ritmo lento dos negócios, que novamente se basearam em fatores técnicos. Em 31 de agosto, os estoques das cooperativas brasileiras totalizaram 5.335.900 sacas de café beneficiado, volume 14,5% superior aos estoques do mês anterior (4.658.704 sacas).

O recebimento acumulado da safra atual é de 4.363.314 sacas, 25,4% inferior em relação à safra do ano anterior (5.848.918 sacas).

No mês de agosto, a BM&F negociou 57,1 mil contratos futuros de café,

equivalente a 5.711.900 sacas, superando o recorde anterior de julho/2000, quando foram negociados 56,8 mil contratos. Outro recorde histórico atingido nesse período foi o número de contratos em aberto, que ultrapassou os 18 mil. A participação dos estrangeiros, com relação às posições em aberto compradas, passou de 10% em janeiro para 30% em agosto.

A cotação BM&F base dezembro/2001 teve queda de US\$ 4,70/saca nos últimos 15 dias, fechando a US\$ 52,90/saca. Em Nova Iorque, a cotação base setembro atingiu, no dia 4, sua menor cotação dos últimos 25 anos, US\$ 47,50/lb. O indicador Esalq fechou no dia 14 de setembro a R\$ 113,43 a saca. É importante salientar que, além dos baixos preços praticados pelo mercado, a qualidade da safra atual não é das melhores, o que tem depreciado ainda mais o preço do produto.

Eduardo de Siqueira Ribeiro, gma@bmf.com.br

Artigo redigido em 17/09/2001



SOJA

Safra americana ainda indefinida

Passado o impacto inicial dos atentados terroristas nos Estados Unidos, o mercado de soja voltou a atenção para a oferta norte-americana, tendo repercutido na Bolsa de Chicago perspectivas relacionadas à divulgação do tão esperado relatório de setembro do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). Os números divulgados pelo órgão oficial foram: produtividade média norte-americana de 42,82 sacos/ha (um pouco abaixo do relatório de agosto, que estimava uma produtividade média de 43,38 sacos/ha) e produção de 77,12 milhões de toneladas. Números que o mercado considerou "baixistas", pois se acreditava que a estiagem teria afetado de forma mais intensa o cinturão de produção norte-americano, provocando danos maiores à cultura.

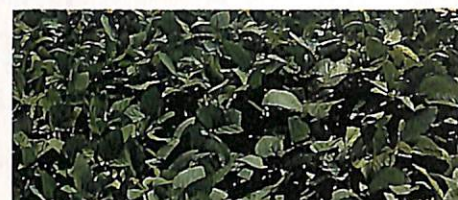
Talvez pelo conservadorismo do

USDA, as estimativas não se alteraram tanto quanto o mercado esperava, provocando baixa imediata nos contratos futuros negociados na Bolsa de Chicago. Mas estes voltaram a operar em alta logo em seguida. Na verdade, os números reais da safra 2001/2002 norte-americana somente serão conhecidos após a colheita.

O relatório também projetou que a produção brasileira de soja no ano safra 2001/2002 será de 39 milhões de toneladas, sendo o mesmo valor do último relatório e superior às 37,50 milhões de toneladas estimadas para a safra 2000/2001. Essa cifra sinaliza o esperado aumento da área plantada, voltando a atenção para o hemisfério sul, pois com o início da colheita da safra norte-americana, o mercado volta suas expectativas para a área plantada e para o clima na América do Sul.

Seneri Kernbeis Paludo, gma@bmf.com.br

Artigo redigido em 17/09/2001



SOJA - EUA - PROJEÇÃO DE OFERTA & DEMANDA
Safra 2001/2002

Área plantada (mls/ha)	30,40
Área colhida (mls/ha)	30,00
Produtividade média (sc/ha)	42,82
Estoque final	6520
Produção	77008
Importação	120
Oferta total	83648

BOI GORDO

Expectativas contraditórias

O mercado de boi gordo operou com pouco suporte na primeira quinzena de setembro. As condições de oferta seguiram estáveis, devido a uma aparente desistência por parte dos produtores em obter altas mais significativas. Os patamares de preço permanecem estáveis nos principais centros consumidores do País. O indicador Esalq/BM&F fechou no dia 14 de setembro em R\$42,14/€. No atacado, o traseiro foi comercializado a R\$ 3,23/kg e o dianteiro a R\$ 2,10/kg. A partir da segunda quinzena de setembro poderá haver um aumento na oferta de carne, devido a uma possível entrada de maiores volumes de gado confinado no mercado, já que as chuvas ocasionam uma perda de rendimento para o gado confinado.

Com relação aos preços no mercado futuro, os vencimentos próximos, setembro, outubro e novembro/2001, se

ajustaram ao físico, apresentando um pequeno recuo das cotações, fechando em 14 de setembro a R\$ 42,35/€, R\$ 43,60/€ e 44,30/€, respectivamente, confirmando o deslocamento do pico da entressafra para novembro e, em algumas regiões, para dezembro.

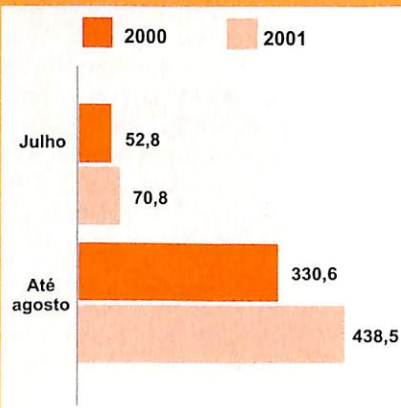
Quanto aos vencimentos mais longos, como dezembro/2001 e fevereiro/2002, caracterizados como vencimentos de safra, sofreram uma pequena valorização, se comparados aos vencimentos de entressafra, fechando a R\$ 44,80/€ e 45,00/€, respectivamente. Essa alta pode ser explicada pela expectativa no aumento das exportações de carne bovina que, em agosto, já atingiu um novo recorde para o mês de julho, com 70,8 mil tons equivalente carcaça, superando em 25,3% o mesmo mês do ano passado. Com isso, as exportações brasileiras totalizaram 438,5 mil tons neste ano, 24,6% acima de 2000.

Caio Rivetti, gma@bmf.com.br

Artigo redigido em 15/09/2001



EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE CARNE BOVINA
Mil/t Eq. Carcaça



ARROZ

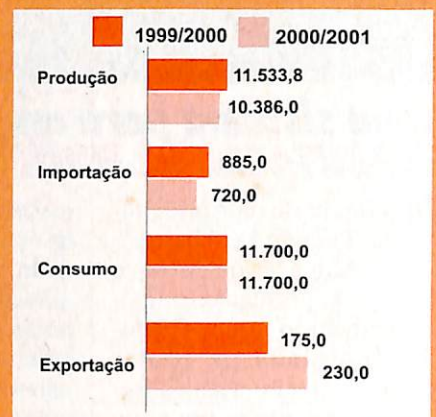
Exportação ao Irã deve sair em novembro

A exportação de 30 mil toneladas de arroz gaúcho deverá ser concretizada no mês de novembro e alcançará preço de US\$ 230 a tonelada, cerca de 25% abaixo dos preços praticados na América. A expectativa é que o embarque do cereal possa desafogar o mercado interno no início da safra, diminuindo a pressão de oferta e a queda nos preços. O produto a ser negociado é da safra 1998/1999, beneficiado e estocado pela Conab, destinado às exportações fora do Mercosul. Se confirmada, será a primeira experiência com comercialização para o Irã, país que produz entre 2,5 e 3 milhões de toneladas do cereal. Há possibilidade de se ampliar o negócio, a ser fechado com as empresas Mercon e Serra Morena, para até 30 mil toneladas. O Irã é o segundo maior país que deve apresentar aumento nas importações, passando de

1.000 para 1.250 toneladas. De olho no mercado iraniano também está a Tailândia, que neste ano deverá bater o recorde de embarques internacionais, com volume acima de seis milhões de toneladas. Quanto ao mercado nacional, no Rio Grande do Sul a oferta reduzida do produto em casca elevou os preços acima dos R\$ 18,00 em todo o Estado. A cotação segue a tendência anunciada para o segundo semestre em função de diversos fatores, como a escassez do produto, devido à quebra da safra e à redução da oferta do Mercosul. No Mato Grosso os negócios estão em ritmo lento, com os vendedores forçando os preços para cima. A cotação do produto em casca está na faixa entre R\$ 16,50 e R\$ 19,00 livres junto às indústrias. O beneficiado segue variando dos R\$ 23,00 aos R\$ 25,00 para o sequeiro em fardo com tendência de aumento da demanda.



OFERTA E DEMANDA DE ARROZ EM CASCA
Em mil toneladas



FEIJÃO

Produção nacional caiu 16,9%

De acordo com a Conab, a produção nacional de feijão na safra 2000/2001 foi de 2,57 milhões de toneladas. A 1ª safra teve uma queda de 17,7% na produção; a 2ª safra, 22,6%. Já a terceira safra teve um aumento de 24,5%. No total, a produção nacional caiu 16,9%, se comparada à safra anterior. Segundo analistas de mercado, isso explica os bons preços praticados no mercado de feijão desde o início do ano. Na 2ª safra, a redução ocorreu principalmente no Nordeste, que produziu apenas 487,6 mil toneladas, contra 845,7 mil toneladas de 2000. A queda foi de 42,3%. Na 3ª safra, o aumento de 17,6% na área e de 24,5% na produção pouco compensou as reduções das outras duas safras, uma vez que representa apenas 11,1% da produção nacional.

As baixas temperaturas registra-

das após 15 de setembro na Região Sul causaram prejuízos aos produtores que já haviam plantado. Tomando-se essa mesma data como referência, verificou-se no mercado feijoeiro uma certa estabilidade nos principais pontos de comercialização, tendo tanto as indústrias como atacadistas uma presença moderada. Em Santa Catarina, o feijão é neste ano uma das opções mais rentáveis ao produtor, assim como a soja. A cotação atual para o feijão preto no oeste catarinense é de R\$ 85,00 a saca de 60 quilos.

O retorno do frio, no entanto, deve mudar os planos dos produtores, forçando a substituição do feijão pelo milho. Apesar disso, Santa Catarina espera colher uma área plantada superior em até 15%. No ano passado foram cultivados no Estado 100 mil hectares.



COMPARATIVO DE PRODUÇÃO DE FEIJÃO
Em mil toneladas





A. Granja

Novo sistema para ampliar EXPORTAÇÃO DE FRUTAS

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) criou um novo sistema de produção frutícola, conhecido como Produção Integrada de Frutas (PIF). A iniciativa dará à fruticultura brasileira um novo diferencial na qualidade, para ampliar sua participação no mercado externo. O modelo vai conferir o selo de qualidade e propiciar as condições de rastreabilidade sobre os processos produtivos adotados pelos fruticultores. Com essa sistemática, será possível gerar produtos de

melhor qualidade, conforme os requisitos da sustentabilidade ambiental, segurança alimentar e viabilidade econômica, mediante a utilização de tecnologias não-agressivas ao meio ambiente e à saúde humana. A adesão ao sistema não será obrigatória, ou seja, o produtor poderá optar em utilizar ou não. O PIF é um sistema concedido pela Organização Internacional da Luta Biológica e Integrada Contra Animais e Plantas Nocivas (OILB), e reconhecido pela Comunidade Econômica Europeia (CEE).

COAMO entre as 100 melhores empresas do País

Uma das empresas brasileiras mais inovadoras na área de tecnologia da informação. Esse foi o reconhecimento recebido pela Cooperativa Agropecuária Mourãoense Ltda. (Coamo) após um levantamento realizado pela revista Information Week Brasil, do grupo It-Mídia. De acordo com a pesquisa, a Coamo é a 37ª colocada no ranking do País, entre as 100 mais inovadoras, pertencentes a diversos setores da economia. No segmento comércio, onde também está inserida, a Coamo obteve 3º lugar. Para o presidente da Coamo, José Aroldo Gallassini, a colocação da cooperativa no ranking de tecnologia de informação mostra que a empresa está no caminho certo, com a utilização de equipamentos de última geração, visando ao suporte à estrutura organizacional para prestação de serviços aos cooperados.

CAMIL assume a Josapar

A Camil Holding LLC, de São Paulo/SP, assumiu o controle da Joaquim Oliveira S.A Participações (Josapar), com sede em Pelotas/RS. A negociação envolve a compra de 54,7% do capital votante e de 53,7% do capital total da empresa gaúcha. O protocolo de intenções, firmado em 31 de agosto, estabelece que as operações de processamento e industrialização de alimentos das duas empresas serão integradas. A previsão é de que até fevereiro do próximo ano, prazo de vigência do protocolo, surgirá uma nova empresa, com capitais integralizados pela Camil Holding e holdings familiares, remanescentes das duas famílias

Oliveira (Josapar) e Quatiero (Camil). A operação conjunta dará à nova empresa pelo menos 16% do mercado interno de arroz, com possibilidade de avançar ainda mais. A Josapar é líder no mercado de arroz branco com a marca Tio João, detendo 10%, seguida pela Camil, com 6%. A junção das operações colocará a nova empresa, ainda sem nome definido, entre as maiores do mundo no processamento e distribuição de arroz, através da soma das 520 mil toneladas da Josapar com as 440 mil toneladas da Camil, totalizando 960 mil toneladas, quase 20% de toda a safra de arroz do Rio Grande do Sul.

Banco do Brasil assina CONVÊNIOS

O Banco do Brasil assinou, durante a 24ª Expointer, 16 convênios com sindicatos, empresas, prefeituras, cooperativas e agropecuaristas, num montante de R\$ 53,6 milhões. Entre os destaques, estão o convênio BB Agro com a Cabanha Santo Izidro, que estabelece uma linha de crédito de R\$ 1 milhão para aquisição de animais e operações para aquisição de insumos das Cooperativas Triticola Alto Jacuí (Cotrijal) e Triticola Sarandi (Cotrisal). Em relação à primeira, foi liberado um montante de R\$ 2,4 milhão e, para a segunda, com atuação em 20 municípios do Estado, R\$ 3,3 milhões. Outro negócio foi realizado com a empresa AGCO do Brasil, através de um convênio de cooperação técnica e financeira no valor de R\$ 10 milhões, para atender financeiramente os clientes que venham a adquirir máquinas e implementos fabricados pela AGCO e comercializadas na região Centro Oeste. Durante a solenidade foi anunciada ainda a liberação de R\$ 1,7 bilhão para a safra de verão, em linhas de crédito do Banco do Brasil, num incremento do 20% sobre o que foi oferecido em 2000. De acordo com o presidente do Banco, Eduardo Guimarães (na foto), através desses incentivos serão beneficiados 300 mil produtores rurais, dos quais 270 mil são pequenos.



Leonardo Cabral



Divulgação

TAM compra TRATORES NEW HOLLAND

Um total de 44 tratores da marca New Holland estão circulando pelos terminais aeroportuários da TAM, após a realização, em setembro, de um negócio de R\$ 1,3 milhão entre as duas empresas. A grande novidade da transação foi que, para atender o pedido da empresa aérea, a New Holland precisou desenvolver um trator especial, usando a plataforma da série mundial TL. O resultado do projeto foi a criação do modelo TL65-A (aeroporto), que passa a ser oferecido ao mercado brasileiro. Os novos modelos se-

rão utilizados na transferência de bagagens do terminal de passageiros ao avião e vice-versa. De acordo com Edgar Guolo, do departamento de *marketing* da New Holland, a negociação com a TAM ocorreu num momento em que os negócios no setor de maquinaria agrícola vão de vento em popa. A montadora registrou, durante os sete primeiros meses deste ano, crescimento de 27,6% nas vendas de tratores, em comparação ao mesmo período de 2000, aumentando de 3.182 para 4.063 unidades.

Saldo positivo no VINOBRAZIL

O Salão Brasileiro do Vinho, realizado em setembro em Bento Gonçalves/RS, superou as expectativas dos seus organizadores e encerrou com saldo positivo. A estimativa é de que o evento tenha sido visitado por mais de sete mil pessoas, o que resultou num bom volume de negócios. A expectativa é que, em relação à primeira edição, realizada em 1999, tenha havido um crescimento na ordem de 80%. A previsão para o próximo ano é de um aumento de 20% na área de exposição, afirmou o diretor da Newtrade, empresa promotora do Salão, Vicente Puerta.



A Granja

AGRICULTURA nas normas da OMC

A Organização Mundial do Comércio (OMC) deve incluir a agricultura nas disciplinas que regem atualmente o comércio internacional de bens não-agrícolas, ou seja, todas as negociações envolvendo indústria, serviços e agricultura devem ser feitas e aprovadas em bloco. A proposta foi apresentada pelo ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), Marcus Vinícius Pratini de Moraes, e deverá ser defendida em novembro, quando ocorre nova reunião da OMC. "Chegou o momento de dar fim aos injustificáveis subsídios às exportações, que encorajam a produção ineficiente e fomentam a competição desleal. Ela deprecia os preços, reduz a participação em mercados e desestabiliza os mercados internacionais para agricultores competitivos", afirmou o ministro. De acordo com ele, o Mercosul mantém posição fechada a respeito da prioridade de incluir o tema agrícola em uma nova rodada da OMC. "Ou se negocia agricultura ou não se negocia nada", destacou Pratini. "Os Estados Unidos também apoiaram a medida por não acreditarem em possibilidade de crescimento sustentável das economias em desenvolvimento, como a do próprio bloco sul-americano, sem a expansão do comércio agrícola", ressaltou.

ANOTE AÍ

Está marcado para o período de 3 a 5 de outubro, no Hotel-Fazenda Fonte Colina Verde, em São Pedro/SP, o II *Workshop* de Fertilização - Flores, Frutas e Hortaliças. Informações podem ser obtidas pelo fone (19) 422.9197.

O XII Curso Pensa - Gestão de Agronegócios acontece nos dias 5 e 6, 19 e 20 de outubro, nas dependências do novo Centro de Treinamento da Fundação Instituto de Administração, Rua José Alves Cunha Lima 172, Butantã, São Paulo - SP. Informações pelo fone (11) 3731-5311 ou fax (11) 3731-2439.

O III Simpósio Sobre Agricultura de Precisão será realizado de 16 a 18 de outubro, das 8h às 17h30min, no Anfiteatro do Pavilhão de Engenharia, Esalq/USP. No programa, palestras sobre tendências e desafios da agricultura de precisão, utilização do GPS e mapeamento de atributos do solo, uso de GPS sem correção no mapeamento de produtividade de grãos e a aplicação de ferramentas de agricultura de precisão na espacialização de um banco de dados agrônomico. Informações pelo fone (19) 422-9197.

De 29 de outubro a 1º de novembro, na Estação Experimental Agrônômica da UFRGS, em Eldorado do Sul/RS, acontece o Curso de Secagem e Aeração de Grãos. O objetivo é apresentar fundamentos para conservação de grãos, secagem em altas temperaturas, psicometria, entre outros. Informações e inscrições pelo fone (51) 471-4640.



Divulgação

SOJA para consumo humano

A Embrapa Soja, de Londrina/PR, lançou as cultivares BRS 213 e BRS 216, específicas para consumo humano. Em fase de multiplicação de sementes, as variedades deverão chegar ao produtor rural na próxima safra. “As cultivares irão atender a demanda das indústrias de alimentos e abrir novas oportunidades”, afirma a pesquisadora Mercedes Carrão Panizzi. A BRS 216, de semente pequena, deve abrir espaço para a soja brasileira no mercado japonês. Esses grãos reduzidos são ideais para a produção de natto – alimento obtido pela fermentação da soja –, pois favore-

cem a absorção de água, o cozimento e o crescimento rápido do microorganismo *bacillus natto*, responsável pela fermentação do grão. Possui teor de proteína em torno de 43% e alta concentração de isoflavonas, que atuam na prevenção de doenças crônico-degenerativas. Já a cultivar BRS 213, indicada para o Paraná, tem excelente rendimento e resistência às principais doenças. “Conseguimos eliminar a presença das enzimas responsáveis pelo sabor característico da soja, o que irá dispensar o tratamento térmico antes do consumo”, destaca a pesquisadora.

SEMENTES CRIOULAS de milho

Oriundas de diversas regiões do Rio Grande do Sul, as sementes crioulas de milho são a única modalidade de cultivar cuja semente pode ser utilizada para a semeadura da próxima geração, sem previsão de queda de rendimento. Pelo segundo ano consecutivo, amostras de 120 variedades diferentes estiveram expostas na Expointer 2001. Os milhos crioulos são produzidos e mantidos pelos agricultores através dos anos. As vantagens da manutenção são a preservação da biodiversidade e a possibilidade de disponibilizar para o pequeno produtor maior quantidade de material genético.



Leandro Cabral

MELANCIA *starbrite* é opção

Com boa adaptação às condições regionais de plantio e grande receptividade no mercado gaúcho, a melancia híbrida *starbrite*, da Asgrow, tem ampliado sua aceitação pelos produtores, crescendo cerca de 20% ao ano. Agricultores gaúchos vêm conseguindo uma produtividade de 45 toneladas por hectare. O formato cilíndrico, com extremidades quadradas, favorece melhor acomodação no preparo da carga, permitindo ao produtor colocar sua safra em mercados como o de São Paulo, pois o produto suporta bem o transporte a longas distâncias. De ciclo médio – cerca de 85 dias –, a *starbrite* pode ser plantada entre setembro, outubro e novembro, evitando-se os custos com a proteção através de mini-estufas utilizadas no inverno.

TOMATE resistente ao geminivírus

A HortiCeres está colocando no mercado o tomate híbrido longa vida Densus com resistência ao geminivírus TYLCV, um dos mais agressivos conhecido no mundo. Alguns tipos de geminivírus vêm causando sérios prejuízos em lavouras de tomate das principais regiões produtoras do Vale do São Francisco, Goiás e São Paulo. Os sintomas variam conforme o estágio de desenvolvimento da planta infectada por vírus transmitido pela mosca branca. “Com produtividade média de 350 caixas/1000 pés, o híbrido Densus apresenta boa performance de campo, mesmo sob a ocorrência de outros geminivírus”, explica o gerente de vendas da HortiCeres, Ayrton Tullio Júnior. O Densus é resistente a outras doenças comuns ao tomateiro, como o fusarium raças 1 e 2, ao vírus do mosaico do tabaco, ao verticilium, ao Stemphylium e a nematóides.



Divulgação

BANANAS longa vida

Modificar geneticamente as frutas para que elas permaneçam frescas por mais tempo. Esse é o objetivo da pesquisa realizada pelos cientistas da Universidade Nacional de Cingapura, que visa a desenvolver as chamadas bananas longa vida. Segundo o professor Pua Eng Chong, a modificação genética permitirá que as frutas produzam até 90% menos gás etileno, responsável pelo seu amadurecimento e apodrecimento. “O problema é

que esses frutos são altamente perecíveis e só podem ser transportados em sistemas de refrigeração muito caros”, argumenta. A experiência possibilitará a economia de milhões de dólares em custos de armazenamento, já que as bananas permanecerão frescas por até quatro meses. De acordo com dados da universidade, a cada ano a produção mundial de bananas é de 70 milhões de toneladas, movimentando cerca de US\$ 1,5 bilhão anual.

Lavrale lança SEMEADEIRA



Divulgação

A Lavrale lança a semeadeira de hortaliças SPH 110, com capacidade de depósito de sementes de seis a dez quilos. Ela é montada em estrutura de perfil cantoneira e sistema de plantio com rolo de cinco lâminas marcadoras e de tração. O engate dos dois pontos do sistema hidráulico do trator é flutuante, utilizado para transporte e arraste. A distribuição das sementes é feita através de um sistema de régua perfurada, acionada por corrente de transmissão comandada pelo rolo. A máquina é indicada para o plantio de cenoura, beterraba e rabanete.

Lavrale Máquinas Agrícolas Ltda.,
Rua Oberdan Cavinatto, 290, Caixa Postal 739, Caxias do Sul/RS, CEP 95055-450, fone/fax: (54) 229-2211.

StaraSfil apresenta REBOQUE

A StaraSfil está lançando o Reboke 12000, equipamento exclusivo para o transporte de fertilizantes, grãos e sementes, fabricado em módulos de polietileno. A forma do chassi elimina depósitos de fertilizantes que dão origem a focos de oxidação, comum nas carretas fabricadas em chapas metálicas. O equipamento apresenta baixo custo de manutenção, pois a construção modular permite a substituição rápida apenas do componente comprometido.

Stara S.A. Indústria de Implementos Agrícolas, Av. Stara, 519, Caixa Postal 53, Não-Me-Toque/RS, CEP 99470-000, fone/fax: (54) 332-2800.



Divulgação

Caterpillar investe em nova RETROESCAVADEIRA

A Caterpillar está produzindo, na sua fábrica de Piracicaba/SP, a retroescavadeira 416D, de 74 hp e 80 hp. A 416D é bastante versátil, com vasto número de aplicações: terraplenagem em geral, escavações, carregamento de caminhões, assentamento de tubos, compactação, aterros sanitários, demolições, recuperação de vias públicas, construção de rodovias e acostamentos, loteamentos, etc. Um dos pontos que diferencia positivamente a máquina em relação às demais existentes no mercado é a profundidade de escavação: 4,39 metros, com braço-padrão com perfil em curva, para facilitar a execução de trabalhos sobre obstáculos.



Divulgação

Caterpillar Brasil Ltda.
Rod. Luiz de Queiróz, km 157, s/nº, Caixa Postal 330, Distrito Unileste, Piracicaba/SP, CEP 13400-970, fone: (19) 429-2100.

Novo PULVERIZADOR para o produtor de uva

A Jacto desenvolveu nova tecnologia para o produtor de uva, levando em consideração as características próprias da lavoura. O pulverizador compacto Arbus 500 Uva possui direcionador de ar escamoteável, para proteção contra choques com a plantação. Protege os vinhedos com a aplicação de defensivos contra as pragas e garante maior produtividade, tanto no combate quanto na preservação das vinhas durante o processo.

Máquinas Agrícolas Jacto S.A. Rua Dr. Luiz Miranda, 1650, Pompéia/SP, CEP 17580-000, fone: (14) 452-1811.



Divulgação

GRANULÔMETRO mede tamanho ideal da ração

O Granulômetro Embrapa/Perozin foi apresentado durante a Expointer 2001, quando o equipamento recebeu o Prêmio Prata Gerdau Melhores da Terra, na Categoria Novidade. A finalidade do equipamento – que passará a ser produzido em série pela Perozin Indústria Metalúrgica, a partir de uma parceria com a Embrapa Suínos e Aves – é medir o tamanho das partículas de milho, após a trituração do produto nos moinhos. Outra vantagem do granulômetro é a redução do consumo de energia. O equipamento tem por princípio comprimir as partículas de milho triturado através de um êmbolo de peso acionado manualmente.

Perozin Ind. Metalúrgica, Rua Jorge Perozin, 110, Caixa Postal 62, Concórdia/SC, CEP 89700-000, fone: (49) 442-1466.



Divulgação



Othon d'Eça Cals de Abreu é diretor-presidente da Kepler Weber S/A, com sede em Panambi/RS, Destaque "A Granja do Ano" em Silos e Armazenagem. Ele falou em nome dos agraciados durante a cerimônia de entrega dos troféus, na Expointer 2001

Uma visão de FUTURO

Não estamos aqui para tecer críticas, pois temos que reconhecer que houve ganhos significativos – principalmente após a globalização – que levaram os produtores rurais à retomada da produção e, a cada novo recorde de safra, é uma demonstração da mudança da postura deles, agora obrigados a buscar maior eficiência e competitividade. E, mesmo de uma forma ainda deficiente, o governo federal sensibilizou-se com esses esforços e lançou, baseado em um planejamento lógico, as linhas de crédito que beneficiam o custeio, a mecanização e, agora, finalmente, a armazenagem.

E agora – abandonando um pouco os outros agraciados – venho, em nome das empresas fabricantes de instalações para armazenagem, agradecer o empenho e a dedicação do Ministro da Agricultura, Pratini de Moraes, na obtenção de dotação própria no plano agrícola 2001/2002 para o setor de armazenagem e também na manutenção da Linha Moderfrota.

São essas atitudes corajosas de poucos que vêm permitindo ao Brasil superar suas dificuldades. Esse crédito à armazenagem começa a ser, embora embrionário, o primeiro apoio oficial para atenuar as perdas da agricultura. Realmente, é inadmissível que as perdas de grãos cheguem praticamente a 15% da safra. O prejuízo corresponde a 10 milhões de toneladas, ou aproximadamente US\$ 1 bilhão, pela falta de armazéns graneleiros em níveis de propriedades rurais. A deficiência de estrutura de armazenagem de volume e transportes deficientes ocasionam perdas que comprometem os grãos (soja, milho, trigo e arroz).

Entendemos, ainda, que a política ideal não é a concentração da safra em grandes silos, mas a distribuição desta em pequenas propriedades rurais – cada silo dimensionado para a produção da fazenda, ou então a reunião de pequenas propriedades para serem atendidas por um único silo (grupo de produtores ou cooperativas).

Para exemplificar, citamos que, enquanto no Brasil apenas 10% das colheitas são armazenadas no local das lavouras e a distância percorrida pelos grãos, além de encarecer o produto, reduz a qualidade pelo tempo e condições do transporte, na Europa esse índice chega a 50% e, nos Estados Unidos, a 65%. Nossa vizinha Argentina já se aproxima do nível de 50% da capacidade de armazenagem de grãos em nível de lavoura.

Por tudo que já falamos, não é possível deixar que o agronegócio continue sendo tratado apenas como “mais um”. Ele representa 28% do PIB brasileiro, ou seja, R\$ 307 bilhões, e também é a âncora das exportações brasileiras, com 35,30%, representando R\$ 10,21 bilhões apenas no primeiro semestre de 2001.

Pela própria situação atual do País, entendemos e até mesmo compreendemos a impossibilidade de conceder justos subsídios. Entretanto, pedimos energeticamente que, diante da impossibilidade de nos dar esse tratamento digno, seja incluída nas futuras políticas agrícolas nacionais uma atitude

firme e enérgica contra a nova lei agrícola dos Estados Unidos, a vigorar a partir de outubro de 2002, que, além de manter os atuais programas de subsídios diretos e indiretos aos agricultores, aumenta o papel intervencionista do governo na sustentação dos preços agrícolas. É criado um novo mecanismo de apoio aos produtores, os chamados “Pagamentos Contracíclicos”, baseados no preço-alvo, inclusive para a soja e demais oleaginosas, que também serão incluídas no programa de pagamento direto aos agricultores.

Então, se o governo não dispõe de meios financeiros para contra-atacar tamanhas distorções, que use com todo o vigor a arma diplomática; lute para obter êxito na igualdade entre todos, pois não se pode falar em ALCA, prevista para 2005, com tamanha desigualdade. Podemos combater, sim, no que diz respeito ao nosso trabalho, mas não um gigante arbitrário, apoiado na força do dinheiro. O do trabalho, já os vencemos na produtividade por hectare. Portanto, a nossa parte já foi feita, falta apenas o poder do governo e da diplomacia.

Mas o produtor brasileiro, continuará lavrando a sua dor por acreditar num Brasil melhor, porque se assim não o fizer, de que valerão seus ombros arqueados e suas mãos calejadas? Por favor, vamos dar-lhes uma visão de futuro sem injustiças sociais! ■

Mas o produtor brasileiro, continuará lavrando a sua dor por acreditar num Brasil melhor, porque se assim não o fizer, de que valerão seus ombros arqueados e suas mãos calejadas?

Economia e Negócios

O melhor dos adubos

Graças aos investimentos em tecnologia, a produção brasileira de grãos dispara

Os bilhões de reais investidos no desenvolvimento da agricultura nos últimos anos começam a mostrar resultado. Na semana passada, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística anunciou que a safra agrícola nacional baterá novo recorde em 2001. Ao todo, serão produzidos 98 milhões de toneladas de grãos. Esse número poderá superar a barreira dos 100 milhões, o que levaria a um aumento de 20% em relação a 2000. Um desempenho como esse seria mais facilmente obtido no passado através da ampliação da área cultivada. Não foi o que ocorreu. Ele é fruto quase exclusivo da melhoria da produtividade das lavouras. Nos últimos dez anos, as plantações brasileiras de grãos aumentaram sua produção em 75%. Nesse mesmo período, as áreas destinadas ao plantio ficaram quase do mesmo tamanho.

Na agricultura, a melhoria da produtividade sem expansão de território só é obtida de uma forma: com investimento em tecnologia — seja uma semente geneticamente modificada para resistir a doenças, pragas e mudanças de clima, adubos turbinados ou novos tratores e colheitadeiras. Na última década, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) investiu cerca de 1,5 bilhão de reais no

A s...
As no...
multip...
a produ...
campo...
a área...
tenha c...
(em tone...

56 MILHÕES
(em 37 milhões
de hectares)

40...
1991 1992

Fonte: IBGE

melhoramento genético. Atualmente, parte de sua exportação de tecnologia de tecnologia para agricultores, o Brasil já é líder

NOSSO ADUBO É TURBINADO ATÉ NO NOME

Serrana Turbo

VEJA O RESULTADO

69,5 sacas/ha

Em seus 1.500 ha de lavoura de soja, Vicente obteve o resultado de 69,5 sacas/ha e foi o campeão em produtividade.

Vicente Luiz Costa Beber
Nova Mutum - MT



Campos diferentes

A produtividade média das duas principais culturas agrícolas brasileiras em comparação com a obtida nos Estados Unidos (em sacas por hectare)

	BRASIL	ESTADOS UNIDOS
SOJA	47	43
MILHO	60	140

Fonte: Agriconsult

transfe...
nhecim...
América...
Caribe e...
diz Alber...
gal, presi...
Embrapa...
logia e crê...
medida certa...
mitiram mod...
zar as fazen...
No ano que...
sou, a renova...
das frotas de tra...
res e colheitade...
ras foi uma de...
maiores de todo...
os tempos.

Os melhores resultados desses investimentos são vistos nas planta-

Serrana
FERTILIZANTES
Ao lado de quem produz



**Nem vermelho,
nem amarelo.
O campo está ficando
cada vez mais azul
New Holland.**

No campo o que não falta é serviço. E para dar conta do recado, o seu trator tem que ser versátil e econômico, tem que ter tecnologia e estar preparado para enfrentar as multitarefas da sua fazenda. É por isso que os produtores eficientes estão mudando para o New Holland Exitus, o trator

perfeito para quem faz questão de evoluir.

Se você quer mais produtividade, o seu próximo trator não vai ser nem vermelho, nem amarelo. Passe no seu concessionário e conheça o trator que vai deixar tudo azul na sua fazenda. Porque você já evoluiu. Só faltava o trator.



EXITUS

O trator multiuso da New Holland.



NEW HOLLAND